



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
NÚCLEO DE MEIO AMBIENTE É NUMA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DOS RECURSOS  
NATURAIS E DESENVOLVIMENTO LOCAL - PPGEDAM**

**ALESSANDRA SAMPAIO CUNHA**

**FRAGMENTO DE TERRITÓRIO DE PESCA NA AMAZÔNIA:  
COMUNIDADE SEGREDINHO/CAPANEMA-PA**

Belém-PA  
2011

**ALESSANDRA SAMPAIO CUNHA**

**FRAGMENTO DE TERRITÓRIO DE PESCA NA AMAZÔNIA:  
COMUNIDADE SEGREDINHO/CAPANEMA-PA**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação PPGEDAM, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia, sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Cardoso de Moraes.

Belém-PA  
2011

---

C972f Cunha, Alessandra Sampaio.

141f.

Fragmento de território de pesca na Amazônia [manuscrito]: Comunidade Segredinho/Capanema-Pa / Alessandra Sampaio Cunha. - 2011.

Impresso por computador (fotocópia).  
Orientador: Sérgio Cardoso de Moraes.

Dissertação (Mestrado em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente, 2011.

1. Pesca artesanal . Amazônia. 2. Pescadores . Práticas cotidianas. 3. Pescadores . Organização social. I. Moraes, Sérgio Cardoso de. II. Universidade Federal do Pará. III. Título.

CDD: 639.209811

---

**ALESSANDRA SAMPAIO CUNHA**

**FRAGMENTO DE TERRITÓRIO DE PESCA NA AMAZÔNIA:  
COMUNIDADE SEGREDINHO/CAPANEMA-PA**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação PPGEDAM, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia, sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Cardoso de Moraes.

Defendida e aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Sérgio Cardoso de Moraes . Orientador  
Núcleo de Meio Ambiente (NUMA)  
Universidade Federal do Pará

---

Prof. Dr. Carlos Alexandre Leão Bordalo . Membro  
Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO)  
Universidade Federal do Pará

---

Profa. Dra. Sônia Maria Simões B. Magalhães Santos . Membro  
Núcleo de Meio Ambiente (NUMA)  
Universidade Federal do Pará

*À minha avó Maria de Lurdes Sampaio (in memoriam),  
À minha mãe Maria Oneide Sampaio,  
Ao meu pai Antonio Maria da Cunha e  
À minha tia Ir. Maria Odete Sampaio,  
Que pelos seus ensinamentos e valores  
ensinaram-me a ser uma guerreira,  
Ao meu esposo Gilney Alencar,  
Pelo nosso projeto de vida,  
Aos meus irmãos Antonio, Amós e Andreza,  
Pelo companheirismo que nos une,  
E a todos os meus amigos que celebram cada  
momento da minha vida...*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me brindar, ao longo da minha vida, com tantas maravilhas, transmitindo-me a luz de sua sabedoria e ensinando-me a agir com humildade e simplicidade e, sobretudo, permitindo-me crescer e melhorar como ser humano a cada dia.

Aos meus pais Antonio e Maria Oneide, pelo amor e dedicação, por compartilharem as minhas idéias, sempre acreditando na realização dos meus sonhos ao longo da minha vida.

Ao meu esposo Gilney, pelos momentos em que compreendeu minhas ausências, pela paciência, companheirismo, dedicação e amor a cada momento dessa conquista.

Aos meus irmãos, Antônio, Amós e Andreza que souberam demonstrar sua compreensão e companheirismo sempre com amor.

Às minhas tias e tio, que me ajudaram a internalizar valores significativos, tio Ruberval (*in memoriam*), tia Maria Onete e em especial tia Odete, que na força de sua fé em Deus ensinou-me valores que deram verdadeiro sentido à minha vida, assim como acreditar na misericórdia de um Deus todo-poderoso que me concede graça todos os dias.

Às minhas primas e aos meus primos, que estão sempre presentes e que através de simples momentos vividos e convividos dão sentido ao valor de uma família: Fátima, Paulinha, Meire, Nara, Janete, Janeide, Jacy, Rossivaldo, Ronivaldo e Rivaldo.

Aos meus sobrinhos e minhas sobrinhas, Maria Luiza, Cássia, Júlia e Léo, pela alegria de suas companhias, todo o meu imenso carinho.

Momentos vividos em uma jornada de construção de conhecimentos. E, neste ato de comemoração deste momento, sobrou pouco espaço para agradecer as emoções vividas, os sentidos que ficaram abalizados no decorrer deste caminho trilhado em dezoito meses de minha vida. Juntamente com os atores sociais desta pesquisa, os pescadores artesanais da Comunidade Segredinho, em especial Raimunda Tavares.

Dezoito meses que se entrecruzaram com tantos outros momentos e sujeitos queridos e amigos que fazem parte de minha história de vida. Amigos que sempre estiveram presentes em diversos momentos, sendo companheiros na alegria e na

dor emocional vivida recentemente. Amigos do mesmo espaço de trabalho do IFPA/Campus Bragança, em especial Nívia e Aninha. Estes são amigos e irmãos de vida.

Aos colegas de mestrado e de forma especial à Nádia, que, além dos laços que nos une na família e na amizade de muitos anos, foi companheira nesta batalha, com a Ângela, cuja convivência ultrapassou o convívio da sala de aula e lançou-nos em um outro nível de amizade.

Aos professores deste mestrado, pelas trocas, partilhas e crescimento intelectual.

Ao meu orientador, pelas experiências partilhadas na construção e desconstrução do conhecimento a cada etapa deste trabalho, pela sensibilidade e amizade fortalecidas no decorrer desta caminhada.

Enfim, pessoas especiais pelas quais tenho grande estima, como Gilberto, Antonia e Antonio Alencar, que foram imprescindíveis nesta conquista. Assim como outras que contribuíram bem antes desta caminhada iniciar e sempre serão lembradas nesses momentos. A essas pessoas dedico todo o meu carinho.

*Encontrada tanto nos longos ciclos a historia dos povos quanto no cotidiano das pessoas, a cultura está aí+em todas as dimensões da sociedade, com um conjunto complexo e diferenciados de teias . de símbolos e significados . com as quais homens e mulheres criam entre si e para si mesmos sua própria vida social. É assim que eles criam e transformam na história e em história os métodos de apropriação da natureza, de ordenação da estrutura social e de múltipla interpretação do mundo em que vive, dos seus modos de vida e do fato de serem elas mesmas do jeito como forem.*

Carlos Rodrigues Brandão (2002, p. 86-87).



## RESUMO

A pesquisa intitulada Fragmento de Território de Pesca na Amazônia, analisada através das práticas cotidianas de pescadores artesanais e da relação com os elementos naturais, teve como objeto de investigação o Lago Segredo a partir das histórias vividas e narradas por pescadores artesanais da Comunidade Segredinho, comunidade pesqueira rural da Amazônia, localizada no município de Capanema, na região do nordeste paraense. Para identificar os significados das práticas cotidianas desses sujeitos, nos valem de relatos e de observações das relações dos sujeitos com o meio ambiente. As análises dessas relações e práticas cotidianas foram estruturadas em dimensões que correspondem aos territórios de pesca na Amazônia, aos saberes da pesca, às identidades e tradições, assim como às territorialidades dos pescadores e à organização social da categoria. A dinâmica dessas dimensões, analisadas a partir da representação social, do trabalho e do saber popular, permitiu identificar e compreender o como e o porquê dos significados atribuídos aos saberes construídos no meio local, que se constituíram no eixo central deste trabalho. Como *corpus* de análise, utilizamos os discursos obtidos nas entrevistas abertas e semiestruturadas, reuniões periódicas com pescadores, aplicação de questionários, além de manter a observação sobre o comportamento das relações no interior da comunidade. Os resultados deste estudo permitem arguir que esses sujeitos construíram suas identidades a partir de sua relação com o meio local, o que proporcionou a construção do território simbólico/cultural do Lago Segredo, palco de vivências e partilhas que legitimaram suas relações com o meio em que vivem, assim como propiciaram o fortalecimento da categoria através da organização social para viabilização do ordenamento pesqueiro local.

**Palavras-Chave:** Território de pesca; Práticas cotidianas; Organização social.

## ABSTRACT

This research entitled Fragment Territory Fisheries in the Amazon, reviewed through daily practices of fishermen and the relationship with the natural elements, had as object of investigation the stories lived and narrated by the fishermen from the %Segredinho+Community, which is a rural fishing community located in the Amazon, in the district of Capanema northeast of Pará state. In order to identify the meanings of the daily practices of those subjects, we made use of stories and observations from the subjects' relationships with the environment. Analyses of these relationships and the daily practices were structured in dimensions that correspond to the fishing grounds in the Amazon, to the knowledge of fishing, identities and traditions, as well as the territoriality of the fishermen and the social organization of the category. The dynamics of these dimensions, viewed from the representation of social work and popular knowledge, allowed us to identify and understand how and why the meanings of the knowledge built into the local environment, which has become the lynchpin of this work. As a corpus, we used the speeches made in open and semi-structure, regular meetings with fishermen, questionnaires, and keep watching over the conduct of relations within the community. The results of this study allow us to argue that these individuals have built their identity from their relationship with the local environment, which enabled the construction of a symbolic / cultural territory from %Lago do Segredo+, scene of experiences and sharing that legitimized their relationship with the environment they live in, as well as the promotion of strengthening of the class through social organization to feasible local fishery management.

**Key Words:** Fishing territory; Daily practices; Social organization.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Localização da Comunidade Segredinho.....	22
Figura 2: Localização do Lago Segredo/território de pesca .....	24
Figura 3: Localização da Comunidade Segredinho no nordeste paraense .....	36
Figura 4: Lago Segredo, denominado território de pesca .....	38
Figura 5: Pescadores no portinho do Lago Segredo .....	59
Figura 6: Modalidades de pesca existentes no Lago Segredo .....	65
Figura 7: Pesca da caimanga no Lago Segredo .....	66
Figura 8: Pescaria de arrasto .....	67
Figura 9: Pescadora realizando a pesca de caniço no Lago Segredo .....	68
Figura 10: Pesca com rede de espera.....	68
Figura 11: Tipo de linha com anzol .....	72
Figura 12: Espinhel .....	72
Figura 13: Matapi utilizado para a captura do camarão .....	73
Figura 14: Tipo de flecha utilizada na pesca com lente.....	74
Figura 15: Tarrafa de linhote e chumbada.....	74
Figura 16: Cacuri.....	75
Figura 17: Malhadeira de uso dos pescadores.....	76
Figura 18: Paneiro com peixes do Lago Segredo .....	76
Figura 19: Tipos de embarcação do Lago Segredo (canoa e casco) .....	77
Figura 20: Croqui da Territorialidade dos pescadores.....	81
Figura 21: Procissão no Lago Segredo até a Igreja de São Pedro (manifestação cultural . São Pedro).....	83
Figura 22: Representação dos valores existentes no meio local.....	84
Figura 23: Reunião com os pescadores locais.....	86
Figura 24: Principal atividade das famílias da Comunidade Segredinho no ano de 2010 .....	88
Figura 25: Extração de peixes por época do ano (safra) versus principal atividade da família (pesca, pesca e agricultura) da Comunidade Segredinho no ano de 2010 ...	89
Figura 26: Índice de peixes extraídos por época do ano (entressafra) versus a principal atividade da família na comunidade no ano de 2010 .....	89
Figura 27: Renda familiar da Comunidade Segredinho versus atividade da família no ano de 2010 .....	90

Figura 28: Calendário da Pesca por meses do ano.....	91
Figura 29: Espécies de culturas cultivadas na Comunidade Segredinho .....	92
Figura 30: Espécies de plantas medicinais utilizadas na Comunidade Segredinho ..	93
Figura 31: Hortaliças cultivadas na comunidade .....	94
Figura 32: Animais capturados no entorno do Lago Segredo .....	95
Figura 33: Renda familiar da Comunidade Segredinho no ano de 2010.....	96
Figura 34: Percentual de homens e mulheres na Comunidade Segredinho no ano de 2010 .....	97
Figura 35: Faixa etária das pessoas da Comunidade Segredinho no ano de 2010 ..	98
Figura 36: Tempo de residência na Comunidade Segredinho no ano de 2010.....	98
Figura 37: Tipos de domicílio da Comunidade Segredinho no ano de 2010 .....	99
Figura 38: Tipos de construção de moradia na Comunidade Segredinho no ano de 2010 .....	99
Figura 39: Nível de escolaridade dos moradores da Comunidade Segredinho no ano de 2010 .....	100
Figura 40: Croqui do Lago da Comunidade Segredinho.....	102
Figura 41: Reunião com os pescadores locais discutindo a organização social da categoria.....	111
Figura 42: Participação dos moradores em alguma associação da Comunidade Segredinho no ano de 2010 .....	113
Figura 43: Porcentagem de participação em associação da Comunidade Segredinho no ano de 2010 .....	114
Figura 44: Reunião com os pescadores locais.....	118

## **LISTA DE SIGLAS**

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBO: Classificação Brasileira de Ocupações

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UFPA: Universidade Federal do Pará

## SUMÁRIO

<b>1 DO FRAGMENTO DE UMA HISTÓRIA ÀS INQUIETAÇÕES DE UM ESTUDO. .</b>	<b>15</b>
1.1 Fios e formas que contornam esta pesquisa .....	20
1.2 Definindo o território, a comunidade e identificando sujeitos .....	21
1.3 Caminhos trilhados .....	26
1.4 Procedimentos de análise dos dados .....	29
1.5 Fios que formaram a estrutura desta dissertação .....	30
<b>2 TERRITÓRIO DE PESCA NA AMAZÔNIA.....</b>	<b>33</b>
2.1 Território de pesca e dimensão simbólica.....	39
2.2 Território pesqueiro e relação mitológica .....	45
2.3 Território de pesca como espaço de múltiplos saberes.....	56
<b>3 SABERES DA PESCA, IDENTIDADES E TRADIÇÕES.....</b>	<b>61</b>
3.1 Tipos de pesca cultivados no Lago Segredo .....	63
3.1.1 Tipos de pesca.....	66
3.2 Instrumentos utilizados pelos pescadores do Lago Segredo.....	70
3.2.1 Linha com anzol.....	71
3.2.2 Espinhel .....	72
3.2.3 Matapi .....	73
3.2.4 Lente com flecha.....	73
3.2.5 Tarrafa .....	74
3.2.6 Cacuri.....	75
3.2.7 Malhadeira .....	75
3.2.8 Paneiro.....	76
<b>4 TERRITORIALIDADE DOS PESCADORES DO LAGO SEGREDO.....</b>	<b>80</b>
4.1 Fios que tecem o uso do território.....	86
4.2 Aspectos sociais dos sujeitos que utilizam o território .....	96
4.3 O Lago Segredo a partir da visão dos pescadores.....	101
<b>5 ORGANIZAÇÃO SOCIAL.....</b>	<b>108</b>
5.1 Organização social a partir da coletividade dos pescadores .....	112

5.2 Da organização social à viabilização da colônia dos pescadores do Lago Segredo .....	116
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>136</b>

## **1 DO FRAGMENTO DE UMA HISTÓRIA ÀS INQUIETAÇÕES DE UM ESTUDO**

A natureza histórica da atividade humana demarca o nível de consciência que os homens possam construir acerca do mundo que os rodeia. Isto significa que as produções sociais e culturais estão diretamente vinculadas às circunstâncias históricas, políticas, sociais e culturais que circunscrevem o cotidiano de quem as produz, demarcando seus interesses e suas necessidades.

Na concepção que perpassa todos os contextos vividos da relação homem e natureza, a utilização dos recursos naturais é vista como indispensável. É nesta configuração da relação entre homem e natureza que investigamos um fragmento de território de pesca na Amazônia, a partir dos saberes e das práticas cotidianas dos pescadores artesanais. Segundo Moraes (2007), os saberes não científicos ligados a populações tradicionais envolvem relações estreitas entre homem e natureza, permeados por relações de ordens pontuais e também míticas. São conhecimentos transmitidos das gerações mais experientes para as mais jovens, principalmente pela oralidade e pelas práticas do cotidiano.

A diversidade cultural presente nas relações sociais demonstra a variabilidade de domínios desenvolvidos pelos seres humanos, a exemplo os pescadores artesanais, que constroem conhecimento através do seu fazer pesqueiro, seja pela luta da sobrevivência material ou pela pulsão do prazer. Afinal, a busca pela sobrevivência torna um ser pensante e agente em seu meio, o qual desenvolve técnicas, instrumentos e comportamentos individuais e coletivos, por vezes identificados em práticas profissionais que lidam com o meio em que vive, entre seus pares e/ou outras espécies (LUCENA, 2005).

Nesse contexto, faz-se necessário retratar os pescadores artesanais em seu movimento social. Movimento que fortalece as organizações sociais desses sujeitos como atitude de manifestação de maneira mais formal, frente à falta de reconhecimento e dificuldades que permeiam o setor pesqueiro, perante os que buscam firmar seu papel enquanto sujeitos sociais e políticos.

Partindo de uma abordagem que situa a pesca como uma das atividades que compõem o quadro geral de (re)produção da vida em populações humanas, a pesquisa analisa um território de pesca no interior da Amazônia, nordeste paraense, e as formas de relação dos pescadores artesanais com os elementos naturais. Analisa também esse território enquanto território simbólico a partir das práticas



cotidianas dos sujeitos, assim como a representação deste para os pescadores e a forma de organização social dessa categoria para a viabilização do ordenamento pesqueiro local.

Entender como esse processo ocorre em territórios de pesca passou a ser nosso interesse central de investigação desde novembro de 2009, onde destacamos que só foi possível analisar o território de pesca enquanto território simbólico a partir das práticas cotidianas dos pescadores artesanais, que revelam através dessas práticas uma forte relação mística com os elementos naturais no meio em que vivem, presente até hoje em seus hábitos, sua cultura local, comportamentos e acontecimentos no dia a dia dos sujeitos. Desse modo, a representação simbólica desse território são fatos sociais que precisam ser entendidos a partir do seu contexto de produção (JODELET, 1984).

Definida a perspectiva de abordagem do objeto da pesquisa . território de pesca enquanto território simbólico, observamos que no território de pesca os elementos simbólicos ainda são mais intrigantes entre homem e natureza, pois a complexidade dessas relações que envolvem homens, meio ambiente, mitos e outros fenômenos que influenciam o universo da pesca são explicados através das práticas cotidianas dos sujeitos da pesca.

As práticas sócio-culturais da gente do mar, o conjunto de comportamentos, reúnem aquilo que denominamos por técnico, simbólico, social, econômico e ritual. Essas práticas são marcadas, de maneira original, por essas propriedades naturais do mar, socializadas pela aplicação dos diferentes sistemas. Mas segundo o valor social, econômico ou simbólico que as comunidades dão ao mar e aos seus recursos, o conjunto de práticas socioculturais dessas comunidades pode ser marcado de forma diferenciada. (GEISTDOERFER, 1989, p. 7).

Dessa forma, entre os vários aspectos de que se reveste o particularismo dos sujeitos da pesca sobressaem os aspectos simbólicos, mágicos e rituais de que se protege, em muitas comunidades de culturas pesqueiras, a relação homem/natureza. Esses aspectos simbólicos variam de cultura para cultura, seja no mar, em lagos e rios. É o lócus de vida, um ser vivo com o qual é preciso se conciliar antes de nele adentrar. As comunidades ligadas à pesca, mais do que outras, desenvolveram mitos e ritos relativos ao território de pesca e aos seres vivos que nele habitam (GEISTDOERFER, 1989).

Na perspectiva de elaboração da pesquisa, além da Geografia e da Antropologia, tivemos de ingressar nas veredas da Sociologia, da Psicologia, da Biologia, da Educação e buscar na pesca outros fios que se fizeram necessários nesse processo de construção. Isto significa dizer que, quando elegemos para foco de nossa dissertação o território de pesca e as relações dos sujeitos da pesca com os elementos naturais, estivemos atrelados a uma grande teia de várias áreas do conhecimento.

Assim como os que tecem conhecimento, que fazem uso de várias técnicas para encontrar os fios condizentes que melhor representem suas falas e significados, travamos diversos diálogos com autores de campos de conhecimentos diferentes como Loureiro (2001), Jodelet (1986; 1998; 2001), Moscovici (1978), Oliveira (2004), Santos (1991; 1996), Silva (1999), Lévi-Strauss (1991; 1986; 1975), Maldonado (1993), Haesbaert (2002; 2004), Diegues (1994; 1998), Claval (2007), Raffestin (1993), Moraes (2007), Cardoso (2001; 2003), Furtado (1987; 1988), entre outros, para obter os fios e a forma do objeto desta elaboração.

Preservar o patrimônio natural de comunidades rurais na Amazônia tem sido foco de muitas pesquisas, embora os resultados destas não tenham contribuído muito para a melhoria de vida dos amazônidas, em destaque os pescadores artesanais do Lago Segredo, que estão com seu patrimônio natural ameaçado, principal fonte de sobrevivência para sua (re)produção social.

A origem de tais implicações de escassez dos recursos naturais está relacionada à ausência do ordenamento pesqueiro local, assim como a forma que estes sujeitos se relacionam com os elementos naturais no espaço em que atuam. Além disso, essa territorialidade não é reconhecida pelos governantes da região responsáveis pela fiscalização e pelo controle da extração do pescado no território.

Partindo dessas discussões, a necessidade deste estudo se justifica pela importância na medida em que contribui para novas pesquisas nesse segmento tão rico de saberes nas comunidades rurais da Amazônia. Contribui também ao município de Capanema-PA, pois a partir dos resultados apresentados políticas públicas municipais poderão ser desenvolvidas direcionadas a esses profissionais da pesca, em especial no âmbito social, econômico e ambiental. Interessa também à academia, pois a partir deste estudo outras pesquisas poderão ser desenvolvidas nesse segmento.

Conforme afirmado anteriormente, a situação dos pescadores artesanais no nordeste paraense, em foco os pescadores do Lago Segredo, se mostra cada vez mais preocupante, pela falta de reconhecimento desses sujeitos no setor pesqueiro da região, enfatizando a pesca realizada de forma ilegal e desorganizada, provocando a escassez dos recursos naturais do lago, onde a cada dia está se intensificando a captura de peixes tanto pelos pescadores locais quanto por pescadores da região em geral. Diante desse fato, este trabalho procura fazer uma análise do que vem ocorrendo com a tradição no manejo do pescado local e como os pescadores estão organizados para mudar a situação atual para garantir seu patrimônio natural.

Os acontecimentos demonstram que os pescadores artesanais . mais especificamente os pescadores do Lago Segredo . terão de se fortalecer através da organização social da categoria para conquistar sua representatividade de forma legal, isto é, formalizar a criação de uma colônia frente aos desafios impostos e às dificuldades encontradas no dia a dia para garantir seus direitos e a preservação dos recursos naturais dos quais dependem para sua reprodução social.

Todavia, alguns descréditos foram demonstrados no início da pesquisa, o que se torna claro nas entrevistas e até nas pesquisas bibliográficas sobre a pesca artesanal de outras localidades da Amazônia brasileira em relação à contribuição das pesquisas no retorno para a categoria. Por meio da análise consistente desta realidade, os pescadores lutam para ter seus modos de vida e suas territorialidades asseguradas, podendo preservar suas culturas e seus modos de subsistir tradicionalmente por tempo indeterminado (SILVA; BEGOSSI, 2004).

Assim, no intuito de responder às questões norteadoras mais importantes desta pesquisa: a) Como é analisado o território de pesca enquanto território simbólico a partir das práticas cotidianas dos pescadores artesanais e a relação desses com os elementos naturais do Lago Segredo, no município de Capanema-PA? b) Qual a importância dos saberes da pesca, identidades e tradições do Lago Segredo e a representação social deste para os pescadores locais? c) Como ocorre a territorialidade dos pescadores artesanais do Lago Segredo? d) De que forma os pescadores artesanais do Lago Segredo estão organizados para a conquista de seus direitos?

Foram traçados os seguintes objetivos: analisar o território de pesca enquanto território simbólico a partir das práticas cotidianas dos pescadores artesanais e as

formas de relação dos pescadores com os elementos naturais, a fim de buscar subsídios que possam contribuir com o ordenamento pesqueiro do Lago Segredo, Capanema-PA; investigar a importância dos saberes da pesca, identidades e tradições do Lago Segredo e a representação social deste para os pescadores locais; analisar a territorialidade dos pescadores artesanais do Lago Segredo; e, por fim, mas não menos importante, contribuir com uma política de organização social dos pescadores artesanais para o fortalecimento da categoria na intenção de normatizar a atividade pesqueira local.

No cenário amazônico, a gestão de políticas públicas e o uso dos recursos naturais implicam identificar estes recursos, seu potencial e diversidade, bem como considerar a racionalidade do processo de apropriação a que estes recursos estão submetidos, suas condições de acesso e controle por parte das sociedades (SILVA, 2006).

Partindo desse enfoque, as hipóteses básicas deste trabalho, são de que o território de pesca dos pescadores artesanais no Lago Segredo, Capanema-PA, possui uma territorialidade definida por eles e não reconhecida pelos demais governantes locais. Portanto, por mais que não seja reconhecida oficialmente a territorialidade dos pescadores artesanais, estudos de campo preliminares apontaram sua existência de fato, o que reflete na principal atividade da comunidade, que assegura sua sobrevivência e reprodução social. De acordo com outras pesquisas realizadas (SILVA, 2004; MCGRATH, 1993; FURTADO, 1993) de modo similar a esta, usa-se o termo "zonas de pesca", existente em todo o território paraense. Este fato faz com que seja possível cartografar a área levando em consideração os padrões propostos pelos pescadores e a percepção territorial destes indivíduos, segundo suas práticas cotidianas e suas territorialidades.

Com base em um estudo de campo Cardoso (2001), Geografia e Pesca: aportes para um modelo de gestão, demonstrou que é evidente que o território de pesca no nordeste paraense não é ordenado de forma adequada, até mesmo por não ser reconhecido enquanto espaço de produção das comunidades rurais; ainda mais grave é a falta de reconhecimento da categoria de pescadores, que mesmo organizada enfrenta dificuldades em relação aos direitos sociais e políticos. Contudo, levam-se em consideração apenas os recursos e deixa-se de considerar os fatores sociais que fazem parte da formação desses sujeitos e de suas

territorialidades (HAESBAERT, 2004), fato este notado pela falta de uma fiscalização dos órgãos competentes em mapear esta situação.

Neste trabalho, foi realizada uma cartografia preliminar da área pesquisada, levando em consideração a percepção dos pescadores e os aspectos sociais, de modo que ficará disposta para a utilização dos pescadores em momento posterior.

Na construção das bases teóricas desta dissertação, buscamos um referencial teórico que nos permitisse compreender e analisar os sentidos impressos nos diálogos a partir de fatos ocorridos nos níveis de relações e interações entre os sujeitos da pesca. De modo geral, em pesquisa social, construir uma metodologia refere-se à escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômenos sociais (MINAYO, 2009). Nossa caminhada foi elaborada e vivenciada no intuito de construir uma pesquisa que compreenda o fenômeno pesquisado enquanto processo, ou seja, o percurso de sua constituição como apresentaremos a partir da subseção seguinte.

### **1.1 Fios e formas que contornam esta pesquisa**

O envolvimento com a teoria sobre territórios, valor simbólico e movimentos sociais nos levou a uma intensa e desafiante caminhada. A intensidade desse desafio foi marcada por momentos de interlocuções com o orientador, pelos diálogos acadêmicos e pela vivência com os sujeitos desta pesquisa.

Assim, na jornada de construção deste estudo, houve um intenso campo de polifonias no qual as ideias, as sugestões, as convicções e os significados que emergiram destes diferentes encontros e discursos partilhados fortaleceram-nos e redirecionaram nossas atitudes nos momentos de limitações.

Essa empreitada tratou-se, antes de qualquer coisa, do caminho e da realidade social vivenciada. Isso implicou uma concepção de ciência traduzida nos instrumentos da pesquisa, que permitiu a articulação operacional entre teoria e realidade empírica, com impactos decisivos sobre a construção do objeto de estudo . território de pesca enquanto território simbólico (SANTOS, 1991).

Desta forma, a dissertação em foco empenhou-se por apresentar uma coerência interna entre as opções teóricas e, por consequência, na definição do método e técnica desta pesquisa.

## 1.2 Definindo o território, a comunidade e identificando sujeitos

Diante do nosso objeto de estudo, o território de pesca enquanto território simbólico que os pescadores artesanais utilizam como espaço de (re)produção social através das suas práticas cotidianas e a relação desses com os elementos naturais, estabelecemos como parâmetro para a escolha do território a realidade dos sujeitos da pesca no cenário amazônico. O território de pesca situa-se na região do nordeste paraense, na Comunidade Segredinho, no município de Capanema-PA. Portanto, no interior desta comunidade, está localizado o Lago Segredo.

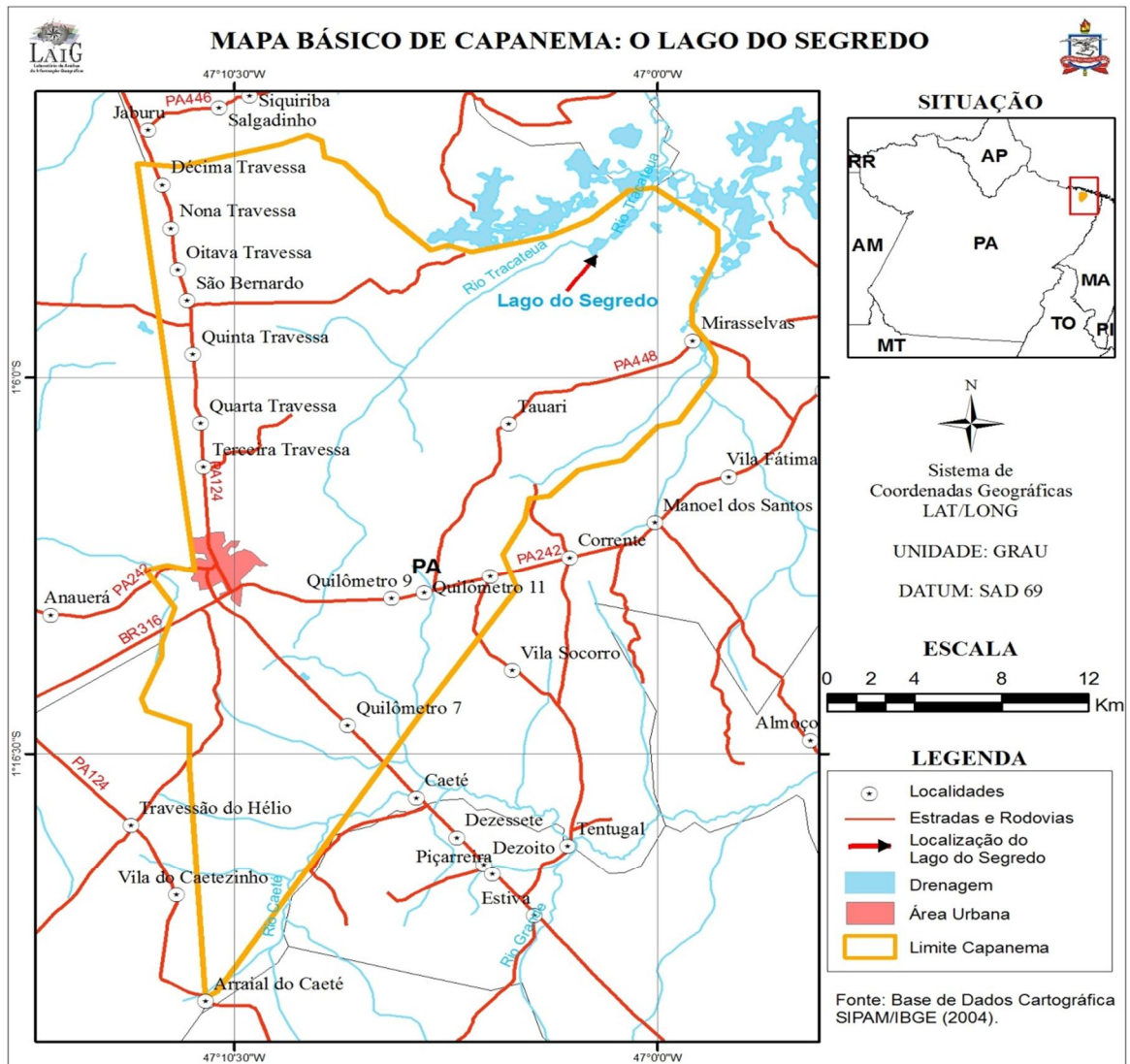
Após a definição do território de pesca na região nordeste paraense, definimos a comunidade. O parâmetro que estabelecemos foi o modo de vida desses sujeitos, ancorados numa cultura singular na região. O resultado desse parâmetro apontou a Comunidade Segredinho como o lócus final de nossa pesquisa. A comunidade está inserida em uma área formada por campos, capoeiras, rios e lagos. Sua economia está baseada principalmente na pesca artesanal de subsistência e na agricultura familiar (de feijão e mandioca).

A escolha da comunidade deve-se pela prática da atividade pesqueira realizada em um lago, o que retrata muito bem o cenário da pesca na Amazônia, que implica a necessidade de discutir e encontrar meios de garantir a organização da categoria de pescadores . atores sociais desta pesquisa . e a normatização da captura do pescado para a comunidade local, com o intuito de garantir a sustentabilidade dos recursos naturais da população que deles sobrevive, em especial a Comunidade Segredinho.

Além da dependência econômica que a comunidade mantém com o lago, a representação social deste para os moradores é muito significativa para a perpetuação de saberes e crenças aprendidas e desenvolvidas até hoje, seja através de seu uso econômico ou símbolo da herança de seus antepassados.

Localizada próximo à Vila de Tauari, distrito de Capanema-PA, e seguindo mais 3 km está a Comunidade Segredinho. Para chegar ao Lago Segredo, percorre-se mais 2,5 km até suas margens. A Comunidade Segredinho possui 146 famílias aproximadamente, que mantêm entre si níveis muito próximos de parentesco, e está caracterizada como uma comunidade pesqueira, embora não seja assim reconhecida na região pelos gestores municipais. Cabe ressaltar, conforme o

destaque no mapa a seguir, que esse território antes era um território indígena, o que termina por ampliar a complexidade de ocupação nessa região.



**Figura 1:** Localização da Comunidade Segredinho

Fonte: As informações foram geradas a partir de observações em campo e da análise de dados Cartográfica SIPAM/IBGE (2004).

Podemos observar na figura acima, a estruturação do Lago Segredo, que se origina da confluência de alguns igarapés em direção ao Rio Tracuateua, aliado à vegetação de igapó, caracterizando um lago de várzea. De acordo com Guerra (2001), os lagos de várzea são depressões mais rasas situadas nas planícies marginais ao leito de rios e igarapés.

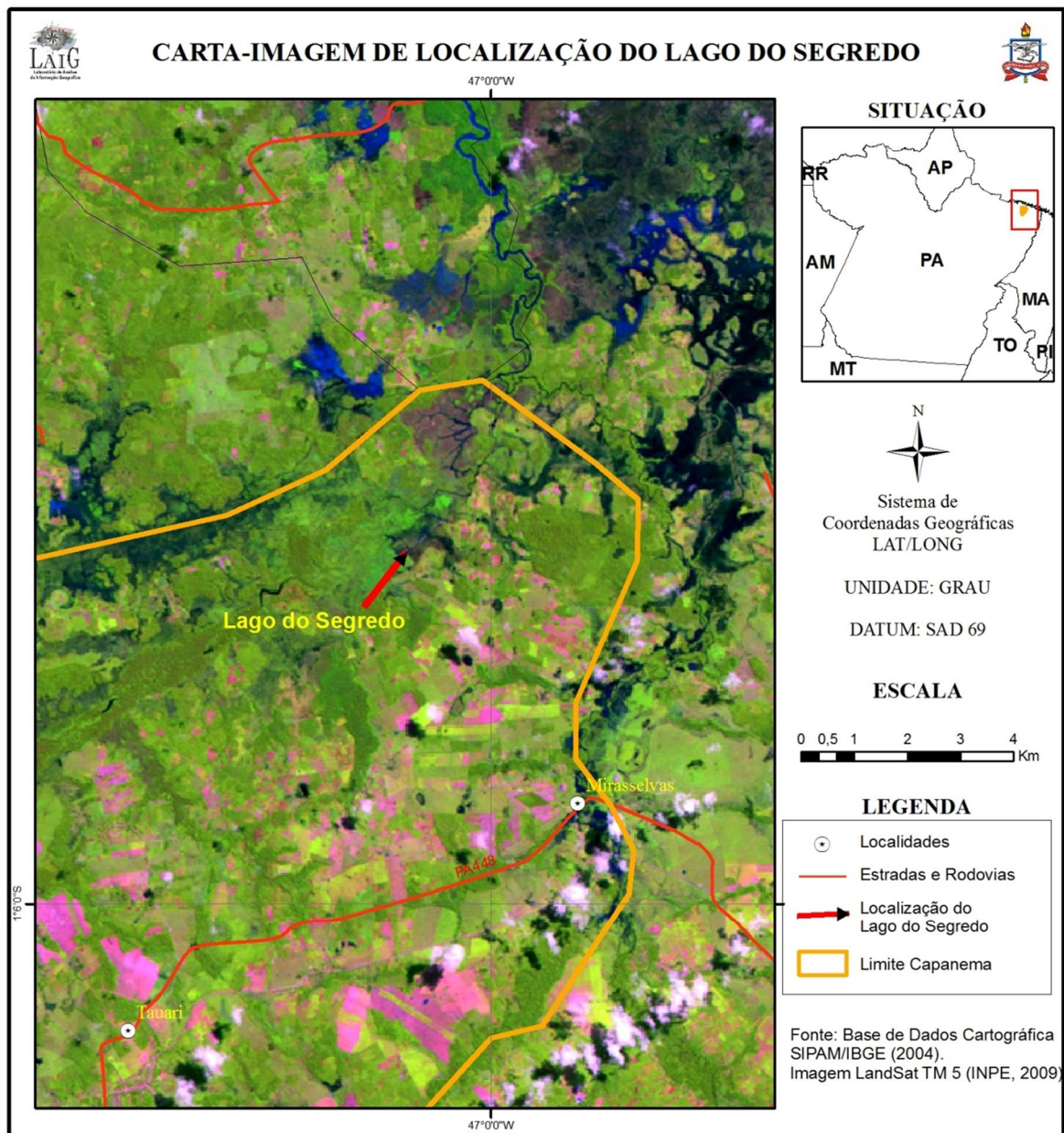
O Lago<sup>1</sup> Segredo é formado a partir da confluência de diversos corpos de água, oriundos da microbacia do Rio Tracuateua, dentre os quais podemos destacar o próprio igarapé<sup>2</sup> Segredo, igarapé Tatajuba, igarapé Curral Velho, igarapé Califórnia, igarapé Segredão, etc., que são adjacentes às comunidades de mesma denominação. Todos esses igarapés que formam a microbacia do Tracuateua compõem a bacia hidrográfica do Rio Quatipuru, na imagem a seguir (Figura 2):

---

<sup>1</sup> Depressão do solo produzida por causas diversas e cheias de águas confinadas, mais ou menos tranquilas, pois dependem da área ocupada pelas mesmas. Geralmente são alimentados por um ou mais rios afluentes (GUERRA, 2001).

<sup>2</sup> Denominação dada aos pequenos rios da Região Norte (Amazônia). Igarapé é um termo indígena que significa "caminho de canoa", cujo volume de água é bem menor que de um rio (GUERRA, 2001).





**Figura 2:** Localização do Lago Segredo/território de pesca

Fonte: As informações foram geradas a partir de observações em campo e da análise de dados Cartográfica SIPAM/IBGE (2004).

O Lago Segredo tem cerca de 8 metros de profundidade no ponto mais central do lago; no verão mais forte, chegou a medir cerca de 3 metros, de água salobra. As margens do lago são formadas pela vegetação de igapó, característica de terrenos baixos próximos a rios e igarapés, que são constantemente inundados.

As árvores podem atingir cerca de 20 metros de altura, mas no geral medem entre 4 e 5 metros. As espécies vegetais são aquelas adaptadas a terrenos alagadiços, ou seja, as hidrófilas, que em geral são plantas de médio e pequeno porte, como as aningas, ananins, bromélias, etc. Ultrapassando a parte mais alagada (igapó), a vegetação que circunda o lago é secundária típica do nordeste paraense, também conhecida como capoeira (como se observa na Figura 2), caracterizada por árvores de pequeno e médio porte como a embaúba e a ingá, além da vegetação rasteira.

Diante do número de famílias, foi aplicado o questionário focado nos aspectos socioeconômicos das 146 famílias da comunidade, ou seja, aproximadamente 100% dos domicílios na comunidade. A partir disso, foram escolhidos os sujeitos participantes desta pesquisa . os pescadores artesanais que vivem diretamente da pesca, uma vez que são os atores sociais dos territórios pesqueiros. Esse parâmetro, segundo Levin (1987 apud SILVA, 2004), permite ao pesquisador selecionar os sujeitos a que tem acesso, admitindo que esses possam representar o universo investigado (o que serve para estudos exploratórios ou qualitativos).

A amostra foi composta por 13% do número de famílias, sujeitos que aceitaram participar tanto das entrevistas quanto do grupo de conversa nas visitas na comunidade, considerando a faixa etária dos sujeitos de 25 a 70 anos, para uma melhor compreensão dos costumes locais entre gerações. Sujeitos de nomes, de identidade singular e com o início de suas histórias vividas nesse território de raízes indígenas, complementadas pelas histórias de desejos, sonhos e modos de vida que atribuíram sentidos à sua existência de pescador, como retratam alguns fragmentos de suas falas nos próximos tópicos.

A idéia de inserir os relatos dos sujeitos acompanhados com fragmentos dos sentidos de sua existência e suas práticas cotidianas no contexto da pesca se justifica com base no referencial teórico das representações sociais, uma vez que o modelo de ser humano que sustenta a nossa postura teórica é de um ser construtor de sentido, que busca entender a sua realidade agindo sobre ela. Isso significa que o sujeito está imerso num imaginário simbólico que se apresenta tanto na sua

experiência individual como em sua inserção sociocultural (LÉVI-STRAUSS, 1975). Desta forma, nossos sujeitos falam da vida, do trabalho, do saber popular e das angústias por um tempo melhor já vivido por eles na comunidade.

### 1.3 Caminhos trilhados

Nos caminhos trilhados, desenhamos o percurso com a idéia de alcançar as repostas do nosso objeto de estudo, respondendo às questões norteadoras de nossa pesquisa. Desse modo, a pesquisa adotou os seguintes caminhos metodológicos: pesquisa de campo *in loco* tendo como enfoque a **abordagem qualitativa** como seu eixo central . porque se preocupa em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc. (LAKATOS; MARCONI, 1999, p. 269).

Optamos por utilizar três técnicas para a coleta de dados. A primeira consistiu em entrevistas individuais visando elaborar um diagnóstico social, histórico e cultural dos sujeitos da pesca, o que favorece uma conversação, que proporciona resultados satisfatórios e informações necessárias, além de consistir no desenvolvimento de precisão, focalização, etc. O tipo de entrevista aplicado foi entrevista aberta e semiestruturada, que segundo Minayo (2009, p. 64) %combina perguntas fechadas e abertas e o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada+.

A segunda técnica foi a observação, como técnica de coleta de dados para conseguir informações utilizando os objetivos de determinados aspectos da realidade, que não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar (LAKATOS, 1999, p. 275).

Trata-se de uma observação participante, porque é um meio de participar diretamente da vida social dos sujeitos no seu cenário cultural, com a finalidade de colher dados e fazê-los compreender a importância da investigação sem ocultar o objetivo da pesquisa (MINAYO, 2009).

Ainda utilizando abordagens qualitativas para registrar as partilhas sociais dos sujeitos que possuem experiências diferenciadas, ancoradas em suas práticas cotidianas no contexto da pesquisa, foi construído um *diário de campo* (MINAYO,

2009), que contém os dados importantes observados que contribuíram para a análise qualitativa.

Outra técnica utilizada nesta pesquisa foi a cartografia social, realizada através de questionário mapeando os aspectos sociais dos sujeitos, culturas e saberes da Comunidade Segredinho. Além do olhar dos pesquisadores para as manifestações que ocorrem nesse fragmento de território de pesca composto de relações míticas na dimensão da territorialidade do espaço vivido e para a temporalidade vivenciada pela comunidade através do cotidiano desses sujeitos, possibilitando estabelecer a construção da cartografia como estratégia metodológica, com o objetivo de contribuir para o mapeamento de traços da história e da cultura dessa comunidade, mantidos pela comunicação oral.

A cartografia simbólica, segundo Santos (2002), é compreendida como modo de imaginar e representar a realidade social. A utilização da cartografia permite a identificação das estruturas de representações dos diversos campos do saber sobre a realidade social dos sujeitos.

A estratégia metodológica da cartografia dos aspectos sociais dos sujeitos, da cultura e dos saberes popular da Comunidade Segredinho viabilizou o mapeamento de outras cartografias que serão discutidas no decorrer dos tópicos desta dissertação: territorialidade; tradições e identidades; trabalho; relações com os elementos naturais e valores do cotidiano, assim como, o desenho do espaço vivido pelos pescadores através de um croqui demarcando suas trajetórias no dia a dia.

Para embasamento teórico dessa metodologia foram utilizadas obras de autores que utilizaram em suas pesquisas. Como Almeida (1994), com estudos para valorizar a auto-cartografia dos povos e comunidades tradicionais da Amazônia, através do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, projeto da década de 1990 que vem justamente com esse objetivo, Oliveira (2004), Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas traçando um perfil socioeconômico da população local.

Durante a realização da pesquisa, diferentes instrumentos de registros de observações e informações foram utilizados (roteiro de entrevista, ficha de observação, gravador, máquina fotográfica, filmadora, etc.), além de elaboração de mapas temáticos com utilização de GPS (Global Position System), modelo Garmim 48, com a finalidade de facilitar a visualização dos pontos não bem definidos como comunidade, lago, os trajetos de acesso, etc.

Essas escolhas justificam-se porque sempre tivemos como elemento balizador desta pesquisa a necessidade de chegar até os sujeitos que estão com seu patrimônio natural ameaçado, sendo este responsável pela sua reprodução social, e isso só seria possível através de sua fala, inserida no contexto histórico social e cultural que a constituiu.

Após as devidas apresentações das técnicas utilizadas na pesquisa, informamos que as entrevistas foram realizadas na residência dos sujeitos entrevistados e em pequenos grupos de pescadores no próprio espaço de trabalho . o lago. Inevitavelmente, os membros da família que se encontravam presentes acabavam participando como observadores, servindo de memórias para alguns dados ou fatos específicos, ou ainda para emitir opiniões pessoais sobre algum aspecto da fala do entrevistado %oficial+da casa.

Esse fato não invalidou a entrevista, visto que muitas vezes vivenciamos trocas de interações e partilhas desses sujeitos (lócus de estudo das pesquisas qualitativas) por meio dessas experiências mediadas durante a conversa, e à medida que surgiam aspectos considerados significativos na fala dos sujeitos tentávamos explorá-los.

Nas observações, adotamos como procedimento a dinâmica das visitas constantes na comunidade e no lago acompanhando os sujeitos da pesca nas suas práticas do dia a dia, ouvindo e observando o fazer pesqueiro, seus costumes e cultura local. Desta forma, tivemos a oportunidade de entender a expressão e o sentimento em relação ao seu modo de vida, para que pudéssemos ter elementos para compreender que saberes esses pescadores artesanais buscam e fazem no cenário da pesca em foco.

Além da observação constante pelo um longo período *in loco* durante as visitas e as entrevistas, realizamos reuniões periódicas na comunidade a fim de manter uma relação de aproximação com os pescadores artesanais, estabelecendo contato e definindo juntamente com eles o seguimento do trabalho. Essas reuniões sempre aconteciam no sábado, quando conseguíamos conquistar um número significativo de participantes, onde foram e ainda estão sendo apresentados elementos teóricos, palestras e discussões acerca da importância da organização social para um melhor convívio na relação entre seres humanos e natureza. Registros fotográficos e em áudio foram coletados para ser analisados. Permeando

todo o trabalho, está a observação do universo que o compõe: os atores sociais e as atividades por eles desenvolvidas.

#### **1.4 Procedimentos de análise dos dados**

O *corpus* desta pesquisa constitui-se dos discursos obtidos nas entrevistas abertas e semiestruturadas, nas falas interativas e na observação participante vividas e construídas na realização das visitas periódicas na comunidade. Para análise desses discursos, com o objetivo de identificar o processo de construção do território de pesca enquanto simbólico a partir das práticas cotidianas dos pescadores artesanais e da representação deste para os sujeitos, encontramos nos estudos de Eduardo Cardoso (2001), Nogueira (2005) e Sérgio Moraes (2007) pistas que subsidiaram a construção do nosso percurso analítico, uma vez que sua metodologia permitiu-nos trabalhar com os sentidos das opiniões coletivas nos discursos desses sujeitos.

A forma de tratamento dos discursos dos sujeitos deste estudo constituiu-se na corporificação das teias sequenciais dos argumentos, não apenas do discurso individual, mas também nos diálogos que surgiram no momento da coleta de dados, tanto nas entrevistas quanto na observação *in loco*, que nos permitiu alcançar os elementos constitutivos desta pesquisa e identificar as categorias: representação social, trabalho/sobrevivência e saber popular.

Diante disso, significa que essas foram as categorias fundamentais encontradas a partir da análise do discurso para identificar a importância do lago para os pescadores, os valores culturais locais, a situação socioeconômica e os significados atribuídos às falas dos sujeitos.

Em síntese, utilizamos as idéias centrais extraídas dos discursos dos sujeitos entrevistados através das sequências dos argumentos que deram enfoque à representação social segundo a qual os homens agem não somente sobre a natureza visível, mas sobre as potências invisíveis que controlam a reprodução da natureza (GODELIER, 1984), ou seja, os sentimentos que esses sujeitos atribuem ao seu lócus de vida. O trabalho enquanto meio de sobrevivência realizado no território considera os saberes populares, como os significados e os sentidos usados por esses sujeitos nas suas práticas cotidianas e em seus discursos vinculados a

imagens e conceitos construídos no seu dia a dia na comunidade. Desta forma, os discursos dos sujeitos tiveram o seguinte tratamento:

a) Para identificação das idéias centrais . transcrevemos os registros das entrevistas abertas e semiestruturadas e das observações em lócus, seguidos de leitura para a compreensão da sequência das argumentações das falas dos diferentes sujeitos, destacando os sentidos semelhantes ou complementares.

b) Para a identificação das categorias . destacamos os significados compartilhados nas falas dos sujeitos, tanto dos discursos individuais quanto na sequência de argumentos agrupados sob a forma de afirmações, que permitem a interpretação desses sujeitos a situações e conceitos específicos.

Posteriormente, está a identificação do processo das categorias que se revelaram em cada tópico da estrutura deste estudo, através das associações das relações existentes a partir delas: a) território de pesca na Amazônia; b) saberes da pesca, identidades e tradições; c) territorialidade dos pescadores artesanais; d) organização social. Além de ser utilizada em nossas análises para registrar o eixo central dos tópicos que inscrevem o território de pesca enquanto território simbólico. Cumpre acrescentar que, ao mesmo tempo, os quatro tópicos apresentados foram elementos estruturantes na elaboração desta pesquisa.

### **1.5 Fios que formaram a estrutura desta dissertação**

Ao tecer este texto, fomos relendo o material coletado ao longo da pesquisa e os autores com os quais buscamos dialogar. Foi um intenso aprendizado nessa trajetória. Nos fios que tecem os nós que dão sentido à nossa dissertação, estruturamos os tópicos com base nas análises que configuram esta elaboração.

No primeiro tópico, chamado Território de Pesca na Amazônia, nos propomos a ingressar no universo do sujeito da pesca a partir dos conceitos geográficos. Uma análise que constrói uma rede de significações nas quais o território desses sujeitos é marcado pela cultura e pela interação com o meio em que vivem. Nesse sentido, usamos os fios que revelam o sentimento de pertencimento dos pescadores pelo território que habitam e as relações existentes nele. Damos ênfase, nos aspectos míticos/imaginários, aos elementos que fazem parte da vida da Comunidade Segredinho. Nossa discussão sobre os mitos é tratada como estes fazendo parte integrante do meio, ou seja, pertencentes a uma realidade; algo que é vivido por

populações pesqueiras, e portanto não se trata de uma realidade ilusória, mas de uma forma de compreensão de mundo, segundo Moraes (2007).

No segundo tópico, intitulado Saberes da Pesca, Identidades e Tradições, procuramos compreender e descrever a grandeza da arquitetura dos saberes da pesca e a variedades das técnicas do fazer pesqueiro desenvolvido no nordeste paraense . Lago Segredo, Capanema-PA. Destacamos algumas técnicas que permitem discutir como o conhecimento acerca do meio influencia a seleção dos melhores instrumentos de pesca. A construção da identidade do pescador como opção de projeto de vida local e a trajetória das tradições da pesca ancoradas nas raízes indígenas, repassadas de geração em geração e praticadas até hoje. Nesse tópico, apresentamos uma discussão sobre a cultura local, dando destaque aos saberes populares.

No terceiro tópico . Territorialidade dos Pescadores Artesanais do Lago Segredo . , analisamos o território cultural, os sujeitos e os fios que tecem o uso do território, inserindo-o no contexto cultural da Amazônia. É uma imagem dentre as inúmeras histórias que constroem os territórios de pesca, uma identidade vivida e construída a partir das práticas sociais e atividades de uso e produção no território.

Finalmente, no quarto tópico . Organização Social . , aprofundamos a discussão acerca da organização social da categoria de pescadores artesanais, tomando como base a realidade dos pescadores do Lago Segredo, no propósito do fortalecimento desta para a viabilização da criação de uma colônia que possa contribuir com o ordenamento pesqueiro local e assim representá-los.

Nesse sentido, vale ressaltar que esta pesquisa está vinculada ao um projeto de pesquisa *Rescando conhecimentos: mulheres da Amazônia*, apoio CNPq, 2010, do qual faço parte como pesquisadora e que possibilitou consideravelmente nos resultados alcançados nesta dissertação na utilização dos dados do projeto ao longo do ano de 2010, a exemplo, os dados sobre os aspectos sociais dos sujeitos.

Por fim, nesta dissertação, em nossa fala final, retomamos as questões centrais que orientaram a estrutura deste estudo. O território de pesca dos pescadores artesanais da Comunidade Segredinho, que tem suas identidades constituídas numa trajetória histórica, social e cultural nesse território produtor de culturas e saberes específicos e que, portanto, possui significados e desejos que guardam entre si os direitos de reconhecimento que buscam como sujeitos sociais e políticos, bem como suas diferenças no cenário amazônico.



## TERRITÓRIO DE PESCA NA AMAZÔNIA



## 2 TERRITÓRIO DE PESCA NA AMAZÔNIA

No contexto da Amazônia, inúmeras atividades produtivas têm relações diretas entre o ser humano e o meio ambiente. Estas relações remontam às origens das populações em se firmar em territórios, por onde passavam a buscar nos recursos naturais as condições de sobrevivência. A pesca é uma das mais antigas atividades produtivas. Na Amazônia, é realizada por populações ribeirinhas e costeiras há séculos, fazendo com que essa atividade tenha papel importante tanto no cenário socioeconômico como cultural e político.

O cenário dos territórios de pesca na Amazônia retrata a rica biodiversidade na região, com suas potencialidades e contradições no que se refere à riqueza peculiar de cada contexto e formas peculiares de apropriação da natureza. Afinal, sabe-se que o território organizado pelo homem desempenha um papel na sociedade, condicionado-a, compartilhando do complexo processo de existência social.

Partindo desse pressuposto, acredita-se que as relações entre sociedade e território continuam sendo predeterminadas pelas necessidades humanas como habitação e alimentação, além da produção das relações sociais. Para Raffestin (1993), espaço e território não são termos equivalentes, e uma distinção faz-se necessária para melhor compreensão dos processos espaciais e das projeções territoriais, resultantes das formas de apropriação da natureza pelos diferentes grupos sociais envolvidos na problemática da pesca.

Desse modo, ao se propor uma abordagem sobre território de pesca a partir dos conceitos geográficos, apropriou-se de vários enfoques de território para tratar o cenário desse fragmento de pesca na Amazônia . Lago Segredo e a relação simbólica presente sobre esse espaço, relação esta que é oriunda das práticas sociais dos pescadores locais.

Podemos entender que existem territórios não apenas como espaços nacionais, geridos por um Estado, mas também no interior dos países, tais como territórios indígenas, territórios quilombolas e mesmo território pesqueiros. Território poderia então ser definido como uma porção do espaço terrestre sobre o qual um agente qualquer exerce domínio, através do poder gerado por acordos, coerções ou outro instrumentos de dominação (CARDOSO, 2003).

Na formulação de Raffestin (1993), a geografia política enfatizaria primordialmente três elementos: a população, de onde emana todo o poder e a capacidade de proceder à ação para a transformação; o território, entendido como a cena do poder e o lugar de todas as relações; e os recursos, que determinam e direcionam o alcance da ação. Esses seriam os trunfos do poder com possibilidades de formarem redes relacionais, sendo que o poder instituído ao Estado visaria à dominação sobre os homens e as coisas.

Com isso, torna-se evidente que falar em território é fazer uma referência implícita à noção de limite, a qual, segundo Raffestin (1993), é o espaço político, que mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço.

Enquanto, Souza (2001) salienta que o território é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder e que o poder não se restringe ao Estado e não se confunde com violência e dominação. Assim, o conceito de território deve abarcar mais que o território do Estado-Nação.

A contribuição de Santos (2002) muito questiona a validade de se estudar o território, pois antes de tudo ele lança uma provocação sobre uma questão pertinente, movendo-o para seu raciocínio amplo e significativo da importância maior em compreender a categoria territorial, uma vez que, para o autor, é na base territorial que tudo acontece, mesmo as configurações e reconfigurações mundiais influenciando o espaço territorial.

Neste sentido, podemos falar em territórios de uso das sociedades pesqueiras, uma vez que estas se apropriam de porções do espaço aquático a partir do trabalho e do conhecimento dos processos naturais que atuam nelas. O território seria então, segundo Cardoso (2003), tratado em relação ao seu valor de uso para o grupo social.

Cardoso (2003) e Marques (1995) observam através dos seus estudos que é possível tratar-se de territórios pesqueiros, onde são conhecidos, nomeados, defendidos, delimitados e manejados pelos pescadores em sua faina pesqueira.

Para Cardoso (2003), tal conceito de território pesqueiro, construído pelos pescadores a partir do trabalho e da apropriação da natureza, trata-se de territórios que podem ser delimitados mesmo na fluidez do meio aquático e sobre os quais os pescadores exercem algum tipo de domínio, ainda restando o desafio do reconhecimento destes pelas demais esferas sociais. É justamente na disputa por

estes territórios, entre estruturas de produção na pesca de escalas diferenciadas, que se encontram graves conflitos no interior do setor pesqueiro.

Podemos ressaltar ainda que, em outras literaturas, a caracterização e a dinâmica das relações sociais que ocorrem no território de pesca da região amazônica não se diferem da configuração das realidades abordadas mundialmente, em particular para o nordeste paraense, tendo em vista que a complexidade de entender realmente o conceito de território a partir do conceito geográfico trata de uma dimensão bastante complexa por possuir vários conceitos, tanto na ênfase dos problemas políticos como dos problemas sociais, culturais e ambientais.

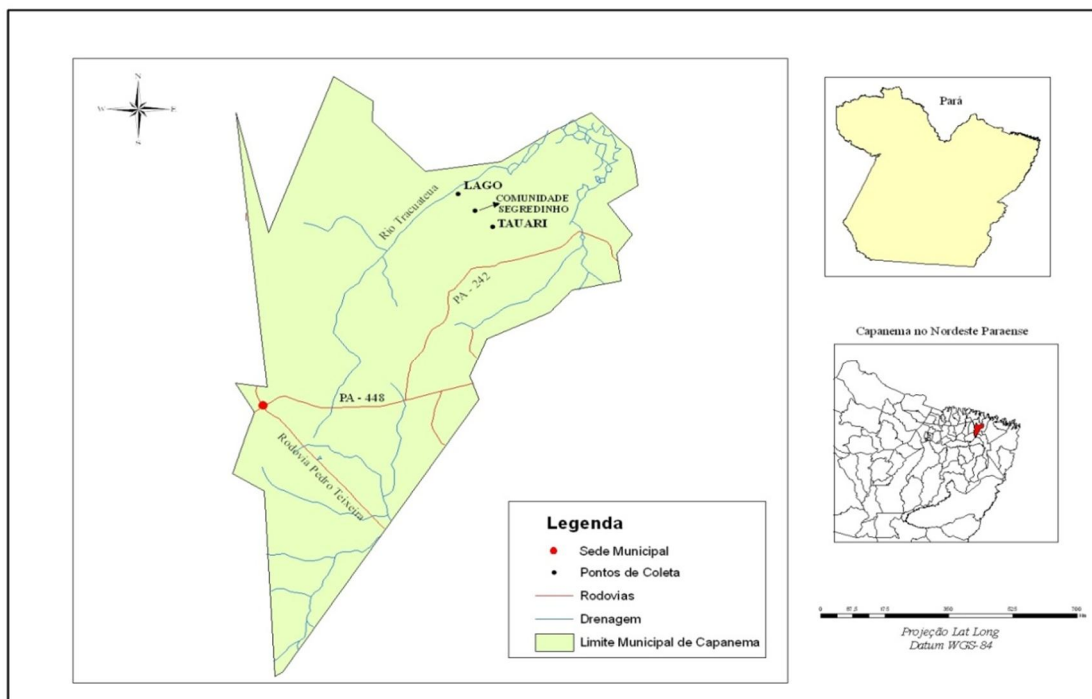
Em trabalhos realizados em territórios de pesca no estado do Pará . a exemplo, Território de pesca no estuário Marajoara (NOGUEIRA, 2005), Territorialidade e modo de vida de pescadores do Rio Ituguara em Breves-PA (SILVA, 2006) e Da apropriação da natureza à construção de territórios pesqueiros (CARDOSO, 2003), similar a este, percebe-se o quanto é intensa a procura entre os pescadores por territórios de pesca. Constata-se que os representantes das principais instituições vêm alegando a inexistência das territorialidades, pois se baseiam em uma normatização que não considera a cultura dos pescadores enquanto elemento definidor dos territórios de pesca. Todavia, estas territorialidades existem e demonstram que as políticas de ordenamento da pesca pelos órgãos públicos devem ser revistas (SILVA, 2006).

Neste sentido, no cerne das discussões sobre a questão territorial, é importante salientar a participação efetiva dos pescadores locais no que se refere à configuração territorial, como aborda Santos (1996, p. 51): %A configuração territorial, ou configuração existencial real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais [...] À medida que a história vai fazendo-se, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, etc.†

No momento em que as territorialidades conflitantes emergem entre os personagens que compõem o espaço, a partir dessas apropriações, apresentam-se indícios de que as formas de gestão territorial/ordenamento territorial devem levar em consideração a diversidade de atores e de interesses para que se possam entender as diversas territorialidades existentes no espaço apropriado, como enfatiza Milton Santos (1996, p. 10):

O território não é apenas o conjunto de sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como território usado, não território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar de residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

Em consonância com as considerações de Santos (1996), apresenta-se uma discussão sobre o território da pesca em uma comunidade no interior da Amazônia. Trata-se da Comunidade do Segredinho, localizada no município de Capanema-PA; em seu cerne está localizado o Lago Segredo, onde grande parte dos moradores depende da atividade pesqueira para garantir sua reprodução social.



**Figura 3:** Localização da Comunidade Segredinho no nordeste paraense

Fonte: Observações em campo e análise das imagens de satélite e das cartas SID em escala de 1:250.000 e 1:100.000 do IBGE.

As relações que orientam as noções de ocupação e apropriação desse território refletem relações econômicas, sociais e míticas no Lago Segredo; esta última demonstra os laços fortes da cultura amazônica, pois os atores sociais locais detêm uma cultura enraizada na sua origem indígena que estabelece uma forma única de se organizar no espaço e normas no seu meio de origem, ambiente físico e social. Afinal, enquanto categoria de pescadores da comunidade, existe uma

organização em relação a suas ações no meio em que vivem, mas que na maioria das vezes não é respeitada e considerada por outros.

Nesse contexto, configura-se a realidade do território da pesca na Amazônia, uma região com a formação de muito lagos, onde a questão de território de pesca não se difere da realidade da região amazônica como um todo, bem como para o restante do estado do Pará em relação aos fatos que permeiam as relações sociais, onde podemos entender melhor o enfoque da questão nos conceitos de Raffestin (1993, p. 158-159):

[...] um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do *vivido* territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens *vivem*, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas [...] todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais.

Desse modo, considera-se que o território de pesca na Comunidade do Segredinho-PA gira em torno das ações que mantêm as relações de poder dos atores sociais sobre seu território, e as relações acima mencionadas podem originar-se da dinâmica desses atores, onde os mesmos têm esse território como propriedade deles, não apenas pela relação econômica e usufruto da sua sobrevivência, mas pelo que o lago também representa na vida dos pescadores da comunidade. Isso trata de uma significativa dimensão do comportamento humano, na medida em que as representações se estendem às relações sociais por identidade e apego, que segundo Maldonado (1993 p. 35):

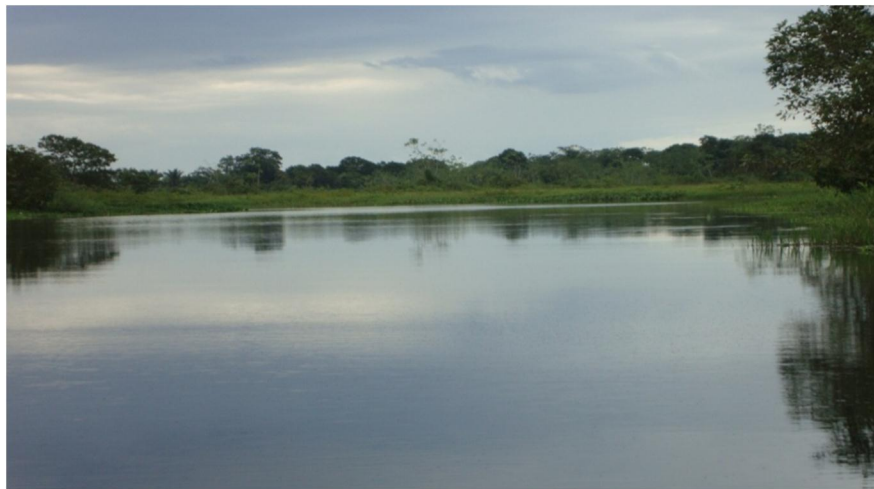
A territorialidade se desenvolve através do tempo, passando de uma geração a outra nos processos de socialização e de transmissão da tradição como uma relevante dimensão da capacidade que o homem tem de conferir significado simbólico ao espaço, inclusive ao espaço social em que ocorrem as suas relações, construindo lugares.

Partindo desse contexto, o território, de qualquer forma, define-se antes de tudo com referência às relações sociais ou culturais ao contexto em que está inserido, tendo como pressuposto as relações presentes sobre esse espaço que referenciam seus modos de vida, como conceitua Nogueira (2004, p. 17):

Os territórios de pesca são áreas apropriadas ao longo dos anos, mediante o trabalho desenvolvido pelos pescadores artesanais que praticam suas atividades em águas continentais ou litorâneas. Este não possui apenas uma definição física precisa ser compreendido a partir da observação das decisões da comunidade sobre espaços e relações sociais horizontais, bem como de sua dimensão simbólica e material.

Diante desse cenário, as relações que se originam das apropriações de territórios estão conjuntamente marcadas em todas as relações sociais. Desse modo, a realidade do território da pesca, com destaque para o nordeste do Pará, não se difere da realidade da região amazônica em relação aos territórios pesqueiros.

Na Comunidade Segredinho, o lago . considerado território de pesca . é a principal fonte de sobrevivência dos moradores locais. Nele observam-se várias relações estabelecidas com a comunidade, destacando-se a relação mítica que remete à origem da mesma. Quando se trata da relação mítica, observa-se o valor desse território para a comunidade com sentimento de pertencimento aos valores culturais locais.



**Figura 4:** Lago Segredo, denominado território de pesca  
Fonte: Trabalho de campo. Cunha (dezembro/2009)

No processo de pescaria, o homem também conta com os instrumentos de pesca confeccionados pelos próprios pescadores, priorizando seus saberes, que são repassados através das gerações, bem como a comunicação com elementos míticos. Vale ressaltar que a crença em seres míticos ligados à pescaria só é possível de ser observada em comunidades bastante tradicionais (MORAES, 2007).

A partir de observações que estão sendo realizadas na Comunidade Segredinho, é possível constatar que crenças em elementos míticos têm influência na atividade pesqueira e que os pescadores são céticos no respeito e temor a essas crenças, como afirma Moraes (2007, p. 57): *os seres fantásticos e as encantarias podem interferir na ação dos pescadores sobre a natureza na medida em que se traduzem em respeito e temor em relação às entidades protetoras das florestas e águas*.

O problema social originado das relações dos territórios de pesca perpassa de geração a geração pelos comportamentos que surgem das relações sociais, ocasionando sentimentos de posse, de exclusão, de distanciamento e de pertencimento, que constituem elementos que implicam as relações sociais da comunidade.

Diante do contexto atual, quando se trata dos enfoques sobre territórios, percebe-se que a reorganização mundial vivenciada atualmente perpassa uma nova orientação sobre a materialização da relação homem-natureza, que cada vez mais se tenta reverter o quadro representado pela perversidade com que o homem pratica suas ações sobre a natureza no processo de intensificação do uso dos recursos naturais sobre os territórios.

Do ponto de vista dos atores sociais locais, o que configura o território de pesca na Comunidade Segredinho são as relações vivenciadas nas suas trajetórias de vida passada de geração a geração, o que remete à apropriação do território como lugar de comando dos referidos atores.

## **2.1 Território de pesca e dimensão simbólica**

Discutir dimensão simbólica é ultrapassar o significado de ocupação expressa culturalmente, pois no território são dadas as condições para o entendimento das situações existências, as quais segundo Jodelet (1984) *são dimensões de conhecimentos práticos orientadas para comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideológico em que vivemos*. Dessa maneira, as representações simbólicas são fenômenos sociais que têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção.

A representação social é entendida por Moscovici (1997 apud OLIVEIRA, 2002, p. 19) como um corpo organizado de conhecimentos e uma das atividades



psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social. Representações sociais que circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente, através de uma fala, um gesto, um encontro em nosso universo cotidiano.

Para Godelier (1984), o processo de trabalho comporta, portanto, elementos simbólicos por meio dos quais os homens agem não somente sobre a natureza visível, mas sobre as potências invisíveis que controlam a reprodução da natureza e podem dar ou recusar uma boa colheita, uma boa pesca. Considera que no centro das relações sociais existem também representações simbólicas e mitos. Nesse sentido, a parte simbólica do processo de trabalho constitui uma realidade social tão real quanto as ações materiais sobre a natureza.

Quando se trata de território de pesca, os elementos simbólicos ainda são mais intrigantes, pois essas representações não existem apenas no pensamento, mas também são expressas na linguagem dos pescadores, que representa uma das condições indispensáveis ao aprendizado das técnicas e da sua transmissão de saberes ao realizar a pesca. Vale considerar que as representações simbólicas variam segundo as culturas, os modos de produção e os momentos históricos (GODELIER, 1984).

No pensamento de Haesbaert (2004), são determinadas três vertentes básicas para se entender a noção de território: 1) partindo de uma noção jurídico-política do território, chega-se ao entendimento de que o mesmo está sempre relacionado à constituição de poderes legais, o poder político do Estado; 2) a noção cultural ou simbólica se demonstra a partir da apropriação e valorização simbólica de um grupo acerca de seu espaço vivido na construção de identidades e; 3) a noção econômica de território, que enfatiza a questão da apropriação territorial como uma fonte de recursos.

Relacionando esses conceitos à Comunidade Segredinho, mais precisamente ao Lago Segredo, considerado território de pesca . , faz-se necessário adentrar a questão simbólica e mitológica que é fortemente considerada na cultura local. Tal cultura está intimamente relacionada com o fluxo da vida social, que acredita que os pescadores são protegidos por determinados mitos, e ainda rituais que realizam para obter uma boa pescaria.

Para Claval (2007), a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante a vida e, em uma escala, pelos conjuntos dos grupos de que fazem parte. Ao

reportar-se à Comunidade de Segredinho, a cultura dos pescadores locais foi transmitida de uma geração a outra, principalmente no que se refere ao ofício da pesca. Ela tem suas raízes num passado longínquo que mergulha no território onde seus deuses se manifestam na ritualização da pesca.

A cultura herdada dos seus antepassados se torna visível na medida em que os indígenas permitem que até hoje suas crenças e práticas sejam comuns nas suas ações, linguagem, comportamento, principalmente observados nos moradores mais antigos. Nesse sentido, a comunidade é marcada com fortes traços culturais resultantes da relação das práticas econômicas, sociais e culturais como a pesca. A presença real ou mítica da comunidade é tão importante e forte que, por exemplo, acreditam que um dos seus antepassados . um índio (Cateretê<sup>3</sup>) . está encantado no Lago Segredo até hoje, o que torna esse um lugar sagrado e temido para os pescadores locais.

Partindo desse contexto cultural e ao mesmo tempo simbólico pelas suas práticas sociais, pretendemos discutir as questões que enfocam o território simbólico a partir da sua dimensão cultural, que precede e/ou se impõe sobre a natureza dos territórios. Considerando a dimensão cultural, que sempre esteve presente nos processos de formação territorial com uma carga de identidade ou simbólica que estabelece uma relação forte e ao mesmo uma relação espiritual, com seu espaço de vida, claramente estabelecida (HAESBAERT, 2004).

Segundo Claval (2007), são os símbolos que ajudam a estruturar as identidades coletivas; o território desempenha um papel central, constituindo a base material da existência comum e fornecendo ao menos uma parte dos recursos indispensáveis à existência de cada um. Afinal, as identidades instituídas pela cultura não existem somente no nível global da sociedade; elas dão consistência de acordo com as cadeias elementares da construção social. Assim, entendemos que a partir da dimensão simbólica os homens não podem, entretanto, viver sem dar um sentido àquilo que os cerca, ou seja, sua preocupação não é somente satisfazer suas necessidades; é assegurar a transmissão do que sabem às futuras gerações.

O poder do laço territorial que os pescadores têm com o Lago Segredo revela que o espaço é investido de valores não somente materiais, a exemplo do seu consumo e da comercialização do pescado, mas também espirituais, simbólicos e

---

<sup>3</sup> Cateretê ó nome de um índio que pertencia à tribo Tupi-Guarani (primeiros habitantes do local), segundo os moradores antigos da Comunidade Segredinho, o qual é até hoje um mito vivo no meio local.

afetivos. É assim, segundo Haesbaert (2004), que o território cultural precede o território político e, com mais razão, precede o espaço econômico.

Os registros da história vivida pelos antigos moradores da Comunidade do Segredinho resistem, ainda que em fragmentos, na memória dos atuais habitantes da comunidade. As imagens quase reais enunciam nos discursos dos pescadores, que dão conta de um tempo melhor do que o hoje com mais fartura. Dão conta de um ritmo de trabalho diferente do atual. As imagens faladas assinalam também que a atividade pesqueira intensificou-se com o crescimento das famílias e a vinda de outras para a comunidade. A gente antes vivia melhor aqui, tinha acordo com as poucas famílias na comunidade, fartura de peixe para comer e vender. Agora a coisa tá difícil, não é mais como era antes. Tem peixe mal pra comer (G.61 anos).

Por meio da memória viva dos pescadores do Lago Segredo é possível também entender a importância vital do local para a produção das famílias pescadoras e o porquê de certo sentimento forte ligado a suas raízes quando se observam os primeiros habitantes da comunidade aos grupos indígenas que lhes antecederam. O apego ao lago é, sem dúvida, mais intensa nas pessoas mais antigas; mais que isso, as representações sobre o lago dão a dimensão da sua identidade como pescadores e fornecem uma significativa analogia com o ciclo da vida: deixar de pescar ou sair da comunidade é o mesmo que morrer (fala da pescadora N. 70 anos).

Assim se formam identidades locais, fortalecidas não apenas pelos territórios de naturalidade em seu sentido concreto, mas também por territórios simbólicos. Para Haesbaert (2002), a escolha de símbolo não é nunca nem absolutamente inevitável, nem puramente aleatória.

Um símbolo nem se impõe como necessidade natural, nem pode privar-se em seu teor de toda referência ao seu real. Enfim, nada permite determinar as fronteiras do simbólico. O simbolismo pressupõe a capacidade imaginária, pois pressupõe a capacidade de ver em uma coisa o que ela não é, de vê-la diferente do que é (HAERBAERT, 2002 apud CASTORIADIS, 1982, p. 144-154).

Analisando o Lago Segredo a partir das dimensões econômica, simbólica e cultural através das práticas sociais dos atores locais (os pescadores), é possível entender cada relação; a dimensão econômica, quando enfatizam o lago como fonte de recursos para sua sobrevivência, e a dimensão cultural, quando em seus relatos

se apropriam subjetivamente do espaço vivido e simbolicamente percebem o lago como o "pai da comunidade". frase muito frisada pelos pescadores locais. "Esse lago aqui na comunidade é nossa vida. Já se criou muita gente aqui só através dele, é o nosso pai" (Z. 67 anos).

Neste sentido, o território de pesca é peculiar a cada localidade, como da Comunidade Segredinho, visto a diferenciação de relações que se desenvolve no local. Assim, cada sujeito se apropria e cuida do espaço da maneira própria como algo que os pertence; ao mesmo tempo, esse espaço sofre a influência do seu agir, o que se dá em uma relação contínua com elementos da natureza ligados à intencionalidade dos sujeitos que nele, e com ele, se relacionam. Para Santos (1997, p. 67), isso ocorre, pois:

[...] em cada momento histórico os modos de fazer são diferentes, o trabalho humano vai tornando-se cada vez mais complexo, exigindo mudanças correspondentes às inovações. Através de novas técnicas vemos a substituição de uma forma de trabalho por outra, de uma configuração territorial por outra.

A atividade pesqueira nesse contexto cultural e simbólico é compreendida enquanto processo de trabalho, que se constitui em lócus de autêntica transmissão de múltiplos saberes, valores e costumes de geração a geração, historicamente expressando o espaço multiplicador de informações e educação informal. Afinal, a pesca é representada na comunidade, segundo os pescadores locais mais antigos, como sentido da vida, como prazer de viver, e conviver com pessoas e com a natureza não é apenas uma atividade exercida como sinônimo de produção, comercialização ou mero produto, como enfatiza Maldonado (1993, p. 105):

A natureza leva ao contato direto e à ritualização dos comportamentos na relação, de maneira que certas atitudes e práticas que aparentemente nada tem a ver com a percepção do espaço, na verdade são frutos dessa espacialidade.

Desse modo, a representação social do trabalho de cultivo à pesca simboliza uma relação entre o ser humano e a natureza expressa nas práticas sociais cotidianas da Comunidade Segredinho, embora as gerações mais recentes não valorizem tais práticas com os mesmos valores, segundo os moradores, o que implica na perda da identidade local. O convívio com a pesca significa uma

sabedoria vasta com a natureza sobre o meio ambiente, expressando um sentimento de pertencimento que move os pescadores a defender suas idéias.

As identidades estão arraigadas com suas raízes, sua memória familiar e histórica em lócus de sobrevivência, vivência e convivência de muitas comunidades que possuem seu modo de vida com base na atividade pesqueira e na agricultura familiar, a exemplo da Comunidade Segredinho, pois:

A terra é o seu meio de origem, ambientes físicos e social em que as relações se orientam a partir das noções de ocupação, divisão e apropriação, patrimônio, território, em representações que traduzem os diversos estatutos do espaço como objeto social (MALDONADO, 1993, p. 42).

Assim, as discussões sobre dimensões dos territórios de pesca focam nas relações estabelecidas com o meio de forma que os sujeitos se inserem ou se apropriam de ambientes pautados por saberes configurados, ou seja, por meio do trabalho e de outros significados simbólicos que incorporam múltiplas formas e representações.

Para Diegues (1998), o imaginário humano está repleto de imagens referentes a determinados lugares, manifestando-se em forma de mitos, símbolos e imagens. O mito resiste ainda mais quando incorporado a uma religião como revelação, milagre, manifestação divina, não suscetível de demonstração. Mesmo contestado cientificamente, pode ser interpretado simbolicamente e espiritualmente (DIEGUES, 1998). Morim (DIEGUES, 1998 apud MORIM, 1986, p. 150) apresenta uma visão mais ampla dos mitos ao afirmar que:

[...] são narrativas que descrevem a origem do mundo, a origem do homem, o seu estatuto e a sua sorte na natureza, as suas relações com os deuses e os espíritos. Transformam a história de uma comunidade, cidade, povo, tornam lendária, e mais geralmente tendem a desordem tudo que acontece no nosso mundo real e no nosso imaginário para os ligar e os projetar juntos no mundo mitológico.

É importante salientar que ainda hoje se encontra comunidade com o mito de que a explicação concreta para os fatos que originaram a mesma e também para aqueles fatos que a ciência ainda não conseguiu explicação. Vale ressaltar que para viver o mito precisa-se estar inserido no contexto o qual ele permeia, embora a sobrevivência do pensamento mítico nas sociedades chamadas modernas tenha

sem dúvida uma tendência maior à racionalização e a uma redução da capacidade de crença dos indivíduos.

Até hoje, a Comunidade Segredinho tem uma cultura com fortes relações mitológicas e por outro lado há o desenvolvimento da ciência, que tem um papel na desmitificação, substituindo a imagem pelo conceito, ainda que haja um distanciamento entre a opinião comum e a construção científica. O afastamento do símbolo dá lugar aos signos (DIEGUES, 1998, p. 35).

O mito vivido por muitas comunidades está diretamente relacionado com a cultura local, pois se refere à maneira como o mito é vivido e concebido dentro de uma comunidade a partir de determinada cultura. A cultura dos mitos nasce a partir de saberes compostos pela mente do próprio homem e de saberes e valores repassados por seus antecedentes. O imaginário é construído pela mente humana, mente esta capaz de criar mundos diversificados e individuais para si. As coisas que compõem esses mundos não são como coisas concretas, e sim como construções criadas a partir de um ato de pensar e que satisfazem seus desejos (MORIM, 1999, p. 20).

Entre as principais características responsáveis pela relação mitológica da Comunidade Segredinho está a valorização do lago, o modo único de organização econômica e social, o lugar reservado às atividades pesqueiras, o modo de integração dos pescadores na comunidade e o caráter simbólico das relações com o lago, o que está diretamente relacionado com o pensamento acima de Morim.

Desse modo, considera-se que as manifestações culturais presentes até hoje no cotidiano dos pescadores da Comunidade Segredinho estão relacionadas a situações onde os mitos fazem parte da história sagrada do lago, com base nas lendas e contos que narram os moradores antigos, a partir da valorização das suas identidades que não são negadas.

## **2.2 Território pesqueiro e relação mitológica**

Na região amazônica, a presença dos mitos é muito forte na relação entre pescadores e meio ambiente, principalmente quando se trata da atividade pesqueira, que carrega consigo um universo de crenças e rituais traduzido pelos conhecimentos míticos, religiosos, sobrenaturais. Essa relação com a natureza

permite a comunicação da relação homem-natureza no cotidiano, conforme afirma Moraes (2007): *“o mundo da pesca é o mundo dos mitos”*.

Para Morim (1999), os mitos falam *“de tudo o que diz respeito à identidade, ao passado, ao futuro, ao possível, ao impossível, e de tudo o que suscita à interrogação, a curiosidade, a necessidade, a aspiração”*. Dessa forma, os mitos estão presentes nas sociedades que os concebem como parte de suas vidas. Eles não têm autoria, pois sofrem variações em várias regiões, recebendo novas e intermináveis versões. Lévi-Strauss (1991, p. 26) assim os descreve:

Os mitos não têm autor, a partir do momento em que são vistos como mitos, e, qualquer que tenha sido sua origem real, só existem encarnados numa tradição. Quando um mito é contado, ouvintes individuais recebem uma mensagem que não provém, na verdade, de lugar nenhum, por essa razão se lhe atribui uma origem sobrenatural.

Moraes (2007) já enfatiza que o anonimato dos mitos compreende uma grande teia de ramificações de variadas versões sobre um tema. O mito da cobra grande, por exemplo, em distintos lugares, está sempre falando do seu lugar específico, de sua região, sua geografia, seus moradores, seus hábitos e costumes, mas o universal também se encontra, pois os mitos são parte de suas vidas. Os mitos não são concebidos como irrealis, uma vez que eles também servem para dar explicações a determinados fatos ou acontecimentos que ocorreram ou que podem vir a acontecer (MORAES, 2007, p. 129).

No Lago Segredo, essas crenças são muito observadas nas práticas cotidianas dos pescadores locais, pois o próprio nome do Lago Segredo já traz consigo toda uma história baseada nos mitos existentes na comunidade em que está inserido. A relação mitológica dos pescadores com o lago explica comportamentos e acontecimentos no dia a dia dos pescadores, o que não difere dos fatos que ocorrem na Amazônia, uma vez que isso está inserido nesse universo maior.

Para explicar a origem da relação mitológica viva até hoje na Comunidade Segredinho, foi preciso investigar seus antepassados . os indígenas. Atualmente, a presença da população denominada genericamente de indígenas no município de Capanema-PA está confirmada pelos moradores mais antigos da região, embora não tenha um registro oficial. Vale salientar que os próprios moradores assumem a identidade nas raízes indígenas, de acordo com relatos.

Desde criança ouvia dizer que tudo começou em Tauari, onde existia um grande pé de árvore chamado Tauarizeiro, e perto dessa árvore tinha uma aldeia de índio. Aí nessa mesma aldeia tinha o índio Cateretê, que descobriu um grande lago bem distante dentro da mata, por muito tempo manteve como segredo, até que outros índios descobriram o segredo do Cateretê e com isso a aldeia foi chegando, mudando para mais perto do lago, foi chegando gente, aí formaram a Vila do Segredinho (R. 56 anos).

Os registros da história vivida pelos antigos moradores do Segredinho existem ainda que em fragmentos, na memória dos atuais habitantes da comunidade. As imagens são quase reais enunciadas nos discursos dos pescadores:

Meus pais contavam que ouviram de outros moradores a história de um índio que manteve por muito tempo o segredo do lago, com muita fartura de peixe. Sempre que alguém perguntava para ele de onde trazia tanto peixe o mesmo sempre respondia é segredo. O tempo passava e o índio continuava a trazer fartura de peixes para casa, até que um dia descobriram o segredo do índio, que era o grande lago que ficou denominado de Lago Segredo, e o índio que guardou por muito tempo esse segredo saiu um dia para pescar e não voltou mais. Acredita-se que ficou encantado no lago e está até hoje por lá (N. 70 anos).

A partir desse fato, ocorrido há um século no local, os pescadores do Lago Segredo possuem certo temor a essa história, principalmente no próprio lago, onde existe segundo os moradores um grande tronco de uma árvore em uma parte do lago há muitos anos que identificam como o índio encantado. Desse modo, a maioria dos pescadores locais, os mais antigos, acreditando na presença viva do índio e no poder que ele tem, antes de realizar sua pescaria, faz suas oferendas e rituais ao índio para obter uma boa pesca. Como conta um pescador:

Sempre que vou pescar peço ao índio que está no lago sua proteção e uma boa pescaria. Aprendi isso com meus avôs; também ofereço tabaco e um pouco de cachaça na direção do tronco que ele está encantado, e no final tudo dá certo, consigo levar peixe pra toda a família. Graças a Deus e a ele o lago sempre me deu de comida e vestir e calçado (Z. 58 anos).

As imagens faladas assinalam, também, o forte valor simbólico que o lago possui para o pescador, baseada nas relações mitológicas existentes. Dizem de um tempo em que se contavam histórias de encantaria e certas magias no local para conseguir algo. Estes encantos podem interferir numa pescaria, principalmente para aqueles pescadores que, descrentes dos mistérios do fundo das águas, não os



respeitam e, portanto, se constituem em alvos certos para a retenção de infortúnios em suas atividades de pesca e mesmo no seu cotidiano (MORAES, 2007).

Por muito tempo na comunidade o temor às crenças aos seres encantados no lago afastava pescadores de outras regiões. Quando decidiam pescar, isso acontecia com muito respeito às crenças locais. Para Moraes (2007), os seres fantásticos e as encantarias<sup>4</sup> podem interferir na ação dos pescadores sobre a natureza na medida em que se traduzem em respeito e temores em relação às entidades protetoras das florestas e das águas.

Para entender tais fatos, na prática de certas magias, segundo Lévi-Strauss, sua eficácia implica a associação de três aspectos complementares:

Existe, inicialmente, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas, em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro, finalmente, a confiança e as exigências da opinião pública coletiva, que formam a cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se define e se situam as relações entre o feiticeiro e aquele que ele enfeitiça (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 194-195).

Diante desse contexto, as crenças sobre os mitos para os pescadores podem ser explicadas pelas três características ressaltadas por Lévi-Strauss (1975), pois são elementos que operam uma compreensão acerca de fenômenos, dentro de uma tradição que a aceita e vivencia, pois toda interferência nas práticas de pesca presume uma inferência sobre o meio.

Acerca deste aspecto, os ensinamentos das gerações mais experientes permitem à tradição sua continuidade. Contudo, observa-se que há uma diferença nos valores entre gerações no que se refere à crença dos mitos na comunidade. Embora a cadeia de orientações e conhecimentos ainda esteja presente em muitas famílias, as práticas não são idênticas às do passado, segundo os relatos dos pescadores mais antigos:

Desde quando me entendi ouvia dos meus pais, meu avô, minha avó que agente era protegido na comunidade, e que tinha muitos mistérios. Acredito até hoje e quando vou pescar faço todo meu ritual para pedir boa pescaria ao índio que tá encantado e me proteger do mal (Pescadora, 70 anos).

---

<sup>4</sup> As encantarias, lugar onde moram os encantos ó incluindo aí aqueles que não são objeto de culto religioso ó, estariam localizadas acima das nuvens e abaixo do céu, como também nas florestas e no fundo dos rios (LOUREIRO, 2001).

A gente acredita na proteção do índio, mal ele não faz. Tenho muito respeito por ele desde criança quando ouvia dos meus pais e dos mais antigos. Ele ajuda muito a gente na comunidade, pessoas doente a se curar. Já fiz um pedido para o índio no fundo do quintal da minha casa e fui atendida. Tenho fé nele. Mas aqueles que não têm já vi padecer por conta da sua teimosia em não acreditar no poder do índio (Pescadora, R. 56 anos).

Sempre fui pescador na minha vida já vi muita coisa feia acontecer naquele lago quando não respeita o que tá lá. O lago é um lugar sagrado aqui, que dá de comer pra gente a muito tempo, sempre que vou pescar faço uma oferenda para o índio e quando vou caçar também sou protegido (Pescador, C. 55 anos).

A esse respeito, mesmo registrando esparsamente os relatos dos pescadores entre duas gerações, foram observadas no dia a dia as diferenças dos hábitos, comportamentos e valores culturais em relação aos pescadores mais jovens, tais como algumas expressões:

Sempre ouvi essas histórias, mas nunca vi nada. Pesco desde 8 anos e até hoje nunca aconteceu nada pra acreditar nessas histórias. Se um dia vir algo, aí sim eu acredito. Mas não desrespeito a crença de ninguém, pesco quieto (Pescador, E. 29 anos).

Me criei aqui, mas não acredito muito nessas coisas que aparecem na comunidade, só quando eu vê mesmo, aí eu acredito. Tem muita história por aí. Vou pescar no lago e volto e nunca vi nada acontecer (Pescadora, T. 25 anos).

Nunca vi nada, apesar de ouvi muita história em casa. Pesco desde criança com meu pai, e ele sempre me contava muita coisa, mas até hoje vou e volto do lago, vou caçar a noite de dia também e outras coisas que faço aqui pra viver. Antes ninguém  
la pro lago sozinho pescar, hoje faço isso muitas vezes, quando dá porque agora é difícil não ter gente lá (Pescador, C. 27 anos).

A riqueza dos relatos partilhados entre pescadores de duas gerações dizem respeito em primeiro lugar aos valores culturais locais, um tempo em que existiam poucos moradores na comunidade, ou seja, somente algumas famílias. Porém, com o passar do tempo, foi aumentando; outras pessoas chegaram de outros lugares e passaram a morar, casamentos foram surgindo e valores se perderam com passar do tempo. Ainda assim, os valores que ainda existem cultivados pelos mais antigos merecem investigação no cenário amazônico.

Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa sobre a Comunidade Segredinho em 2007 que relata fragmentos de sua origem cravada nas raízes indígenas. Tal relato contado por morador antigo aponta que os índios que povoaram o Segredinho, segundo o avô dele, eram fugitivos da chamada Guerra do Paraguai. Conta ainda que seu bisavô foi o primeiro caboclo a se casar com uma índia pura da

aldeia; que quando a aldeia veio de Tauari para Segredinho ficou em um local chamado de Porto Velho. E que depois que a população vizinha ficou sabendo da grande fartura de peixe que o lago possuía quis também usufruir e foi nessa busca de peixe que as demais pessoas foram se misturando com as outras da aldeia e formando famílias, e a vila que existe até hoje (TAVARES, 2007).

Desse modo, quando se trata da atividade pesqueira, cada lugar apresenta diferentes formas e singularidades acerca das relações que envolvem os pescadores e o meio em que vivem e realizam suas atividades cotidianas. Assim, um contato diário e íntimo com a natureza, marcado pelo conhecimento enriquecido à base da observação e dos ensinamentos das gerações mais experientes, proporciona aos pescadores a compreensão do meio que os rodeia (MORAES, 2007).

De acordo com Moraes (2007), os mitos estão vivamente presente no cotidiano de populações pesqueiras e são parte integrante da vida dessas populações. Longe de associarem-se ao irreal, os mitos ganham existência na medida em que dão significados à vida, aos acontecimentos, às prevenções e aos castigos. Eles são parte de uma teia de conhecimentos construídos, condensados e metamorfoseados no meio dessas populações. Em consonância com esta perspectiva:

É importante analisar o sistema de representações, símbolos e mitos que essas populações constroem, pois é com ele que agem sobre o meio natural. É também com essas representações mentais e com o conhecimento empírico acumulado que desenvolvem seus sistemas tradicionais de manejo. O imaginário dos povos das florestas, rios e lagos brasileiro estão repletos de entes mágicos que castigam os que os destroem [...], os que maltratam os animais [...] em épocas de reprodução [...], os que pescam mais que o necessário (DIEGUES, ARRUDA, 2001, p. 26).

Diante desse contexto, é pertinente ressaltar que, além do mito do índio encantado, existem outros mitos relacionado à vida dos pescadores do Lago Segredo e às práticas da pesca, como mãe d'água<sup>5</sup>, curupira<sup>6</sup>, matinta-perera<sup>7</sup> e outros típicos da Região Amazônica.

---

<sup>5</sup> Mãe d'água é a mãe de todas as águas recebe diversas denominações, que variam de região para região. Na Amazônia, Iara ou Oiara é mãe-d'água é vive nas encantarias do fundo dos rios. Ela atrai os moços e os fascina, mostrando-lhes seu rosto belíssimo à flor das águas e deixando submersa a cauda de peixe (LOUREIRO, 2001).

<sup>6</sup> Curupira é Foi o primeiro duende selvagem que a mão branca do europeu fixou em papel e comunicou aos países distantes. Em carta de São Vicente, em 31 de maio de 1560, José de Anchieta o citava. A maioria dos

Tais considerações de Loureiro (2001), Cascudo (1957) e Tavares (2007) podem ilustrar como os pescadores validam e se valem dos mitos, seja nas pescarias, seja no seu cotidiano familiar e em comunidade. Afinal, o universo que envolve a pesca e os pescadores tem significado marcante, sendo o mito um elemento que interage no meio específico das pescarias, propicia intervenções e adequações na prática da pesca (MORAES, 2007).

Assim, as relações mitológicas que enriquecem a história dos moradores/pescadores da Comunidade do Segredinho estão registradas em um poema de um escritor local . Tauari/município de Capanema-PA . que relata um fato relacionado aos acontecimentos que só quem vivencia crê nos mitos, magias sobrenaturais e encantarias. Conta o poema de Nelson Ciriaco de Assunção:

I  
 Bom dia caro leitor,  
 Estou de volta novamente  
 To fazendo revisão,  
 De tudo que tem na mente:  
 O povo já não comenta,  
 Eu relembro de 80  
 Daquela jovem inocente.

II  
 Um me chama ~~puxa~~ saca;  
 Outro chama de abestado;  
 Outro é burro e não conhece  
 Não dar conta do recado,  
 Não é lenda do poeta  
 Isso é linha direta,  
 Buscando lar do passado.

III  
 Se você não conhece,  
 A história do Segredo;  
 Vou agora descrevendo  
 Tudo na ponta do dedo,  
 A força que o mato tem  
 E não dispensa ninguém;  
 Só falta morrer de medo.

IV

---

cronistas coloniais inclui seu nome entre os entes mais temidos pela indiaria. Os guerreiros, aliados aos portugueses no convívio dos acampamentos das marchas, conversavam, confidenciando pavores. Curupira aparecia nos lábios com assustadora frequência. Começando a dominar as árvores, terminou estendendo os reinos aos animais, submissos ao seu gesto (CASCUDO, 1957).

<sup>7</sup> Matinta-Perera ó Assim como o curupira, a matinta-perera é uma realidade no lugar. Para as pessoas do lugar, a matinta-perera é uma pessoa idosa que durante a noite de lua cheia se transforma na matinta-perera e começa a assoviar, amedrontando as pessoas para lhe oferecer alguma coisa que esteja desejando no momento, principalmente tabaco. Caso alguém queira saber quem é a matinta-perera, basta dizer em voz alta: amanhã venha buscar tal objeto; no dia seguinte bem cedo, ela virá em forma humana buscar o que a pessoa lhe prometeu (FARIAS, 2007).

Eu lembro o ano e o dia  
 E o mês corretamente  
 Aquela hora ingrata,  
 O grito de nossa gente  
 Acompanhei direitinho,  
 Nas matas de Segredinho,  
 Os passos da inocente.

V  
 Foi a 8 de setembro  
 Quando isto aconteceu;  
 As três e meia da tarde  
 A jovem desapareceu,  
 Foi embora esta donzela,  
 Só botamos olho nela;  
 No dia que faleceu.

VI  
 200 metros, mais ou menos;  
 Longe da sua morada,  
 O gado estava pastando  
 Ela foi dar uma olhada,  
 Ninguém sabe, ninguém viu;  
 No lugar onde saiu  
 E conversa ignorada.

VII  
 Houve logo o corre-corre;  
 Começaram a procurar;  
 Não havia uma pessoa;  
 Que dissesse que viu passar  
 Espalhou-se a notícia;  
 Foi chamado a policia  
 Também foram procurar

VIII  
 Dia nove as sete horas;  
 Se juntava o pessoal  
 Na casa do Antonio Lopes  
 Parecia um arraial,  
 O povo se combinava  
 Em grupo se espalhavam  
 Entrando no matagal

IX  
 De espírita ate macumba,  
 De baralho a maracá,  
 Cartomante, pai da mata,  
 E quem sabe adivinhar,  
 Frango preto, encruzilhada  
 Tudo isso é palhaçada;  
 Fazer ponto assobiar

X  
 Neste povo, não acredite,  
 Que não aprovou ninguém  
 Castanhal Inhangapi,  
 Tracuateua ate Belém  
 Capanema, Salinópolis,  
 Isto tem é de mangote,

Na cidade de Ourém.

XI

Mandar buscar os padrinhos,  
Era grande desafio,  
E gritarem a meia noite,  
No lugar onde saiu  
Naquele lugar esquisito  
Meia noite dei dois grito  
Não senti nenhum arrepio.

XII

Ficando tudo indeciso;  
Era aquela confusão,  
Entrando no matagal  
Com cuidado e atenção;  
Desde o mato até o pasto  
Não deixou sequer um raspo,  
Para nossa informação.

XIII

Foi ligado os telefones,  
Para todos seus parentes,  
Chegando de todo lado,  
Se juntava muita gente  
Era silencio e tristeza  
Era para nos a surpresa  
De sumi tão de repente.

XIV

Os parentes acompanhavam  
Junto à população  
Outros ficavam em silencio,  
Fazendo sua oração;  
Os seus pais desesperados  
Por Jesus abençoado  
Recebia a proteção.

XV

Se você está indeciso  
Eu vou dar explicação,  
Município é Capanema,  
Tauari é a povoação,  
E a vila é Segredinho  
Se você entrar sozinho  
Vai senti assombração.

XVI

A área é tão pequena,  
Você pode acreditar  
É cercado de fazenda,  
Eu conheço tudo lá,  
É casa para todo canto,  
Por isso que eu me espanto  
Com esse mistério de lá.

XVII

As horas foram fugindo,  
E os dias se passando;  
Eu direto lá no mato,

Dia e noite acompanhando,  
Em 45 dias,  
Muita gente desistia,  
Eu também fiquei orando.

XVIII  
Vamos pedir licença,  
Vou entrar noutra ramal,  
Vou trazer os mensageiros  
Do meu pai celestial,  
Dia 30, à tardinha,  
Encontraram a menina  
Lá dentro do matagal.

XIX  
Sendo Francisco Vieira,  
Este distinto senhor  
E junto com Manoel Paulo,  
Este amigo caçador  
Na tarde daquele dia,  
Sentiram muita alegria  
Quando a menina, ele achou.

XX  
Seu Chico saiu correndo,  
E gritou lá na porteira  
%Seu Antonio venha cá+  
E ele chegou na carreira  
Achamos a sua filha  
No meio daquela ilha  
Bem perto da cabeçeira.

XXI  
Seu pai saiu correndo,  
Quando a notícia chegou  
Chegando viu sua filha,  
E o nome dela chamou,  
Levantando a cabeça,  
E antes que eu me esqueça  
Somente pra ele olhou.

XXII  
Colocaram em uma rede  
E saíram na carreira,  
E a vida muito pouca,  
O pulso na derradeira,  
E suspirou em viagem,  
Isto é uma mensagem  
Desta vida passageira.

XXIII  
O povo já se juntava  
Comemorando alegria,  
Com o seu falecimento  
Transformou-se em agonia,  
A Jesus eu agradeço,  
300 pessoas no terço  
Resando Ave Maria.

XXIV

Quando foi o outro dia,  
 Doloroso foi o planto,  
 Gente pedindo perdão,  
 Chorando pra todo canto  
 Os familiares chegavam,  
 As horas se aproximavam  
 De segui o campo santo.

XXV  
 Cinco horas na igreja,  
 Já tocava o funeral,  
 Tava sendo perdoado  
 Todos que falaram mal;  
 Para nós foi surpresa  
 Reinava maior tristeza  
 No riso do pessoal

XXVI  
 Para seus familiares,  
 Resta só a fotografia,  
 Fica o nome como herança  
 Das piores travessias,  
 Deixa um beijo, as crianças,  
 Isto é só uma lembrança  
 Que passou no mundo um dia.

XXVII  
 Esta é a real história,  
 Que me corta o coração  
 Faça o sinal da cruz,  
 Também reze uma oração,  
 Entregue a sua vida  
 A nossa Mãe querida  
 E o autor da criação.

XXVIII  
 Também quero esclarecer,  
 De onde é o trovador  
 Sou nato de Capanema,  
 Em Tauari sou morador  
 Eu não creio em curupira  
 E não vou versar mentira,  
 Pra contar pro senhor.

XIX  
 Vou ficando por aqui  
 E já fiz minha oração,  
 Faço o sinal da cruz,  
 E também perca a proteção  
 E para Maria José  
 A virgem de Nazaré  
 E Jesus da salvação.

XXX  
 Cá encerro esta rima  
 Segue minha saudação  
 Vai um cordial abraço  
 Para toda a região,  
 Deste seu menor criado  
 Quem citou este recado.



A Comunidade do Segredinho, que tem suas origens na cultura indígena, é parte do cenário amazônico com suas riquezas culturais herdadas dos seus descendentes, que dão continuidade de seus hábitos e cultura, enraizados de crenças, mitos e outros. A origem e a formação histórica dessa comunidade estão fundamentadas nos mitos, em histórias que lhe foram repassadas. A origem do lugar narrada pelos entrevistados nos mostra que os mitos têm uma relação muito grande com tudo que acontece no lugar.

### **2.3 Território de pesca como espaço de múltiplos saberes**

A Amazônia, além da imensa biodiversidade ecológica, é um espaço com intensa diversidade sociocultural e econômica. É indiscutível como a formação dos sujeitos amazônidas tem raízes nas culturas tradicionais que serviram de base para fortalecer nossos costumes, crenças e valores. Em alguns momentos da história, a formação econômica foi baseada unicamente no modo de organização desses povos através do emprego de técnicas adaptativas usadas pelos índios, como enfatiza Diegues (1995, p. 191):

Valorizar e respeitar as realidades culturais das comunidades é perceber os diferentes sistemas econômicos existentes onde cada sistema possui um modo específico para explorar os recursos naturais e o uso do trabalho humano, assim como o bom e o mal uso dos recursos naturais, segundo uma racionalidade intencional específica.

Os modos de vida dos pescadores e as diversas práticas de trabalho desenvolvidas nas comunidades são representados por suas formas de organização, que garantem sua reprodução material e cultural. Desse modo, a concepção que entende o território no movimento e na estabilidade relativa vem sendo amplamente debatida por diferentes teóricos das ciências sociais, construindo a ideia de território com seu significado simbólico-cultural, compreendendo o território como domínio (natural) e apropriação (simbólico) (HAESBAERT, 2004), sendo ambas as formas de controlar e ordenar os processos de territorialização na sua dimensão natural e concreta.

Quando enfocam o território e os processos de territorialização, reporta-se à análise de sociedades tradicionais como a sociedade indígena, que retrata muito

bem a realidade da Comunidade do Segredinho. Essas sociedades economicamente dependem muito mais das condições físicas do seu entorno ou fazem uso de referentes espaciais da própria natureza na construção de suas identidades (HAESBAERT, 2004).

Pela importância dessa abordagem, faz-se necessário entender que movimento ocorre a partir do processo contínuo de territorialização e desterritorialização dos atores sociais (HAESBAERT, 2004), permitindo a compreensão de que o território está em constante processo do fazer-se, desfazer-se e refazer-se, isto é, em movimento. Por outro lado, partindo do pressuposto de que esse movimento constante do território é fruto da dinâmica dos recursos naturais pesqueiros e das ações humanas sobre esses territórios, entendemos que os recursos têm um caráter variável de instabilidade no tempo e no espaço, ou seja, o que hoje é recurso amanhã pode não ser mais.

Podemos entender ainda, que territórios pesqueiros são construídos pelos pescadores a partir do trabalho e da apropriação da natureza; territórios que podem ser delimitados mesmo na fluidez do meio aquático e sobre os quais pescadores exercem algum tipo de domínio. Vista em um primeiro plano como recursos comuns e de acesso ilimitado, a apropriação de territórios pesqueiros por parte de pescadores leva a criação de mecanismos que regulam o acesso aos pescadores (CARDOSO, 2003).

A territorialização das coletividades de pescadores ocorre em um processo contínuo de apropriação e uso dos recursos naturais pesqueiros na Amazônia paraense, que não difere da realidade do Lago Segredo, que ocorre com forte enraizamento sociocultural, construído na territorialidade desses grupos. Portanto, trata-se de territórios que são frutos das relações sociais, humanizados e delimitados a partir das práticas intencionais dos humanos.

A Comunidade do Segredinho apresenta em seu território resultados das ações dos moradores locais sobre a natureza para garantir sua sobrevivência através da prática de atividades como agricultura, caça e pesca, o que retrata o território em movimento, segundo Haesbaert (2004). Deixa de ser uma observação do momento para ser o território em movimento, com a dinâmica social, como sendo local, com suas características peculiares impressas pelo uso que se dá a ele, no qual cada indivíduo ou grupo social se desenvolve em uma lógica produtiva (com

trabalho, entendido de maneira geral) e/ou cultural (com seus mitos, tradições, hábitos e costumes), como veremos nos próximos tópicos desse trabalho.

Desse modo, essas relações com o território é peculiar a cada localidade, como na Comunidade do Segredinho, pois cada sujeito cuida e usa o território de acordo com seus modos de vida. Vale ressaltar que, embora não haja uma norma e uma fiscalização efetiva dos recursos naturais na Comunidade/Lago Segredo, os moradores/pescadores locais possuem uma forma única de se organizar enquanto categoria para proteger o que os pertence, como explica o pescador:

A gente cuida. A gente, por exemplo, não pesca no período da desova dos peixes que dão aqui. A gente espera. Nesse período só pesca o da merenda e procura outra coisa pra fazer, tipo cuidar do roçado para plantar mandioca, que serve para comer e vender um pouco, porque a gente quer o lago sendo o sustento para nós como sempre foi muito (A. 48 anos).

Neste sentido, o território sofre a influência do seu agir, o que se dá em uma relação contínua e contraditória com os sujeitos e com os elementos da natureza em seu espaço de moradia, lazer e trabalho. Assim, fazem e refazem o território local, criando e recriando os recursos naturais e construindo um lugar próprio, onde Godelier (1984) afirma:

Que a força mais profunda que movimenta o homem e faz com que construa novas formas de sociedade é sua capacidade de mudar suas relações com a natureza, ao transformá-la. No coração das relações materiais do homem com a natureza as três funções do conhecimento: *representar, organizar e legitimar* as relações dos homens entre si e deles com a natureza. Torna-se, assim, necessário analisar o sistema de representações que indivíduos e grupos fazem do seu ambiente, pois é a partir delas que agem sobre ele.

Desse modo, visualizando o Lago Segredo como território de forte representação simbólica para os pescadores que dele vivem e o reverenciam, torna-se evidente que não é simplesmente a natureza ou as limitações geográfico-ambientais que motivam um tipo específico de exploração dos recursos naturais, mas sim as formas com que se configuram as relações sociais, suas racionalidades intencionais, seus objetivos de produção social e simbólica. Afinal, o elemento de maior peso vem da cultura e das capacidades produtivas (GODELIER, 1984).



**Figura 5:** Pescadores no portinho do Lago Segredo  
Fonte: Trabalho de Campo. Cunha (dezembro/2009)

O Lago Segredo (Figura 5) como território de pesca aparece tanto como natureza como espaço produtivo para o desenvolvimento da pesca e práticas culturais. Um espaço que dispõe de recursos como meio de garantir a sobrevivência das famílias oriundas da comunidade, que segundo os relatos dos pescadores o lago como ~~pa~~ pai da comunidade, já ressaltado anteriormente, foi e ainda é o meio de garantir educação, saúde e alimentação para muitas famílias, assim como espaço de reprodução da cultura local. Contudo, precisamente de acordo com o mapeamento realizado na comunidade, 20 famílias sobrevivem somente da pesca do referido lago, enquanto outras famílias alternam com roçado, pequenos comércios, aposentadorias, serviço público municipal e trabalhos informais.

## SABERES DA PESCA, IDENTIDADES E TRADIÇÕES



### **3 SABERES DA PESCA, IDENTIDADES E TRADIÇÕES**

A atividade pesqueira é uma atividade humana que representa uma modalidade de uso do espaço, sendo assim considerada uma atividade extrativa secular. É introduzida neste contexto por ter sido, e ainda continuar sendo, um dos mais importantes meios de subsistência das populações amazônidas.

Partindo do contexto da pesca, os saberes que envolvem tais práticas dos pescadores são marcados por suas identidades e tradições, que são apresentadas por traços característicos afins e heterogêneos, que desenham seus hábitos identitários, culturais, políticos e ambientais no cenário dos sujeitos rurais ribeirinhos.

Essa atividade apresenta duas especificidades, que residem na articulação entre os meios aquático e terrestre, sendo que o primeiro comporta os processos de apropriação da natureza e o segundo significa os espaços de morada do pescador e o da realização do pescado enquanto mercadoria (CARDOSO, 2003).

Os territórios de pesca são áreas apropriadas ao longo dos anos, mediante o trabalho desenvolvido pelos pescadores artesanais que praticam suas atividades em águas continentais ou litorâneas. Este não possui apenas uma definição física e precisa ser compreendido a partir da observação das decisões da comunidade sobre espaços e relações sociais horizontais, bem como de sua dimensão simbólica e material (NOGUEIRA, 2004).

Como modalidade de uso do espaço, a atividade pesqueira interage com as demais formas que a sociedade produz e reproduz seu espaço. Desse modo, essa atividade interage ainda com as modalidades de usos dos espaços litorâneos e dos recursos hídricos em geral; as primeiras marcadas pela expansão da atividade turística e as segundas marcadas por uma discussão recente de privatização e remodelamento dos organismos (CARDOSO, 2003).

A atividade pesqueira no Brasil começou a ser desenvolvida pelos primeiros habitantes, as populações indígenas, que através do seu modo de vida dominavam algumas técnicas para capturar peixes para sua alimentação. Desse modo, a partir da colonização portuguesa no século XVI, houve uma mestiçagem entre saberes e práticas dos povos indígenas e a introdução de novos saberes trazidos pelos colonizadores.

A condensação de múltiplos conhecimentos sobre a pesca permitiu que novas técnicas fossem sugeridas com o passar dos tempos, pois o desenvolvimento desses

saberes é uma confluência entre aquelas manuseadas por nossos antepassados e outras que foram surgindo ao longo da história. Desse modo, nenhuma delas deve ser deixada de lado (MORAES, 2007).

Partindo desse contexto, a pesca é uma das principais fontes de alimento no nordeste paraense, como também uma das mais antigas atividades sociais produtivas. Essa atividade hoje vem sofrendo inúmeras alterações, principalmente nos dois últimos séculos, no que diz respeito à tecnologia, às relações de trabalho, passando de atividade de subsistência a pesca comercial (FURTADO, 1987).

No Lago Segredo, a pesca configura-se como uma atividade cuja condição social de produção não está voltada somente para o consumo, mas também para o mercado/comercialização do produto, assim como representação simbólica e material no imaginário local.

Na Comunidade do Segredinho, que tem essa atividade como ofício herdado dos seus antepassados, os indígenas, praticava-se a pesca juntamente com a caça e a coleta de alimentos, período em que associavam pescadores e coletores. Hoje, basicamente, os pescadores da Comunidade do Segredinho alternam com a atividade agrícola, surgindo assim a figura do pescador-lavrador, que desenvolve seu trabalho na pesca e na agricultura. Esse tipo de pescador pode denominar-se como pescador polivalente, segundo Furtado (1987).

As mudanças ocorridas na atividade pesqueira em decorrência da economia de mercado também são percebidas nas relações humanas no interior da Amazônia, as quais passam a modificar seus tradicionais modos de vida em relação ao sistema de produção. Ao reportar-se aos pescadores do Lago Segredo, o consumo familiar está deixando de ser a principal atividade do pequeno pescador, que agora busca sua sobrevivência também através da comercialização do pescado para as necessidades de outros gêneros.

Alguns pescadores entrevistados relatam um sentimento de angústia em relação ao lago, quando associam a transformação da natureza às formas de uso consideradas por eles como inadequadas, assumindo inclusive uma parcela da responsabilidade por essas práticas.

A gente antes tinha fartura de peixes; tanto no inverno quanto no verão pegava cerão de peixes de qualquer jeito com espinhel, com mão, caniço, anzol, isso era mais do nosso tempo e dava pra sustentar mais de 20 pessoas na família com comida, calçado, roupas e outras coisas. Agora, a comunidade cresceu. Além de vir outras pessoas pescar no lago, elas usam

malhadeira fina, que pega todo tamanho de peixe, e isso tá diminuindo o peixe no lago. A gente sente muito falta daquele tempo (F. 58 anos).

Contudo, há outro sentimento que tanto aflige os pescadores: a revolta no que se refere à ausência de leis/normas/acordos que regularizem a atividade pesqueira do lago. Vale ressaltar que tais necessidades são por conta dos visitantes e famílias recentes na comunidade que não respeitam os hábitos locais, visto que a pesca realizada no lago só se intensificou nos últimos anos, o que implica seriamente a escassez desses recursos naturais, causando preocupação, se nada for feito em prol da questão em pauta para garantir a sobrevivência da comunidade local.

O lago significa pra gente um meio de sobrevivência. Agora, a gente precisa fazer alguma coisa, porque não é só pela gente que vive aqui desde criança e aprendeu a pescar com os pais, avôs. Mas aumentou muita gente e muita gente pesca no lago, que antes era só nosso, agora não. Se não arrumar isso, vai ficar difícil mais tarde (J. 62 anos).

Desse modo, os saberes da pesca que a comunidade cultivava desde os seus antepassados não implicavam tanto a preservação dos peixes existentes no lago. Contudo, ao longo das últimas décadas, os pescadores vêm se adaptando às técnicas de mudanças climáticas, ecológicas, entendendo as necessidades que envolvem, em que a tradição e os costumes são perfeitamente notáveis nas variadas pescarias hoje desenvolvidas.

### **3.1 Tipos de pesca cultivados no Lago Segredo**

A atividade pesqueira obedece a um calendário anual de safra e entressafra. No Lago Segredo, os meses de chuva marcam o período de entressafra; é quando os pescadores realizam suas práticas no lago próximo à comunidade apenas para o consumo, em virtude da proibição do uso do lago pela Lei do Defeso, que não é tão respeitada, mas mesmo assim é dificultada a realização da captura do pescado nesse período pelas cheias.

Quando as chuvas estiam, geralmente no mês de agosto, período não tão certo nos dias de hoje com as mudanças climáticas, começa a safra, ou seja, o período em que o lago se torna um atrativo para a região, sendo frequentado por



canoas (casquinhas) que coletam peixes até o mês de dezembro com base nos relatos dos pescadores.

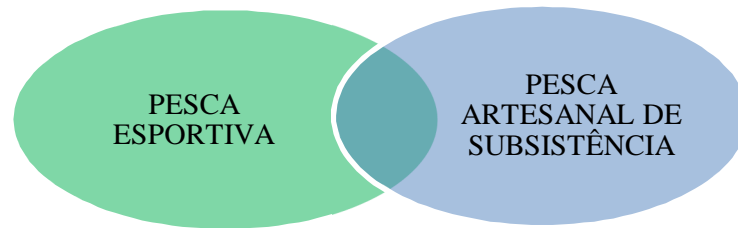
Esse tempo de verão, estiagem é o melhor tempo para nós. A gente consegue pagar peixe à vontade com nossos instrumentos e até com a mão, paneiro. Em poucas horas a gente vem do lago com nosso paneiro cheio de peixe pra comer e vender (B. 51 anos).

A capacidade de identificar um pesqueiro e a partir daí constituir entre os seus um território de pesca (campo de trabalho, de lazer, do simbólico) é uma das características do pescador ou da pescadora, segundo Nogueira (2004). O que remete à importância do saber local nessa relação complexa com a natureza são os sinais dos tempos, representados de diversas formas por um conjunto de fatores naturais, tais como: as variações do tempo, o período do calor, o período chuvoso, o período das águas grandes ou das secas e as formas como essas variações implicam seus processos produtivos como ameaças.

[...] sujeitos de práticas cotidianas de resistências, construtores de seus projetos de vida e tecedores de representações sobre o mundo vivenciado. Sujeitos construtores de uma lógica de pensar a realidade social oriunda do processo de relação dialética com o mundo (OLIVEIRA, 2002, p. 19).

Dessa forma, faz parte do cotidiano social os saberes partindo de um campo simbólico, fortalecendo-se na relação com o outro na transmissão desses saberes, atitudes e valores de suas tradições historicamente construídas. Assim, configura-se a Comunidade do Segredinho com suas práticas de manifestações populares sobre o território de pesca.

No Lago Segredo, existem duas modalidades de pesca (Figura 6), tanto aquela realizada por pessoas de fora (pesca esportiva), que caracteriza o motivo de ameaça para os pescadores locais, como a realizada pelos próprios pescadores da comunidade (pesca artesanal de subsistência). Entre essas duas modalidades, tem existido coexistência de sentimento de pertencimento e cuidados com o território de pesca localizado no interior da comunidade.



**Figura 6:** Modalidades de pesca existentes no Lago Segredo  
 Fonte: Elaborado por Cunha (2010)

A pesca esportiva é aquela realizada por visitantes ou turistas, a qual se constitui ainda em uma modalidade de pesca ainda pouco difundida. A pesca esportiva utiliza artes da pesca como anzóis, malhadeiras, linhas ou outros meios que às vezes não são adequados para a captura das espécies existentes no lago, enquanto a pesca de subsistência é uma modalidade que tem como propósito a obtenção de alimentos, embora uma parte possa ser comercializada com o objetivo de obter gêneros para atender às necessidades básicas da comunidade.

Essas atividades são desenvolvidas por quase todos os membros da comunidade, incluindo homens, mulheres e crianças, como meio de ajudar a família e aprender o ofício de pais, tios e avós. Os apetrechos utilizados variam de acordo com o período de cheia ou estiagem, tais como: malhadeira, caniço, terçado, espinel e outras artes da pesca, segundo os pescadores.

A pesca de subsistência é a atividade mais significativa na reprodução da Comunidade do Segredinho, mas também possui outra alternativa, a agricultura, com a fabricação de farinha de mandioca e plantação de feijão caupi e outros. Não obstante, a pesca, apesar de configurar-se como a atividade principal dos moradores da comunidade, ainda é realizada basicamente para o consumo direto, por isso é necessária a organização social da categoria dos pescadores para a regulamentação da referida atividade.

Além das modalidades existentes citadas anteriormente, também há os tipos de pesca mais peculiares realizados pelos pescadores locais, como a pesca da caiamanga ou a pesca da batida, a pesca de arrasto, a pesca de caniço, a pesca de rede de espera e outras. De acordo com os saberes tradicionais dos pescadores locais, para cada período do ano, ou seja, verão (estiagem), inverno (cheia), dia e

noite, existem os tipos de instrumentos apropriados para se ter uma boa pescaria. São explicados a seguir alguns tipos de pesca de acordo com os relatos dos pescadores locais.

### 3.1.1 Tipos de pesca

#### Pesca da caiamanga

A pesca da caiamanga praticada no Lago Segredo é observada preferencialmente no verão, quando os campos do lago ficam secos. Esse tipo de pesca é realizado principalmente entre as espécies que ficam às margens do lago. De um lado, os pescadores fazem um cerco com a rede de pesca em torno do cardume identificado pelos pescadores à margem do lago, fechando o cerco; no outro lado, desloca-se uma canoa entre a rede com instrumentos, remos e paneiros para guardar os peixes capturados.

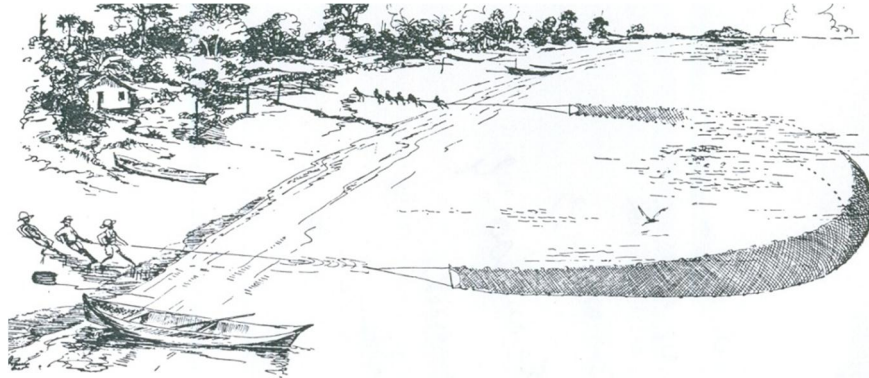
Nesse momento de organizar o cerco, os pescadores começam a fazer barulho, bate-se com os remos, facão e até com as próprias mãos na água com o objetivo de espantar os peixes, que na busca de fugir enroscam-se nas redes. Além disso, os pescadores, com suas experiências através das práticas cotidianas, conseguem também capturar os peixes com as mãos, mergulhando dentro do cerco apenas com a cabeça fora da água. Foi observada no Lago Segredo a realização dessa pescaria com sete pescadores(as), entre ele uma geração . avó (60 anos), pai (48 anos), mãe (46 anos), irmã (30 anos), nora (27 anos), filho (29 anos). Todos sabendo o ofício da pesca.



**Figura 7:** Pesca da caiamanga no Lago Segredo  
Fonte: Trabalho de Campo. Cunha (outubro/2010)

### **Pesca de arrasto**

A pesca de arrasto é realizada pelos pescadores com um tipo de rede que costumam colocar nas batidas do lago em certo ponto. Depois os pescadores realizam o arrastão com a rede até outro ponto, onde os peixes cercados e distantes do meio do lago ficam presos ou enforcados nas malhas da rede. Esse tipo de pesca é realizado tanto de dia quanto à noite.



**Figura 8:** Pescaria de arrasto

Fonte: Moreira e Rocha (desenho de Elielson Rocha, 1995)

### **Pesca de caniço**

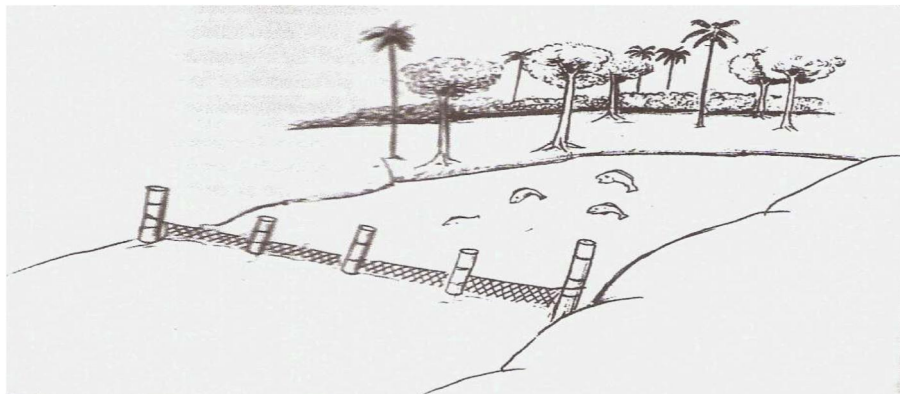
Este tipo de pesca é praticado pelos pescadores durante o dia e também à noite. O caniço, além de ser um instrumento de fisgar peixes muito utilizado em outras regiões, permite que a prática desse instrumento seja simples e de fácil acesso para ter uma boa pescaria, sendo confeccionado pelos próprios pescadores com galhos de árvores comuns na região. Na ponta do caniço, amarra-se uma linha de náilon, a qual se estende até a extremidade fina do caniço, onde é novamente amarrada utilizando um peso (chumbo), onde o pescador amarra um pequeno anzol. Dessa forma, o caniço está pronto para ser utilizado, sem esquecer a isca, que são camarões coletados às margens do lago.



**Figura 9:** Pescadora realizando a pesca de caniço no Lago Segredo  
 Fonte: Trabalho de campo. Cunha (outubro/2010)

### **Pesca com rede de espera**

A prática desse tipo de pesca no Lago Segredo acontece com alguns tipos de redes, que ficam na posição vertical presa com pedras no fundo das águas. Esse tipo de pesca é realizado no período de cheias e seca. Depois de colocadas, dependendo do tempo de espera dos pescadores, capturam-se muitos peixes. Alguns colocam à noite para serem recolhidas no dia seguinte.



**Figura 10:** Pesca com rede de espera  
 Fonte: Moreira e Rocha (desenho de Elielson Rocha, 1995)

Esses saberes são oriundos dos seus antepassados, ensinados de pai para filho desde cedo, tanto os tipos de pescaria quanto a confecção dos instrumentos. Nesse sentido, a partir dos relatos e da memória dos pescadores, observou-se o apego a suas tradições, embora antes já frisado que essas identidades e tradições sejam mais presentes nos pescadores antigos em relação às gerações recentes.

Aprendi a pescar desde criança com meu pai. Sempre seguia ele na pescaria, aí fui aprendendo como ele fazia para a gente ter uma boa pescaria. Naquele tempo tinha fartura, pegava peixe com a mão. Hoje a gente pega mais porque sabe onde dá mais peixe e as artimanhas para pegar; aquele que não sabe as técnicas vem de mãos abanando (F. 55 anos).

Contudo, compreender a organização social, as tradições das coletividades de pescadores e seus territórios perpassam pela necessidade do entendimento das ações dos diferentes atores sociais, que agem no espaço apropriando e formando territórios de vivência e reprodução social.

Nesse caso, a pesca desponta como um meio de sobrevivência e como atividade econômica para diferentes grupos no contexto amazônico paraense, o que retrata a Comunidade do Segredinho, que tem a atividade pesqueira como patrimônio para os moradores locais.

Assim, para garantir apropriação e uso das populações amazônicas de seus territórios, surge a resistência dos pescadores, emanadas das próprias capacidades dessa categoria de impor representatividades de seus interesses intrínsecos, materializando-se territorialmente como forma de garantir suas identidades, como enfatiza Haesbaert (2004): *“o território é antes de tudo, um território simbólico, ou um espaço de referência para a construção de identidades”*.

Dessa forma, os pescadores são capazes de delimitar, através das suas práticas, os seus espaços e representá-los através das suas construções sociais, formando suas territorialidades como meio de assegurar seus modos de vida e reprodução. A partir dessa identificação, podemos entender melhor os territórios dos pescadores da Comunidade do Segredinho, no nordeste paraense, que expressam relações e práticas humanas. Como explica Haesbaert (2004):

O território enquanto simbólico-cultural prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobre tudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.

Assim, podemos dizer que a dimensão simbólica da atividade pesqueira no Lago Segredo é resultado das práticas cotidianas desenvolvidas pelos pescadores, através das suas relações sociais, econômicas, culturais e ambientais que surgem a partir das necessidades de sobrevivências e dos interesses dos atores sociais envolvidos no contexto.

### 3.2 Instrumentos utilizados pelos pescadores

O fazer pesqueiro presente desde a pré-história da humanidade como atividade extrativista remonta a um fazer sobre a natureza construída por homens e mulheres; um saber construído na apropriação da natureza. Natureza apropriada materialmente por intermédio do uso da técnica, simbolicamente pelos sistemas cognitivos e construídos socialmente.

As comunidades amazônicas são cenários desse universo natural apropriado pelo fazer pesqueiro e sobre o qual os pescadores constroem seu conhecimento com base nos elementos naturais, assim como na organização política, econômica e nos aspectos ligados ao simbolismo.

Para Moraes (2007), pescar é um verbo que, à primeira vista, para aqueles que não compreendem a sistemática de vida de populações pesqueiras, pode remeter à compreensão singular de capturar peixes, certamente expressa, para aqueles que vivem e atuam na pesca, um conjunto de relações de domínios variados, como classificação, ordenação e diferenciação das espécies capturadas e dos instrumentos utilizados.

Desse modo, os saberes que se referem à pesca são saberes construídos ao longo da história repassados de pai para filho de forma oral e experimental. Esses saberes constituem uma forma de compreensão e comunicação com a natureza, visto que a arte de capturar peixes ao longo dos séculos vem se adaptando e se adequando às mudanças climáticas, ecológicas e tecnológicas que a envolvem, em que a tradição e os costumes são perfeitamente notáveis nas variadas pescarias desenvolvidas (ALMEIDA, 2001).

Tendo em vista que a atividade pesqueira é uma das atividades humanas em que há uma relação muito próxima com a natureza, Furtado (1993, p. 206) enfatiza que:

Quanto mais ajustado é pescador ao seu ambiente mais condições cognitivas têm ele para desvendar e se apropriar da natureza. É por aí que ele tem acesso objetivo ao conhecimento das relações existentes entre sua atividade e as faunas aquáticas e terrestres; a flora, os ventos e os mares; as nuvens e a chuva, e assim por diante, cujos sinais são decodificados com sabedoria.



Em consonância com Furtado (1993), dialogamos com as afirmações de Lévi-Strauss (1986) sobre os conhecimentos acerca da natureza e seu comportamento diante do homem, associando as técnicas utilizadas na atividade pesqueira, tanto aquelas manuseadas por nossos antepassados e outras que foram surgindo ao longo da história, onde nenhuma delas deve ser desprezada.

As mais humildes técnicas dos chamados primitivos fazem apelo a operação manuais e intelectuais de uma grande complexidade que é preciso ter compreendido e aprendido e que, de cada vez que se executam, reclamam inteligência, iniciativa e gosto. Não é qualquer árvore que é própria para fazer exposição do tronco, o momento do ano ou do mês em que a abatem tampouco são indiferentes (LÉVI-STRAUSS, 1986, p. 383).

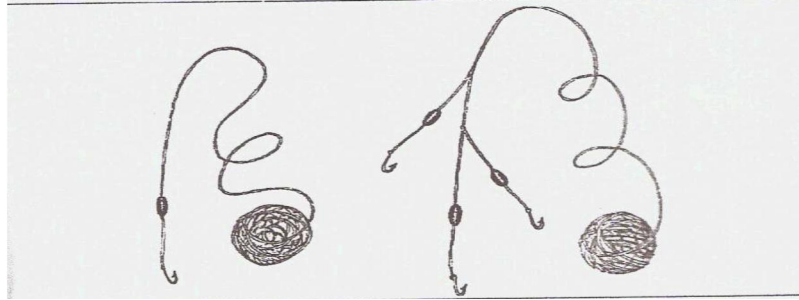
Diante desse contexto dos saberes da pesca, estão inseridos os saberes dos pescadores do Lago Segredo, com suas mais variadas técnicas, que vão diferenciar de acordo com a estação do ano, verão (safra) e inverno (antessafra), com a espécie de peixe a ser capturado, seu tamanho, quantidade, embarcação com duas, três ou mais pessoas.

Conforme os saberes dos pescadores, a pesca no lago pode ser de vários tipos, de acordo com os instrumentos utilizados, como linha com anzol, espinhel, matapi, lente com flecha, tarrafa, cacuri, malhadeira e paneiro. A pesca ocorre individualmente ou em embarcação com duas, três ou mais pessoas. Em meio aos vários tipos de técnicas e de um conjunto de habilidades para capturar peixes e camarões, serão apresentadas as mais comuns, usadas pelos pescadores no Lago Segredo, que através dos seus conhecimentos permite-se fazer uso desses instrumentos em suas atividades do dia a dia.

### **3.2.1 Linha com anzol**

A pesca de linha equivale a um ou dois anzóis presos por um fio de náilon, podendo ser acompanhado de pequenos pesos (chumbo) para facilitar a descida na água. Com base nos relatos dos pescadores, estes sustentam o fio com as mãos; quando o pescador percebe que os peixes estão fisingando a isca, imediatamente puxa a linha com bastante rapidez para fisingá-lo.





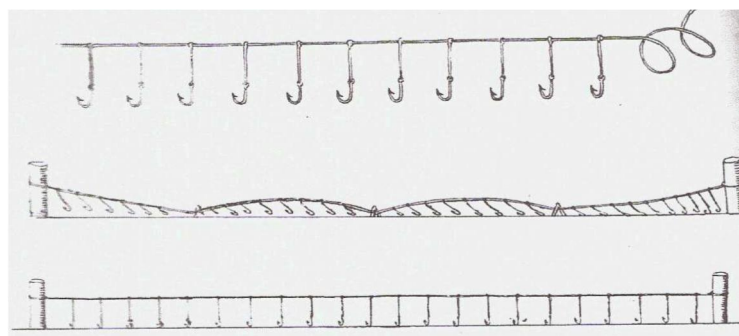
**Figura 11:** Tipo de linha com anzol  
 Fonte: Nery (desenho, 1995: G. Leite, 1983)

### 3.2.2 Espinhel

O espinhel é composto de uma sequência de anzóis destinada a fisgar peixes, pendurados por fios presos por uma grande corda que os sustenta. Os fios que prendem os anzóis são denominados filames. Um dos apetrechos mais utilizados por alguns pescadores do lago, os mais antigos, confeccionado pelos próprios pescadores.

Maneschy (1995), nos estudos acerca da pesca paraense, ao tratar dos espinhéis, relata que a distância entre uma linha e outra é braça, podendo o espinhel ser flutuante ou fixo ao fundo, sendo neste último caso preso por diversas âncoras ou pedras espalhadas ao longo da corda.

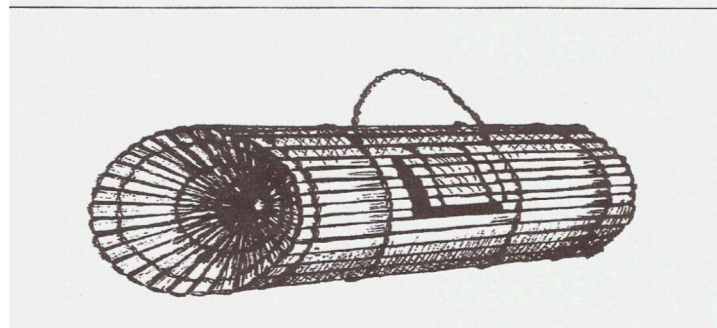
Na Amazônia, de acordo com Furtado (1993) e Moraes (2007), as posições dos anzóis podem ser tanto em linha reta, o que é mais utilizado, como em posição transversal, para capturar os peixes que têm mais hábitos tanto em superfície quanto no fundo dos rios.



**Figura 12:** Espinhel  
 Fonte: Nery (Desenho, 1995: G. Leite, 1983)

### 3.2.3 Matapi

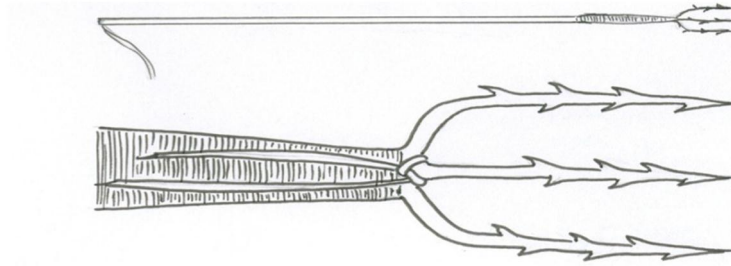
A pesca com matapi na Amazônia destina-se à captura do camarão. É uma armadilha em forma de cilindro, fechada por dois cones, sendo que cada lado contém uma abertura em forma de funil para que o camarão entre e não consiga sair. Sua confecção é feita de talas; a distância entre cada tala tem a finalidade de classificação do tamanho do camarão que se pretende capturar. Conforme relatos dos pescadores, o camarão capturado serve tanto de alimento quanto para iscas utilizadas em outros tipos de pescarias.



**Figura 13:** Matapi utilizado para a captura do camarão  
Fonte: Moreira e Rocha (desenho de Elienson Rocha, 1995)

### 3.2.4 Lente com flecha

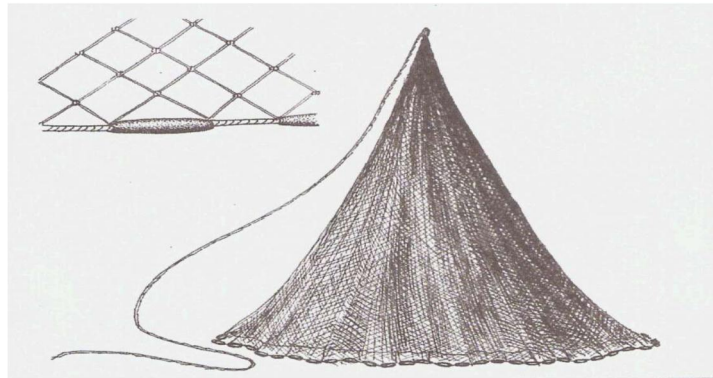
De acordo com os pescadores, a lente é um instrumento parecido com uns óculos grandes acompanhado com uma flecha. Essa flecha possui uma liga que fica presa para pressionar na hora de fisgar um peixe. Esse tipo de pescaria acontece à noite, principalmente em noites escuras, quando muitos peixes estão descansando perto das margens do lago, próximos de troncos, galhos submersos e raízes. No período de lua cheia, é prejudicial esse tipo de pescaria, porque os peixes percebem mais facilmente a aproximação do pescador quando este mergulha e conseqüentemente se afastam.



**Figura 14:** Tipo de flecha utilizada na pesca com lente  
 Fonte: Nery (desenho, 1995; G. Leite, 1983)

### 3.2.5 Tarrafa

Como se trata da pesca realizada em lago, a tarrafa é instrumento próprio para ser utilizado pelos pescadores tanto em lago quanto em rios. É feita com linhas de náilon. No Lago Segredo, a tarrafa é utilizada para capturas de peixes pequenos, que basicamente servem para alimentação do pescador e sua família. Sua confecção é feita pelos próprios pescadores e integrantes da família.



**Figura 15:** Tarrafa de linha e chumbada  
 Fonte: Nery (Desenho, 1995; G. Leite, 1983)

### 3.2.6 Cacuri

De acordo com Furtado (2007), o cacuri é uma espécie de cesto confeccionado com talas de jupati (*Raphia taedigera*), com a boca afunilada, onde o peixe penetra sem possibilidade de retorno. Sua aplicação se restringe aos igarapés. No Lago Segredo, o cacuri é confeccionado pelas famílias dos pescadores. Segundo os relatos, esse instrumento lembra os seus antepassados . os indígenas.



**Figura 16:** Pescadora utilizando o Cacuri  
 Fonte: Nery (Desenho, 1995; G. Leite, 1983)

### 3.2.7 Malhadeira

A malhadeira é um instrumento que passou a ser utilizado somente nas últimas décadas no Lago Segredo. Antes não usada pelos pescadores mais antigos devido às suas implicações ao capturar todo tamanho de peixes. De acordo com Furtado (1993), foi na década de 1960 que começaram a aparecer as malhadeiras ou redes de pesca na Amazônia, industrializadas com fios de plástico.

Segundo Moraes (2007), o tamanho da malha e a espessura do fio são os elementos classificatórios para variar espécies de peixes. Esse tipo de instrumento serve inclusive à pesca de tapagem nas batidas do lago, onde atravessam a rede. Em muitos casos, não se tem o cuidado com o tamanho da malha, ocorrendo a pesca predatória, ou seja, a captura indiscriminada de peixes de tamanhos variados.



**Figura 17:** Malhadeira de uso dos pescadores  
 Fonte: Trabalho de Campo. Cunha (setembro/2010)

### 3.2.8 Paneiro

O paneiro é um instrumento confeccionado de tala de guarimã, muito utilizado pelos índios em outras atividades, assim como pelos pescadores. É utilizado para capturar peixes nas partes mais rasas do lago, bem como para carregar ou conduzir os peixes capturados até suas residências. Além desses instrumentos citados utilizado atualmente, existem na memória dos pescadores os que não se usam mais; são eles os instrumentos antigos: puçá, cacuri de esteira, socó.



**Figura 18:** Paneiro com peixes do Lago Segredo  
Fonte: Trabalho de Campo. Cunha (setembro/2010).

Além dos instrumentos de pesca confeccionados e utilizados pelos pescadores do Lago Segredo, existe algo tão importante quanto os instrumentos para realizar a pescaria, são as embarcações. Dentre os tipos de embarcação mais utilizados no lago, temos o casco, feito a partir de um tronco de árvore escavado, sendo a embarcação mais comum e de mais fácil acesso para os moradores. Os cascos têm a capacidade de transportar até 4 pessoas, porém sua velocidade é menor, dependendo das pessoas que, por meio de remos, utilizam a própria força para movimentar o casco de pequeno porte. Outro tipo é uma pequena canoa feita de várias tábuas em forma de arco, capaz de suportar pouca carga em seu interior para a locomoção dos pescadores.





**Figura 19:** Tipos de embarcação do Lago Segredo (canoa e casco)  
Fonte: Trabalho de Campo. Cunha (julho/2010)

Os diversos instrumentos e técnicas de captura do pescado no Lago Segredo praticados pelos pescadores demonstram uma riqueza de saberes e tradições através das formas de relacionamento com a natureza. Como enfatiza Moraes (2007), quando se observam todas essas formas de pesca, percebe-se que o pescador desenvolve um longo aprendizado, um processo de socialização desde a infância, o que o torna um trabalhador altamente qualificado.

Para Maneschy (1990), essa qualificação dos pescadores é obtida em uma prática de vida, fora, portanto, das vias institucionais de formação na sociedade capitalista; ela é tida como não-qualificação, como um saber inferior. Desse modo, embora não reconhecido institucionalmente, os saberes da pesca trazem um acúmulo de experiência, assim como a influência de diversas ordens econômicas, políticas, sociais, culturais e ambientais.

As diferentes técnicas descritas utilizadas pelos pescadores do Lago Segredo também estão ligadas ao poder simbólico representado na vida desses pescadores. Afinal, a produção desses conhecimentos se dá em determinado lugar, com sistema próprio de concepção, tratando-se do universo da pesca e do território simbólico.

Para Moraes (2007), o convívio e a observação do meio ambiente no qual os pescadores interagem são elementos de uma teia de conhecimentos que cresce a partir da condensação de novos conhecimentos. Tais conhecimentos dos pescadores do Lago Segredo foram tecidos e ainda são enraizados no meio cultural do qual fazem parte, das tradições dos seus antepassados, das relações mitológicas que ainda são presentes no cotidiano dos pescadores.

Assim, Chico Lucas (2007), pescador-agricultor do Rio Grande do Norte, acrescenta através dos seus conhecimentos como pescador e grande observador da natureza sobre a Lagoa do Piató, que a capacidade de condensar ensinamentos que são processados e repassados de geração a geração é características de populações que têm a tradição e estilos de se relacionar com a natureza+. Isso retrata um estilo próprio dos pescadores do Lago Segredo, que influem na necessidade e importância no seu modo de vida, no que se refere a interpretar e compreender as coisas ao seu redor, bem como os elementos simbólicos presentes nas suas formas específicas de se relacionar com o meio através dos hábitos e da linguagem, fortalecendo assim suas tradições.

## TERRITORIALIDADE DOS PESCADORES DO LAGO SEGREDO





#### **4 TERRITORIALIDADE DOS PESCADORES DO LAGO SEGREDO**

A territorialidade é, nas análises de Raffestin (1993), entendida no seio das relações em dinamismo constante, variando no tempo e no espaço, presente no mundo objetivo e subjetivo, ligando a materialidade, as sensações e as representações construídas historicamente. Entende-se que no cenário Amazônico, onde muitas comunidades rurais sofrem interferências econômicas que destroem seus recursos naturais, alteram seus modos de vida e reprodução social, o fortalecimento de práticas organizativas deverá romper com o silêncio a que estão submetidas muitas culturas, impossibilitadas de emancipar-se pelo desconhecimento de sua força enquanto categoria, grupo ou associação.

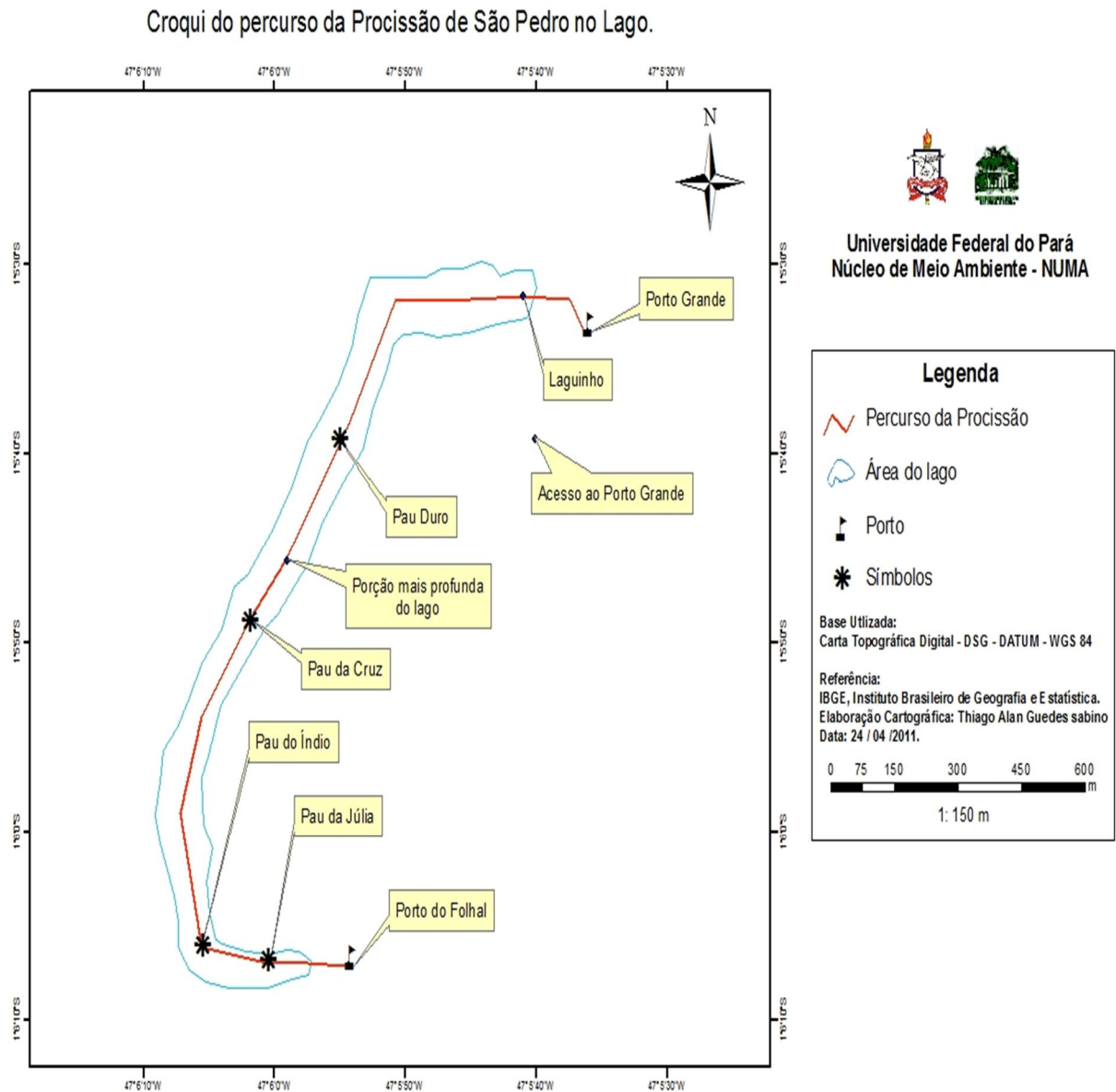
Para Malmberg (1976), territorialidade comportamental humana é principalmente um fenômeno de ecologia etológica com um núcleo instintivo, manifestada enquanto espaços mais ou menos exclusivos, aos quais indivíduos ou grupos de seres humanos estão ligados emocionalmente e mediante outros tipos de estruturação com manifestações de adesão, movimentos ou agressividade (HAESBAERT, 2004 apud MALMBERG, 1976, p. 10-11).

Para Claval (2007), três componentes concorrem para a formação das identidades culturais, são eles: 1) a vontade de se conformar aos usos de um grupo; 2) a idéia de uma origem comum; 3) a construção da pessoa, baseada na articulação assumida de todos os aspectos da vida ao redor dos valores centrais da cultura. Desse modo, a territorialidade está fundamentalmente ligada a esses tipos de identidade.

A questão da territorialidade pode ser identificada em qualquer estudo que busque analisar como se dá a atuação da sociedade no espaço geográfico. Assim, o modo de vida e o território são produto e reflexo da atuação dos indivíduos no espaço e no uso dos recursos naturais. Sendo assim, ambos os conceitos foram utilizados para analisar a realidade dos pescadores da Comunidade do Segredinho.

Na análise da territorialidade dos pescadores do Lago Segredo, verifica-se que diversos mecanismos e/ou processos fazem parte da formação de seus modos de vida e de sua territorialidade. Há de se considerar que as atividades de pesca sempre fizeram parte dos hábitos e costumes destes pescadores, pois a principal atividade deles está baseada mais na pesca de subsistência, alternando com outras atividades como agricultura familiar e caça. Hoje a escassez dos recursos naturais

no Lago Segredo é uma preocupação para os pescadores, que têm seu meio de sobrevivência ameaçado.



**Figura 20:** Croqui da Territorialidade dos Pescadores da Comunidade Segredinho  
Fonte: Dados de campo coletados com utilização de GPS.

De acordo com a Figura 20, ressaltamos que a construção do referente croqui levou-se em consideração a compreensão dos sujeitos entrevistados, assim como os termos utilizados por eles para a análise da territorialidade dos pescadores artesanais do Lago Segredo.

Raffestin (1993), afirma que a territorialidade é inerente à vida em sociedade em função desse caráter multidimensional e das interações das relações de poder vividos pelo homem nas realizações das suas distintas atividades do cotidiano, apropriando-se de territórios que se manifestam nas mais variadas escalas de espaço temporais, apreendidas nas reais relações dispostas nos seus contextos sociais e históricos. Pode-se então afirmar que a territorialidade só pode ser entendida nas relações que se manifestam dentro do processo social e histórico, sendo desta maneira produto de uma coletividade onde os indivíduos mantêm relações entre si em todas as dimensões.

A territorialidade dos pescadores do Lago Segredo é um instrumento valioso dentro do contexto de realidade do nordeste paraense, pois essa é a expressão sensata do poder social do grupo enquanto elemento definidor dos territórios de exploração do pescado e da forma de controle social, bem como define as estratégias de comunicação no espaço e os efeitos territoriais.

Os territórios pesqueiros trazem em si algumas características que lhes são intrínsecas e nos ajudam a pensar no entendimento desses fragmentos espaciais e na territorialidade dos diferentes grupos que vivem desenvolvendo atividades econômicas e hábitos diversos, fundados na tradição de uma consciência coletiva, nos remetendo à necessidade de compreender o espaço pela diferenciação das particularidades regionais e singularidades locais.

Dentro do contexto rural amazônico, é possível encontrar diferentes grupos, os quais têm seus modos de vida também distintos. Dentre tantos, temos as coletividades de pescadores. Esses pescadores têm uma forma peculiar de viver sua cultura, definindo seu território de atuação e fazendo uso enquanto recorte espacial de recurso e abrigo de acordo com seu modo de vida, que tem um significado simbólico cultural valioso para essas coletividades.

Para os moradores da Comunidade Segredinho, a pesca desponta como a principal atividade de subsistência e, quando da safra do pescado, comercializam para a obtenção de outros gêneros. A história dos pescadores revela a importância da pesca no processo de ocupação e construção da singularidade do seu espaço de vivência e reprodução social desde os seus antecedentes . os indígenas . , onde a coletividade desenvolve, embora com certa dificuldade por não possuir uma associação da categoria própria, estratégias espaciais para controlar diferentes graus de acesso aos recursos pesqueiros de seu território.

A territorialidade dos pescadores do Lago Segredo é definida por e a partir da pesca, que é reconhecida pelos demais grupos de pescadores. Esses grupos humanos agem sobre seus territórios, desenvolvendo atividades produtivas da pesca, combinando diversas formas, uma vez que a atividade pesqueira reúne sempre aspectos visíveis e também invisíveis com dimensões e elementos para eles inerentes às práticas da pesca como, por exemplo, o técnico e o simbólico que são próprios do local.

Na organização das atividades do trabalho da pesca, não estão dissociados os rituais sagrados, as festividades organizadas coletivamente e outras manifestações da vida na comunidade, a exemplo da festividade de São Pedro (santo protetor dos pescadores), no dia 29 de junho. Essas manifestações são responsáveis pelas integrações de parentescos e de familiares dos pescadores locais. Realizada no Lago Segredo em procissão e ritual único até a Igreja de São Pedro, na comunidade, com oferendas ao santo protetor e ao índio cateretê, um dos seus antecedentes, que segundo os moradores antigos está encantado no referido lago protegendo os pescadores.

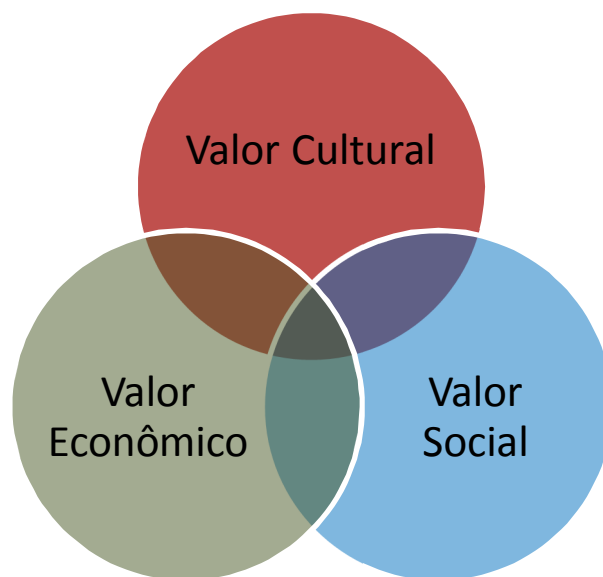


**Figura 21:** Procissão no Lago Segredo até a Igreja de São Pedro (manifestação cultural . São Pedro)  
Fonte: Trabalho de Campo. Cunha (junho/2010)

Tais manifestações são referentes aos lugares e territórios vividos e experimentados pelas coletividades, destacando o ritmo da natureza, a cultura, o simbolismo, revelando o fantástico acúmulo de conhecimento empírico destas coletividades que vivem da pesca nos seus territórios apropriados. Dessa maneira, existe uma ligação muito forte espiritual entre os pescadores do Lago Segredo e o lugar onde eles vivem, principalmente por aquilo que o lugar representa para os pescadores. Para esses pescadores, o Lago Segredo é sua vida e a territorialidade

uma forma de uso do território, onde são explorados os recursos pesqueiros que garantem sua sobrevivência.

Desse modo, sem pretender atribuir valor a uma relação de territorialidade existente na Comunidade Segredinho, pode-se observar que é atribuída uma noção de importância relativa aos costumes que estes pescadores mantêm com o território em que vivem, principalmente em relação aos pesqueiros com o Lago Segredo. Esta valoração, conhecimento e/ou importância leva em consideração a percepção territorial cultural (mitológica), econômica e ambiental do pescador artesanal, a que segundo Sachs (1993, p. 54) é o reconhecimento do aspecto cultural seria uma garantia da pluralidade de soluções particulares em respeito às especificidades de cada ecossistema, de cada cultura e de cada local, que pode ser expressa da seguinte forma:



**Figura 22:** Representação dos valores existentes no meio local  
Fonte: Elaborado por Cunha (2010).

Valor cultural é a importância que o indivíduo atribui ao território, considerando aspectos como identidade, costumes e hábitos. Claval (2007, p. 186) afirma que a cultura fornece aos homens os meios de se orientar, de recortar o espaço e de explorar o meio, nos meios humanizados, o ambiente torna-se um componente da cultura. É neste aspecto, de manutenção cultural, que o reconhecimento cultural deve ser enfatizado, levando em consideração como o habitante sobrevive, e não impondo uma realidade que não pode ser simplesmente

transportada para o ambiente do pescador. Contudo, objetos e outros tipos de aparatos não dotados de uma simbologia amazônica para o pescador no Lago Segredo passam a ser utilizados de forma mais frequente, visto que esse ambiente está aberto a novos atores e processos, mais ainda com o processo de globalização.

Para tanto, a realidade do pescador artesanal no Lago Segredo demonstra adaptar-se a esse momento globalizante, sem, contudo, deixar de fora o reconhecimento da sua identidade local do processo de globalização da cultura e as características que o singularizam. Segundo Claval (2007, p. 186), as relações do indivíduo com o espaço fazem dos primeiros aprendizados culturais e não cessam de se desenvolver, pois reconhecer-se, orientar-se são procedimentos indispensáveis a todos.

Valor econômico é a importância atribuída ao território e seus recursos na possibilidade de obtenção de renda para sua subsistência. Isso está relacionado ao meio de vida do pescador no Lago Segredo. Desse modo, os pescadores do Lago Segredo têm esse território como fonte de renda garantida para atender a seus desejos de subsistência. As verificações acerca dessa temática geram diversas divagações sobre como o habitante amazônico pode melhorar seu padrão de vida, seja por meio do extrativismo dos recursos naturais ou com o uso e manejo racional dos recursos naturais, como apontado por Silva (2006). É possível que para os próximos anos os reflexos de uma nova política sobre a atividade extrativista, incluindo a pesca e os produtos da floresta, se façam sentir não somente sobre um estilo de produção baseado na pesca artesanal, mas também sobre a melhoria das condições de vida das populações engajadas nessas atividades (SILVA, 2006, p. 161).

Como ressalta Haesbaert (2004), uma atividade pode ser definida como territorializada quando sua efetivação econômica depende da localização (dependência do lugar) e quando tal localização é específica de um lugar, isto é, tem raízes em recursos não existentes em muitos outros espaços ou que não podem ser fácil e rapidamente criados ou imitados nos locais que não tem.

Valor social é o reconhecimento da importância de participar ativamente das questões de interesse da comunidade, como se observou na reunião com os pescadores ocorrida na Comunidade de Segredinho (Figura 23). O reconhecimento social estaria relacionado à organização social da categoria dos pescadores para normatizar a atividade pesqueira local a partir da participação comunitária.



**Figura 23:** Reunião com os pescadores locais  
Fonte: Trabalho de Campo. Cunha (setembro/2010)

Segundo Claval (2007), a vida social baseia-se em organizações hierárquicas institucionalizadas. Ela implica igualmente que os parceiros sintam-se pertencentes a um mesmo conjunto pelo qual cada um se sinta responsável e solidário. Isso toma em alguns casos uma forma afetiva, aquela comunidade. Em outros casos, a construção ou valor social tem fundamentos racionais, o interesse, a eficácia, a preocupação de assegurar a defesa e a segurança coletiva, por exemplo, e a comunidade serve de modelo a toda uma série de unidades sociais e culturais (CLAVAL, 2007, p. 114).

Ainda para Claval (2007), uma comunidade de base pode ser construída a partir de elos de sangue que unem os membros de uma mesma família ou formada por um contrato de associação entre membros unidos por um mesmo ideal e um projeto comum. Uma comunidade, a de Segredinho, por exemplo, pode enfim resultar da co-habitação de pequenos grupos num mesmo lugar, e de toda maneira a vida de uma comunidade tem necessidades de uma base territorial onde a distância cria um obstáculo, algo real às relações nas quais se baseia (CLAVAL, 2007, p. 114).

#### **4.1 Fios que tecem o uso do território**

O território, por sua vez, corresponde a uma porção da superfície terrestre apropriada pela sociedade e sobre a qual estabelece formas de controle, manifestando relações marcadas pelo poder (RAFFESTIN, 1993). Segundo Moraes

(1984), o território, a partir da proposição marxista da definição de território, passa pelo uso que a sociedade faz de uma determinada porção do globo, através da relação de apropriação.

Nesse sentido, podemos pensar no território das populações tradicionais, ribeirinhas, pescadores artesanais amazônicos, construídos a partir de sua territorialidade, uma vez que se apropriam de porções do espaço através do trabalho e do conhecimento dos processos naturais que atuam no território a partir da associação de seu modo de vida.

Partindo desse contexto, pode-se interpretar o território pelo seu valor de uso para um determinado grupo social, a exemplo da caracterização de uma territorialidade pesqueira, considerando a dimensão simbólica. Afinal, para Maldonado (1993), ao estudar pescadores, observa que é possível tratar de territórios pesqueiros, uma vez que são espaços conhecidos, nomeados, definidos, delimitados e manejados pelos pescadores.

Considerando a dimensão simbólica desse território, pode-se ressaltar a cartografia simbólica compreendida como modo de imaginar e representar a realidade social. A utilização da cartografia permite a identificação das estruturas de representações das diversas práticas cotidianas sobre a realidade social (SANTOS, 2002).

Dessa forma, o pescador do Lago Segredo, por meio de equipamentos e técnicas, faz uso desse território se adaptando a um melhor modo de vida com o meio ambiente, pois a variação climática na região nordeste paraense estimula o habitante (pescador) a buscar alternativas para sua sobrevivência, como a agricultura, a caça e o cultivo de hortaliças, principalmente no período de dezembro a julho, chamado período de estiagem (verão).

Essa adaptação constante do pescador amazônico à realidade que o circunda possibilita a este indivíduo não atuar somente na atividade pesqueira, mas também realizar outras atividades, como enfatiza Furtado (1993), ao denominar este indivíduo de agricultor-pescador polivalente<sup>8</sup>.

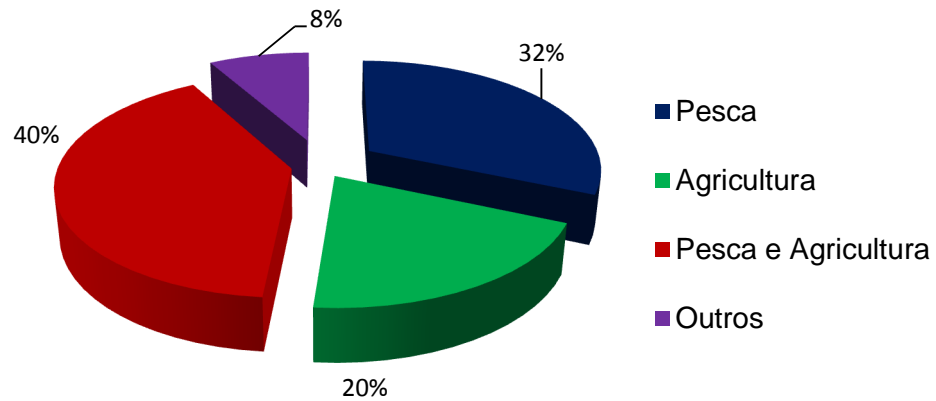
Estes, vivendo de uma multiplicidade de atividades, configuram o que tenho chamado de *pescadores polivalentes*. Adaptaram-se às condições da

---

<sup>8</sup> Pescador-polivalente manipula os recursos do meio terrestre e aquático, atuando na pesca e em outras atividades como o cultivo de roçados, a coleta de frutos e a criação de grandes e pequenos animais e aves. Em sua pesquisa sobre as populações pescadoras ribeirinhas, ou tradicionais, Furtado (1993).



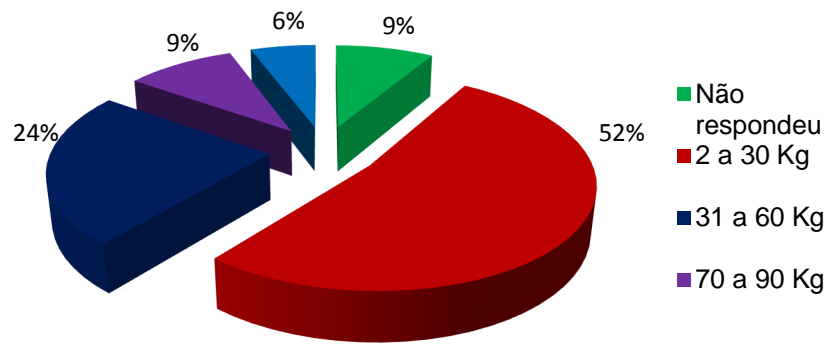
sazonalidade nas quais estão envolvidas todas as atividades por eles praticadas, tais como a pesca de subsistência e comercial, a coleta de produtos silvestres, a agricultura de roçados, o cultivo da juta e alguma caça (FURTADO, 1993a; b, p. 251).



**Figura 24:** Principal atividade das famílias da Comunidade Segredinho no ano de 2010  
 Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados coletados em campo (projeto de pesquisa Rescando conhecimentos: mulheres da Amazônia+, apoio CNPq, 2010).

Diante da figura acima podemos observar as atividades praticadas na Comunidade Segredinho, onde 40% vivem da pesca e da agricultura, como Furtado (1993), descreve anteriormente agricultor-pescador polivalente e 32% somente da pesca. Desse modo, percebemos que a dependência dessa atividade para a sobrevivência das famílias locais é relevante, e que merece atenção no ordenamento pesqueiro local.

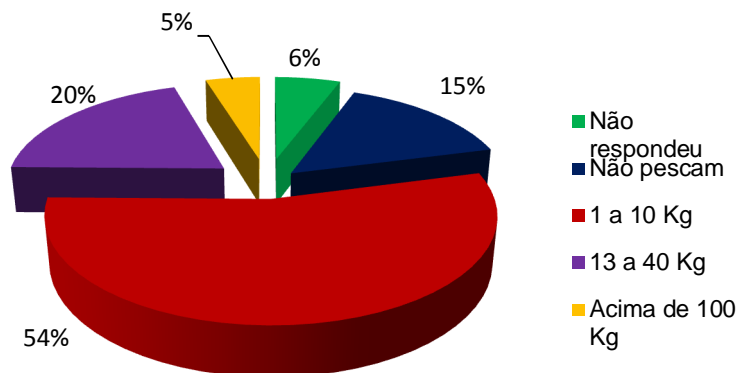
Quando se trata de uma comunidade que vive mais em função da atividade pesqueira, é importante destacar os tipos de peixe capturados por safra e entressafra pelos pescadores do Lago Segredo. Estes pescadores na época do defeso, ou seja, na desova dos peixes, procuram pescar apenas para o consumo da família, embora essa norma não seja tão respeitada por pescadores externos, isto é, da região do entorno da comunidade local, tal qual se vê na figura a seguir o índice de peixes capturados na safra 52%.



**Figura 25:** Extração de peixes por época do ano (safra) *versus* principal atividade da família (pesca, pesca e agricultura) da Comunidade Segredinho no ano de 2010

Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados coletados em campo (projeto de pesquisa *Rescando conhecimentos: mulheres da Amazônia+*, apoio CNPq, 2010).

A Figura 26 mostra a extração de peixes capturados no período da entressafra, levando em consideração as espécies capturadas durante o ano todo e aquelas que são capturadas durante a safra do pescado, que ocorre por aproximadamente três meses por ano (setembro/outubro/novembro) e as espécies capturadas na entressafra, no período de dezembro a agosto.

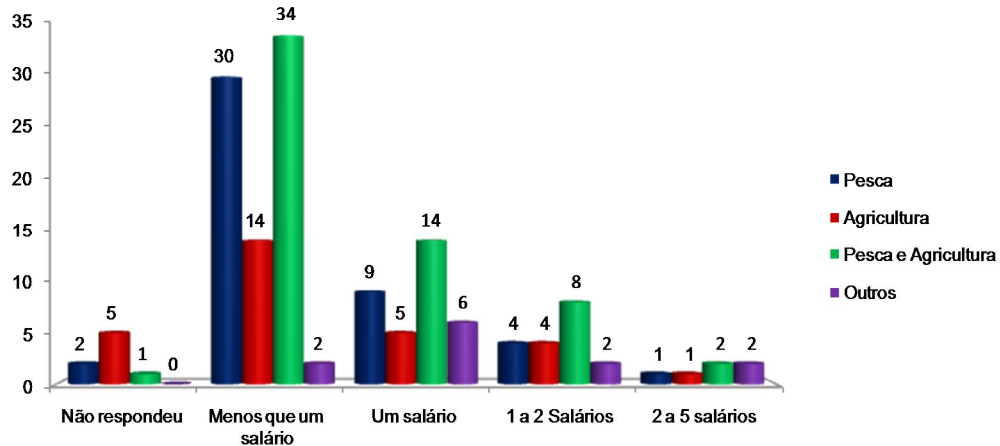


**Figura 26:** Índice de peixes extraídos por época do ano (entressafra) *versus* a principal atividade da família na comunidade no ano de 2010

Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados coletados em campo (projeto de pesquisa *Rescando conhecimentos: mulheres da Amazônia+*, apoio CNPq, 2010).

O tipo de pesca realizada pelos pescadores no Lago Segredo é a pesca artesanal de subsistência, com pequenas embarcações para duas até quatro pessoas confeccionadas pelos próprios pescadores locais. Os peixes capturados na maioria das vezes atingem um quilo; os apetrechos utilizados e o período do ano

são o que define a produção. A pesca representa para os pescadores uma das principais atividades, sendo inclusive a principal fonte de subsistência da parcela da população da Comunidade do Segredinho que possui uma renda familiar baixa, conforme se vê na figura a seguir.



**Figura 27:** Renda familiar da Comunidade Segredinho versus atividade da família no ano de 2010  
 Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados coletados em campo (projeto de pesquisa "Rescando conhecimentos: mulheres da Amazônia", apoio CNPq, 2010).

Os peixes mais comuns são capturados no menor período de tempo, durante a safra, e podem ser comercializado para a obtenção de outros gêneros. As espécies capturadas são: traíra (*Hoplias malabaricus*), cará (*Geophagus brasiliensis*), cuaca (*Diplodus cervinus*), jacundá (*Crenicichla lenticulata*), tuvi, jeju, sarapó (*Gymnotus carapo*), piaba (*Astyanax taeniatus*), tamatá (*Oligosarcus solitarius*), jandiá (*Leiarius marmoratus*), anujá (*Trachycorystes galeatus*), aracu (*Leporinus friderici*), onde a maioria da produção não é consumida, sendo exportada para outros municípios da região. Quando a pescaria é boa, segundo o pescador, "quando é tempo da safra, a gente consegue fazer uma boa pescaria, que dá tanto pra comer quanto pra vender. A gente passa bem nesse tempo" (C. 28 anos).

Neste sentido, para uma compreensão melhor do período de safra e entressafra da pesca no Lago Segredo, podemos ver no calendário pesqueiro local as seguintes atividades: tipos de peixes por período/meses do ano, definição da safra e entressafra correspondentes aos meses do ano.

### CALENDÁRIO DA PESCA POR MESES DO ANO

Espécie	Meses do Ano											
	Entressafra						Safrá					
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Traíra	X								X	X	X	
Cará	X	X	X						X	X	X	
Cuaca									X	X	X	
Jacundá			X	X	X	X			X	X		X
Tuvi	X	X	X			X	X			X		X
Jeju	X	X	X	X	X				X	X	X	X
Sarapó	X	X	X	X	X	X			X	X		X
Piaba	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Tamatá	X	X	X			X	X	X	X	X	X	X
Jandiá		X						X	X	X	X	
Anujá								X	X		X	
Aracu	X	X								X		

**Figura 28:** Calendário da Pesca por meses do ano  
 Fonte: Elaborado a partir da pesquisa por Cunha 2010.

Neste contexto da pesca, faz-se necessário considerar os saberes e práticas, de modo que permita aos pescadores localizar, identificar e capturar peixes no período da safra e entressafra, assim como as espécies em cada período citado. Faz parte de uma cultura na qual os pescadores estão inseridos em uma dinâmica de reprodução e sistematização entre saberes herdados e aqueles adquiridos por meio de suas práticas na pesca (MORAES, 2007).

No período de defeso, os pescadores cuidam dos seus roçados ou trabalham nos roçados de pequenos agricultores na região. O tipo de agricultura realizado é a agricultura familiar de subsistência, com utilização da mão-de-obra familiar e direcionada ao consumo interno da própria família, assim como para obtenção de outros gêneros também, especificamente a plantação do feijão caupi, cultura comum

na região, cujo cultivo se dá para o consumo da família e para o comércio da região e entorno.

Nos poucos roçados para o plantio além do feijão caupi, são cultivadas outras espécies, como, por exemplo, milho, mandioca, macaxeira, arroz, melancia, pois esses tipos de cultura também servem de alimento para os moradores locais. Uma delas é mandioca, para a fabricação da farinha, outro tipo de alimento bastante consumido pelos moradores/pescadores. Na Figura 28, verificam-se algumas das variedades mais cultivadas no local.

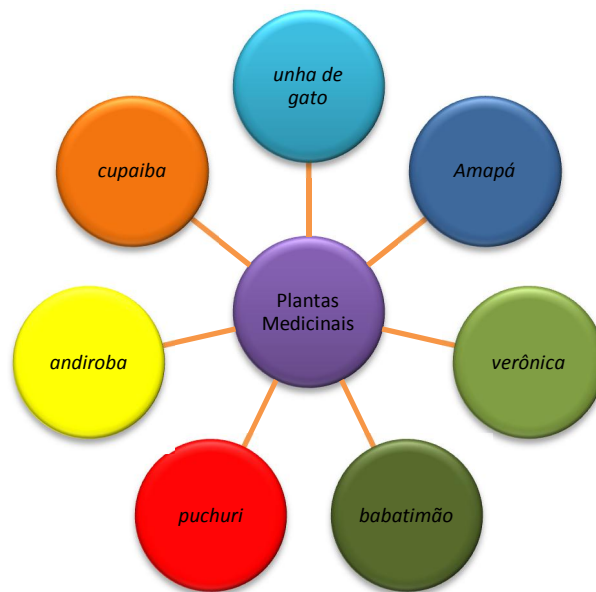


**Figura 29:** Espécies de culturas cultivadas na Comunidade Segredinho  
Fonte: Elaborado por Cunha (2010)

Desse modo, podemos observar as espécies que são cultivadas, principalmente espécies de culturas de curto período, isto é, que são plantadas e colhidas rapidamente, direcionadas sobretudo para a própria subsistência familiar em um período do ano.

Além dessa cultura, os moradores locais também têm a prática de utilizar a partir desse território remédios caseiros, com base na sabedoria popular das margens do Lago Segredo, repassada dos mais idosos para os mais jovens. Estas plantas possuem certo valor nas crenças dos pescadores, principalmente utilizadas na forma de chá e mistura para aplicar em ferimentos a fim de cicatrizar mais depressa, são elas: verônica (*Officinalis*), amapá (leite), unha de gato (*Acacia*

*plumosa*), babatimão (*Stryphnodendron barbatiman*), puchuri (*Puchury-minor*), andiroba (*Carapa guaianensis*), copaíba (*Copaifera landesdorffi*). Assim como outras plantas cultivadas nos quintais das casas, como arruda (*Ruta graveolens*), boldoégua, babosa (*Aloe vera*), pião (*Jatropha curcas*), favacão, magericão (*Ocimum basilicum*), hortelãzinho (*Mentha pulegium*), catinga de mulata (*Tanacetum vulgare*), pluma (*Asparagus densiflorus*), mastruz (*Lepidium sativum*), amor crescido (*portulaca pilosa*) e malvarisco (*Pothomorphe umbellata*).



**Figura 30:** Espécies de plantas medicinais utilizadas na Comunidade Segredinho  
Fonte: Elaborado por Cunha (2010)

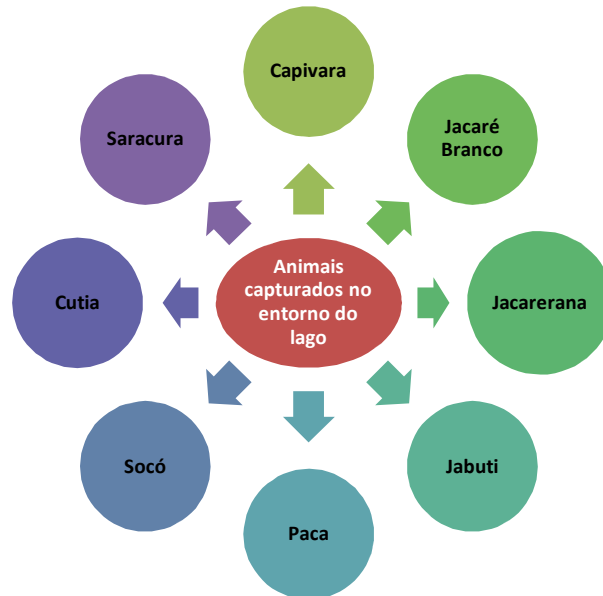
Ainda sobre o uso do território, os pescadores cultivam também nos seus quintais canteiros de hortaliças, uma cultura adquirida dos seus antepassados, organizando um espaço para o cultivo de couve, cheiro-verde, cebolinha, batata doce, pimentão, cariru e quiabo, utilizados para o tempero e complemento das comidas caseiras.



**Figura 31:** Hortaliças cultivadas na comunidade  
 Fonte: Elaborado por Cunha (2010)

Outra cultura dos pescadores locais é a atividade da caça de pequenos animais no entorno do Lago Segredo, o que é comum na região amazônica para a subsistência da família, principalmente no período de defeso do pescado, exercendo importante papel como complemento alimentar. Os tipos de animais mais encontrados as margens do lago são capivara, jacaré branco, jacarerana, jabuti, tatu, paca, cutia, socó, burudanga, saracura, nambu e suruina. Porém, observou-se que a execução deste tipo de atividade é pouco difundida hoje pela escassez de animais nativos na região.

Quando é período de defeso no Lago Segredo, ou melhor, quando não acontece uma boa pesca, os pescadores que afirmaram realizar atividades de caça vão à noite para realizar esta atividade em grupos de cinco ou seis pessoas. Assim, quando a sorte beneficia o caçador em capturar um dos animais (conforme se vê na Figura 31), o produto da caça é consumido pela família dos pescadores, repartido entre as famílias próximas. Há de se ressaltar, a partir desse contexto, as práticas que ocorrem em território simbólico, pois a caça também é uma das que fazem parte do cotidiano dos moradores locais.



**Figura 32:** Animais capturados no entorno do Lago Segredo  
 Fonte: Elaborado por Cunha (2010)

Nas atividades da caça, a boa sorte+ ressaltada pelos moradores está na crença, na presença viva dos seres fantásticos e míticos que interferem diretamente nas práticas tanto da pesca quanto da caça, o que faz parte da cultura dos moradores e configura seus modos de vida, como assim define Galvão (1976, p. 81 apud MORAES, 2007):

É uma força mágica, não materializa [...] que é capaz de infectar crianças humanas, animais ou objetos. Não empresta força ou poder extraordinário, ao contrário incapacita o objeto de sua ação [...]. Não se trata propriamente de infidelidade ocasional, má sorte, azar, mas de uma incapacidade de ação, cujas causas podem ser reconhecidas, evitadas e para as quais existem processos apropriados. Não resulta de um caso infeliz, mas da infração de determinados preceitos.

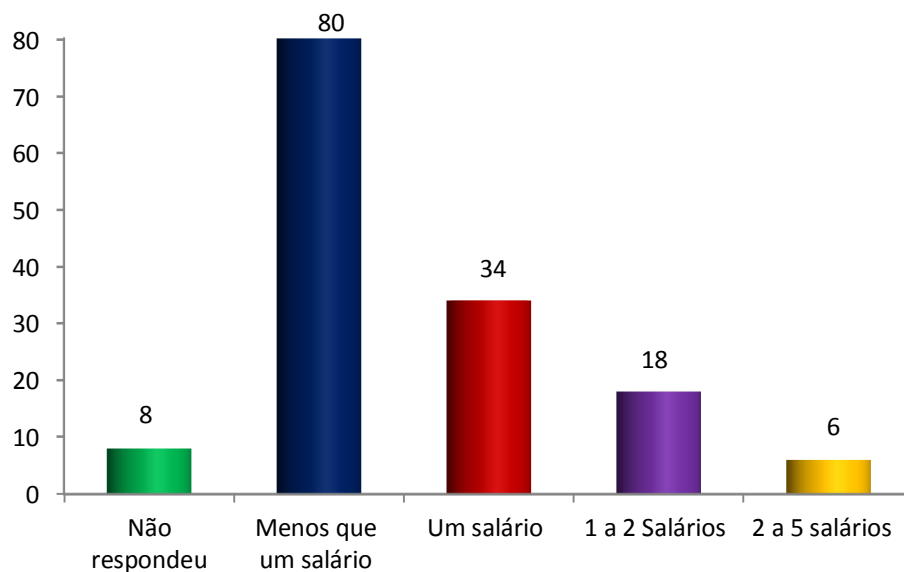
A convivência com a natureza permite que o homem faça bom uso do território em que vive, adquirindo sempre um aprendizado, com os meios que garantam sua sobrevivência, permeados de adequações e conhecimentos. Mais interessante ainda é que todo esse aprendizado relacionado à natureza é transmitido desde criança, introduzido no convívio social ao longo do processo de crescimento pelos familiares e moradores antigos.



## 4.2 Aspectos sociais dos sujeitos que utilizam o território

Diante da territorialidade e dos fios que tecem o uso desse território, é imprescindível abordar o modo de vida dos sujeitos que utilizam esse território, considerando os aspectos sociais da Comunidade Segredinho.

Na Comunidade Segredinho, as famílias têm uma média de cinco a oito pessoas, que contam com a presença de agregados de outras famílias, que se unem por casamento e convivem na mesma residência, auxiliando na produção e comercialização dos recursos extraídos do lago e de outras atividades. Esta média de pessoas na família é considerada normal pelos moradores e, conforme se observa nas entrevistas, é desproporcional à renda média da maioria das famílias em relação ao número de pessoas por família, observado na figura abaixo.

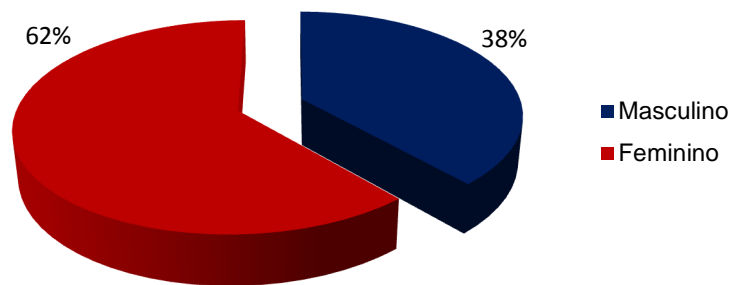


**Figura 33:** Renda familiar da Comunidade Segredinho no ano de 2010

Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados coletados em campo (projeto de pesquisa "Rescando conhecimentos: mulheres da Amazônia", apoio CNPq, 2010)

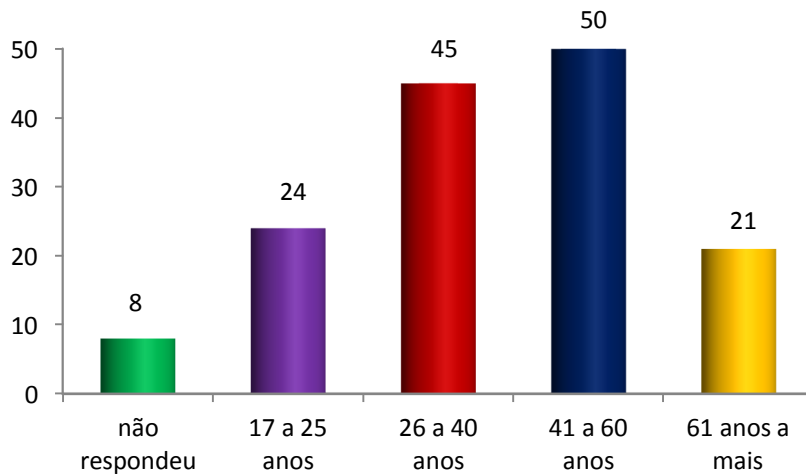
Existe na comunidade um número aproximado de 146 famílias, as quais demonstram um número considerável de mulheres em relação ao número de homens moradores da comunidade. Há de se relativizar essa evidência, não só porque decorre de resultado de amostragem, mas também por comprovar, necessariamente, uma atuação socioeconômica feminina muito importante nas

atividades desempenhadas pelos moradores. Assim, apesar de serem os homens os que mais atuam nas atividades pesqueiras, as mulheres tanto realizam essa atividade ativamente como participam de outras importantes tarefas, seja na pesca em grande escala, seja nos afazeres domésticos, que incluem, além do cuidado com as crianças, a confecção dos apetrechos utilizados na pesca.



**Figura 34:** Percentual de homens e mulheres na Comunidade Segredinho no ano de 2010  
 Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados coletados em campo (projeto de pesquisa *Rescando conhecimentos: mulheres da Amazônia*, apoio CNPq, 2010).

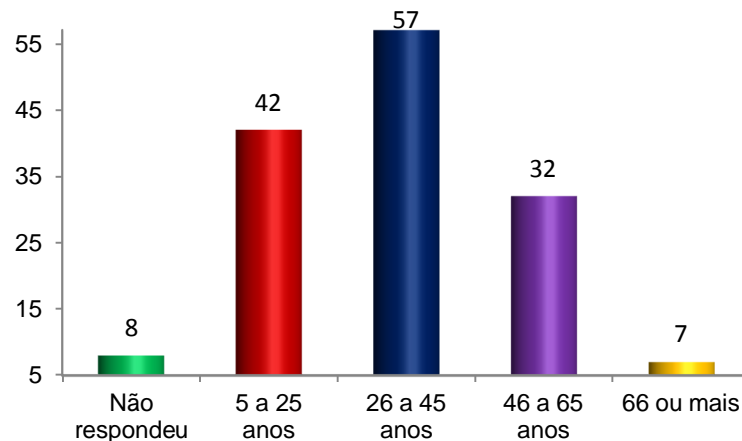
Em relação à faixa etária dos moradores entrevistados, onde se pode observar uma maioria de pessoas adultas com idades entre 41 e 60 anos, fato que demonstra que são pessoas que iniciaram a vida na comunidade como pescadores ou agricultores e permanecem até hoje. A população mais jovem é uma preocupação para os moradores, principalmente aqueles que não se identificam com as atividades desenvolvidas na comunidade. Foi verificado que a maior parte dos jovens que residem na comunidade, quando não tem condições financeiras para ir estudar na Vila de Tauari ou Capanema e Bragança, municípios próximos, acaba ingressando nas atividades dos pais.



**Figura 35:** Faixa etária das pessoas da Comunidade Segredinho no ano de 2010

Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados coletados em campo (projeto de pesquisa Pescando conhecimentos: mulheres da Amazônia+, apoio CNPq, 2010).

De acordo com a faixa etária dos moradores, faz-se necessário abordar o tempo de residência que os moradores possuem na comunidade, pois isso demonstra a relação que os moradores têm com as práticas cotidianas que ocorrem nesse território, assim como revela suas identidades e tradições construídas ao longo do tempo.

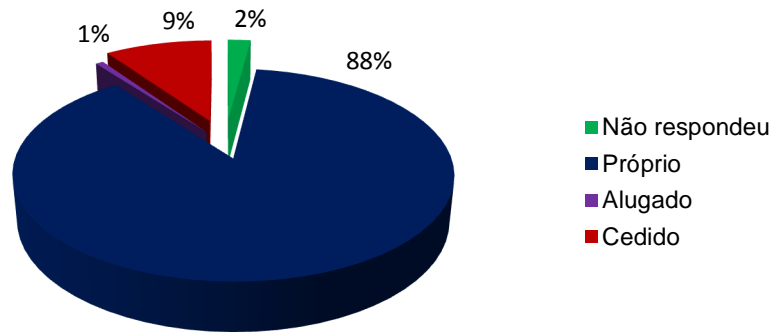


**Figura 36:** Tempo de residência na Comunidade Segredinho no ano de 2010

Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados coletados em campo (projeto de pesquisa Pescando conhecimentos: mulheres da Amazônia+, apoio CNPq, 2010).

A respeito dos tipos de moradia da comunidade, a maioria trata-se de residências próprias, o que torna menos preocupante a vida socioeconômica dos pescadores, que têm uma casa para morar, sem precisar pagar aluguel, o que

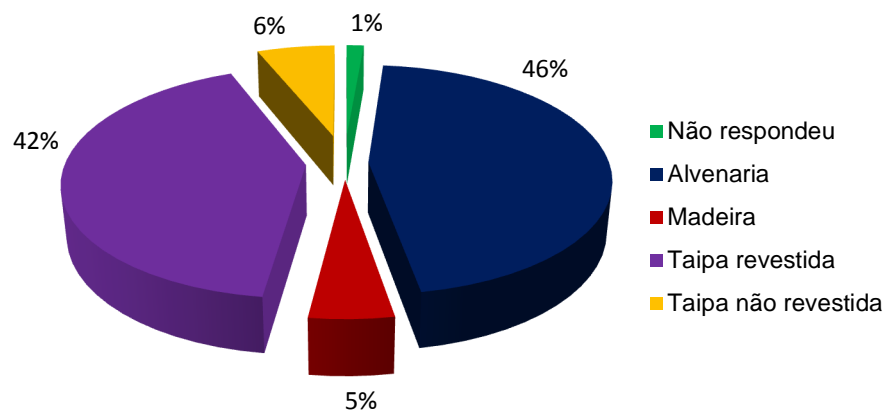
dificultaria mais ainda a renda familiar. A maior parte das casas é construída pelos próprios moradores da comunidade, ajudados pelas famílias, amigos e vizinhos.



**Figura 37:** Tipos de domicílio da Comunidade Segredinho no ano de 2010

Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados coletados em campo (projeto de pesquisa *Rescando conhecimentos: mulheres da Amazônia+*, apoio CNPq, 2010).

Além dos tipos de domicílio da comunidade, é importante ressaltar os tipos de moradia, ou seja, como elas são construídas. A arquitetura das casas é constituída principalmente de taipa e alvenaria, com utilização de palha ou telha de barro para o teto e formatos bem parecidos umas das outras.



**Figura 38:** Tipos de construção de moradia na Comunidade Segredinho no ano de 2010

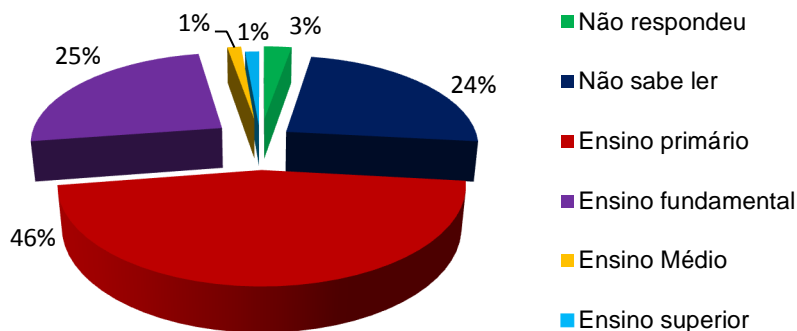
Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados coletados em campo (projeto de pesquisa *Rescando conhecimentos: mulheres da Amazônia+*, apoio CNPq, 2010).

Na comunidade, nota-se a presença de escolas, com o funcionamento apenas da educação infantil e do Ensino Fundamental. Após o término deste nível,

aqueles que querem continuar seus estudos até o Ensino Médio precisam se deslocar para a vila de Tauari. A infraestrutura das escolas é básica (quadro, mesas, cadeiras, etc.).

Desse modo, podemos perceber o nível de escolaridade dos moradores da comunidade apresentado na Figura 38 a seguir, onde a maioria possui o ensino fundamental incompleto, o que condiz com o ensino ofertado na comunidade. Muitos não buscam fora de sua residência continuar seus estudos ou não têm oportunidades, devido principalmente à necessidade de ajudar na renda familiar, e assim abandonam a escola mais cedo e acabam construindo família também mais cedo. Chabenat (2002 p. 145-146), em seu estudo sobre população amazônica, nos diz que:

As populações ribeirinhas não são %sociedades sem escola+, como dizemos em outros lugares, %sociedades sem escrita+. Essas populações pertencem a uma sociedade que possui uma instituição escolar, mas que não atendem as expectativas locais. De modo geral, o nível escolar é extremamente baixo [...] a %preferência tendo sido dada à aprendizagem ligada às necessidades da vida cotidiana; o analfabetismo é muito grande.



**Figura 39:** Nível de escolaridade dos moradores da Comunidade Segredinho no ano de 2010  
 Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados coletados em campo (projeto de pesquisa %Rescando conhecimentos: mulheres da Amazônia+, apoio CNPq, 2010).

Diante disso, os aspectos sociais somente podem ser entendidos quando se faz uma relação direta deste fato com a utilização do território, visto como sinônimo para a obtenção de recursos naturais, mas não somente isto, pois o território é o espaço onde as relações sociais acontecem (HAESBAERT, 2004), mediado pelo

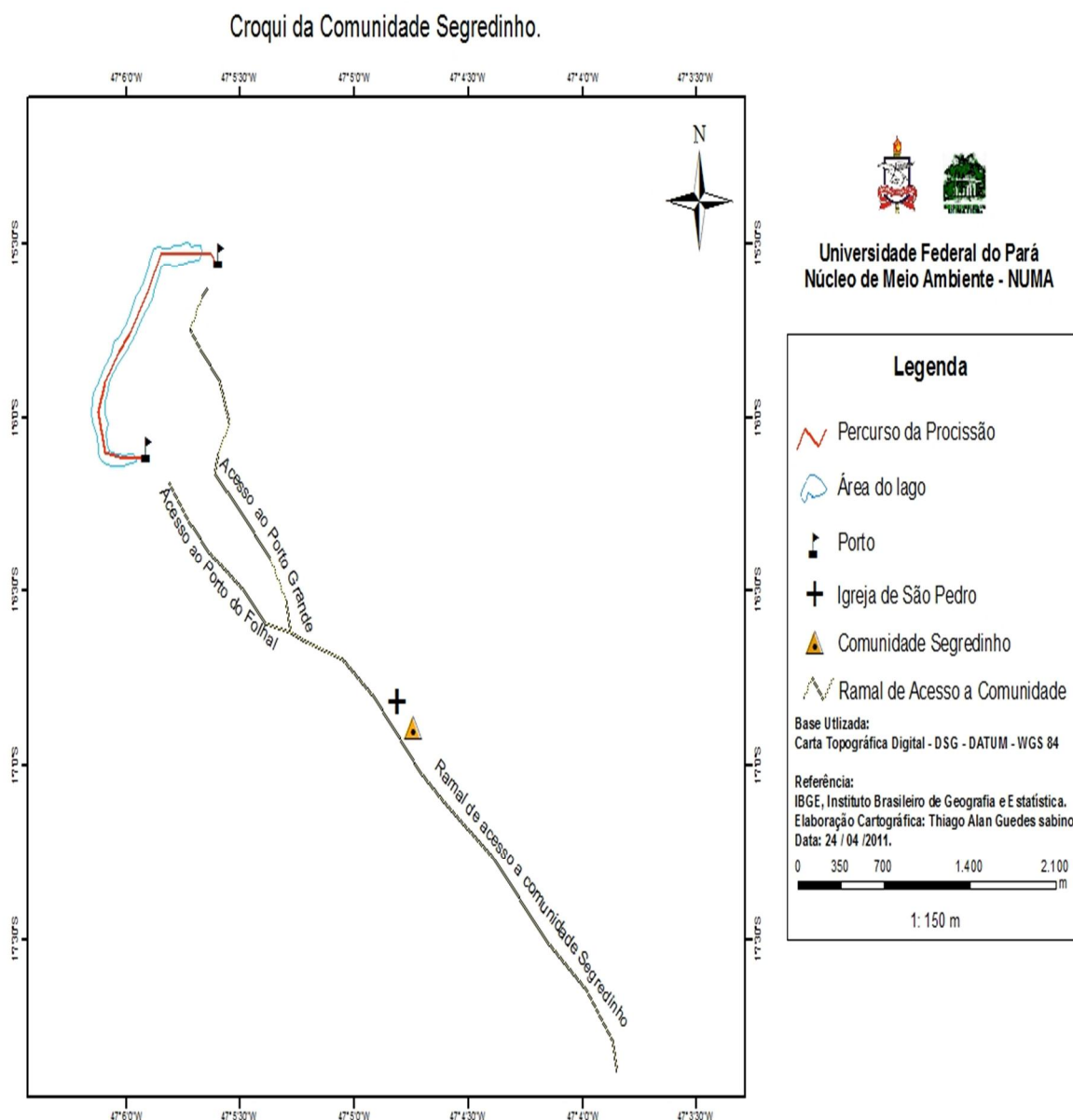
uso das técnicas, das culturas, das vivências e das convivências entre os sujeitos que fazem desse território sua moradia, seu trabalho e sua identidade, conforme se pode ver nos modos de vida dos moradores da Comunidade Segredinho.

Desse modo, intrinsecamente relacionado à questão socioeconômica, é importante frisar a preservação dos recursos naturais na comunidade, uma vez que esses são responsáveis pela sobrevivência e reprodução social dos moradores locais. Afinal, a maneira como os sujeitos utilizam esse território faz deste um espaço de construção de histórias de vida no cenário amazônico.

### **4.3 O Lago Segredo a partir da visão dos pescadores**

O Lago Segredo, além de ser espaço de moradia e de trabalho, é o espaço de vivência dos pescadores. A percepção territorial dos pescadores atribui a este espaço a questão do poder, da idéia de posse do indivíduo ou grupo de indivíduos, por determinada parcela do espaço . o território, no caso aqui estudado, materializa-se na efetivação de território de pesca, o qual pode ser representado cartograficamente pelos pescadores.

A percepção é ponto importante na manutenção dos modos de vida dos pescadores, bem como de seu território, pois quando se fala da importância da manutenção dos saberes detidos pelos mesmos e pelas demais populações ditas tradicionais está se referindo a todo um saber mítico, simbólico, cultural e patrimonial, de índios, caçadores, pescadores e coletores, ou seja, povos do mar, da terra e da floresta, que vêm produzindo em simbiose com os ciclos produtivos e naturais, em relações de profundo respeito ao meio em que se inserem. O conhecimento que possuem sobre os ecossistemas dos quais fazem parte e sobre a diversidade de espécies que ali habitam constitui um verdadeiro patrimônio de que a modernidade não pode prescindir para a continuidade da vida no planeta (CUNHA, 2003, p. 77).



**Figura 40:** Croqui do Lago da Comunidade Segredinho.  
Fonte: Elaborado a partir da pesquisa de campo janeiro/2011.

O Lago Segredo na figura 39, visto pelos sujeitos que o utilizam como patrimônio natural, meio de sobrevivência, pai da comunidade, simbolicamente representado por suas práticas cotidianas e seus relatos, retrata a forte predominância da atividade pesqueira na comunidade. Afinal, através dessa atividade, encontra-se a razão da explicação numa dada resistência e num enraizamento das tradições histórico-culturais dessa população pela importância da atividade pesqueira na comunidade.

Para os pescadores, o lago é o espaço para o cultivo do seu trabalho, demarcando traços de um enraizamento cultural e, por conseguinte, do sentimento

de pertencimento desse território. Esse sentimento pressupõe, aqui, a representação simbólica: história específica, ritmo próprio, hábitos, modo peculiar de existir no tempo histórico e no tempo subjetivo. Podemos observar tudo isso nos seus relatos: *“O lago aqui pra nós é como se fosse o nosso terreno que a gente depende pra viver e tenta cuidar também pra não acabar”* (E. 29 anos).

O sentimento de pertencimento nas falas dos pescadores é notável quando se trata da importância do lago para a vida deles, assim como nas suas ações mais amplas do cotidiano e do seu campo simbólico através das tradições histórico-culturais, dos costumes, das crenças, da forte religiosidade, do parentesco, entre outros.

Segundo Jodelet (2001), a representação de algo dá presença a algo que está ausente. Nessa dimensão, ela é uma forma de ligação entre o sujeito e o que ele representa, sem contudo estabelecer, nessa ligação, a diferença entre a realidade percebida e a construída na representação, mas no conteúdo que é apreendido dessa relação.

Na visão dos pescadores, o lago configura-se em autêntico espaço de organização social, política e de produção simbólica, aspectos que fazem desse locus de trabalho um espaço de múltiplos saberes, por meio dos quais as narrativas orais, a expressão corporal, a celebração das crenças e costumes, a afetividade, a solidariedade, a memória social e as relações com a natureza constituem-se nas raízes e nas águas, que ajudam a construir e fortalecer autênticas tradições, saberes, valores e, por conseguinte, o sentimento de pertencimento dos pescadores na comunidade local e na Amazônia como um todo, como enfatiza um pescador:

A gente desde criança aprendeu o caminho do lago com meu pai, depois desde oito anos já ia sozinho pescar e trazia a merenda, tempo de muita fartura. Hoje ainda pesco, mesmo aposentado, porque é o que mais gosto de fazer. Sempre que tô bem de saúde, vou embora pro lago pescar e sempre trago o que comer. Vou pescar até quando Deus quiser. O lago é um pedacinho da minha casa, me sinto bem lá (Z. 68 anos).

O apego ao lago é, sem dúvida, mais intenso nos pescadores mais antigos, nos quais observamos certo orgulho nas suas falas do tempo da *“fartura”*, os detalhes da sua história de vida como uma mostra da importante função do lago na vida dos pescadores. Mais que isso, as representações sobre o lago entre os mais idosos dão a dimensão da sua identidade como pescador e fornecem uma



significativa ligação com o lago, tal como aparece na memória, fornecendo a condição real do ser pescador.

Sempre fui pescadora, pesco desde cedo, sustentei toda a minha família, 10 filhos, através da pesca pra comer, vestir, calçar e estudar. Fiquei viúva logo e continuei pescando e pesco até hoje, mesmo aposentada. O lago pra mim é como se fosse o pai pra comunidade+ que não deixa faltar. Hoje pesco por prazer, é um lugar que me traz saúde. Quando junto com as companheiras, umas seis mulheres, a gente sai à tarde pro lago e só volta no outro dia, passa a noite lá. A gente leva o nosso café, nossa água e até a merenda. Quando a gente não pesca muito peixe, a gente come o que leva, isso é quase toda semana quando o tempo tá bom. Não penso parar de pescar enquanto tiver saúde (N. 70 anos).

De acordo com os relatos, é notória a importância do lago para os pescadores. A visão que esse espaço significa para eles, além de uma vasta sabedoria sobre o meio ambiente, expressa um sentimento de pertencimento ao lugar onde constrói suas identidades e se reconhece como integrante do lugar . a comunidade, onde movem seus sentimentos, defendem seus costumes e transmitem valores de geração a geração.

Diante disso, a representação social do lago enquanto espaço para múltiplos usos e sentimentos de cultivar a pesca, presente nas práticas sociais cotidianas desses pescadores, simboliza uma relação entre o ser humano e a natureza, fincada no seu modo de vida de ser do meio em que vive, segundo os relatos, *o lago pra mim representa o meio de sobrevivência, desde que comecei a pescar com 8 anos. Hoje tenho 40 anos de vida nesse lago+*(J. T. 48 anos).

Nesse contexto, o lago representa sua territorialidade como campo de poder e de trabalho, pois tem a ver com suas raízes identitárias, sua memória familiar e histórica e seu lócus de sobrevivência, vivência e convivência, em regime de cooperação, tendo em vista seus saberes e modos de vida, a partir das representações sociais do lugar onde se vive e convive.

Como afirma Jodelet (1998), a representação social é a guia de ação e orientação do relacionamento do sujeito com o mundo e com as outras pessoas; possibilita a interação e a comunicação entre as pessoas, fornecendo uma grande leitura do mundo, o que, por sua vez, favorece uma visão comum entre as pessoas, a serviço de um conjunto de valores. A representação social exerce, assim, uma função social importante.

Contudo, na visão dos pescadores do Lago Segredo, tanto dos mais antigos quanto dos mais jovens, o lago está sofrendo modificações nas últimas décadas, pois já não é mais o que era antes. Isso se dá em virtude do aumento das famílias na comunidade e de outras que chegam, o que tem intensificado a pesca no lago. Além disso, a prática inadequada com instrumentos inapropriados contribui para a escassez dos recursos naturais do lago. Contudo, vale ressaltar que a preocupação é percebida mais pelos pescadores antigos por terem apego ao lago e à atividade da pesca. *“Eu sempre pesquei na vida, não fiz outra coisa e hoje sei que precisa fazer alguma coisa pra não acabar o lago mais tarde. Aí vamo viver de quê?”* (A. 51 anos).

Há, portanto, uma preocupação no que se refere à preservação do lago e ao uso desses recursos naturais que a comunidade depende para sobreviver, pois apesar de alguns terem outra alternativa de vida, como o roçado, a caça e outras atividades que ajudam no complemento alimentar da família, existem aqueles que dependem exclusivamente da pesca. São duas problemáticas socioambientais, entre outras, que vêm intensificando e comprometendo os recursos naturais do lago . fonte de sobrevivência da comunidade: a intensificação da pesca por falta de alternativas e o mau uso desses recursos naturais por falta da organização social formalizada da categoria de pescadores.

Um dos pescadores evidencia em sua fala uma preocupação com o fim do lago.

O lago pra gente não é mais o que era há 10 anos atrás com muita fartura. Em poucas horas, a gente ia lá e trazia o panelo cheio de peixe, dava pra gente e toda a família. Sustentava três família. A minha, com 4 filhos e mulher, a da minha irmã e a da minha mãe, era mais de quinze pessoas. Hoje a gente passa o dia lá e traz só o da merenda e depois, se a gente não fizer nada, vai faltar a merenda também (J. 55 anos).

As questões postas sobre a preservação dos recursos naturais e as causas que ameaçam tais recursos merecem preocupação do governo local do município de Capanema, que não considera a comunidade como uma comunidade pesqueira, assim como a organização da categoria dos pescadores para a construção de uma associação ou colônia que assegure a existência dessa comunidade, a valorização, o respeito e o reconhecimento de seus modos de vida e do trabalho próprio.

Partindo desse contexto, percebe-se a representação social do sujeito pelo lago, vinculado ao valor do pertencimento na região, a partir da obtenção da moradia

e da própria manutenção da vida. Estes valores, ao mesmo tempo em que impulsionaram o sujeito na busca do seu território, nos forneceu também os elementos para sua identidade de pescador. Neste sentido, representa o ciclo de vida desses sujeitos, como nos relatos narrados por eles.

## ORGANIZAÇÃO SOCIAL



## 5 ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A pesca artesanal, por ser uma atividade secular, possui no seu contexto histórico várias formas de conceituação. Atualmente, esta é a conceituação mais aceita para a atividade de pesca. Pode-se conceituar a atividade de pesca artesanal de diversas formas, como aquela descrita pelo Ministério do Trabalho e Emprego (TEM), através da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), que considera pescadores artesanais aqueles que:

Executam tarefas próprias de captura artesanal do pescado, em áreas marítimas, fluviais e lacustres. Suas funções consistem em: preparar armadilhas de pesca e os apetrechos de captura; espalhar nas águas, redes armadas com bóias, anzóis e apetrechos similares; localizar as concentrações de moluscos, remover a areia do solo pantanoso, para retirar os moluscos ali existentes; retirar o pescado das águas, forçar a saída de crustáceos das grotas rochosas, para capturá-los, colocar os mariscos coletados em depósitos adequados, conservar os apetrechos usados na captura do pescado (BRASIL, 1994, p. 329).

Esta denominação não é a única para Cardoso (2001), porém é a mais aceita pelos órgãos oficiais que trabalham com o manejo ou organização desta atividade. Contudo, de acordo com Isaac e Barthem (1995, p. 302 apud CARDOSO, 2001), a pesca na Amazônia pode ser caracterizada de acordo com suas características socioeconômicas em três modalidades: pesca artesanal, pesca comercial e pesca industrial.

A atividade pesqueira é entendida neste trabalho conforme o Decreto-Lei nº 221/67, que define: %Art. 1º Para os efeitos deste Decreto-Lei define-se por pesca todo ato tendente a capturar ou extrair elementos animais ou vegetais que tenham na água seu normal e mais freqüente meio de vida+(SANTOS, 1997, p. 9).

No que concerne à pesca artesanal, atividade desenvolvida por inúmeras comunidades rurais situadas em áreas ribeirinhas e costeiras, o enfrentamento de graves problemas ambientais, culturais, sociais e econômicos exige uma postura de participação e organização social, com políticas públicas necessárias para a manutenção e sobrevivência das comunidades que vivem em conflitos, como afirma Diegues (1996), segundo o qual, mais do que repressão, o mundo moderno necessita de exemplos de relações mais adequadas entre homem e natureza.

As crescentes dificuldades econômicas enfrentadas pelas comunidades rurais amazônicas apontam para a necessidade de criação de alternativas para consolidar os modos de vida baseados em atividades tradicionais como a pesca e a agricultura. A cada dia intensifica-se a necessidade de discutir a questão das organizações sociais. Os discursos e debates levam a refletir sobre a realidade, pois o modo de vida na modernidade impulsiona práticas produtivas que cada vez mais provocam a destruição do meio ambiente.

No cenário da pesca, identificam-se algumas práticas na gestão de organizações sociais. Tais práticas buscam contribuir com a formação de cidadãos fomentadores de ações coletivas para atuar na defensiva do meio em que vivem. Nesse ínterim, busca-se analisar as práticas organizativas desenvolvidas, bem como as estratégias realizadas, não somente como elemento que vai instigar a participação da comunidade enquanto agentes de mudanças, mas sobretudo, a possibilidade de criar táticas de sobrevivência coletiva que considerem as especificidades locais e o bem comum, fomentando políticas públicas por ações mais emancipatórias.

Para Nogueira (2004), territórios são águas de um trabalho que se torna alvo de conflito quando interesses antagônicos se entrecruzam, ou seja, quando os pescadores artesanais lutam para manter seus territórios de pesca que há muitos anos vêm sendo usurpados pela oligarquia local ou por relações de trabalho desiguais.

Cardoso (2001) enfatiza em pesquisa já realizada no cenário da pesca (Geografia e Pesca: aportes para um modelo de Gestão), que o novo dado que se apresenta é a visibilidade que aos poucos pescadores ganham como sujeitos sociais, como sujeitos principais de um modelo diferenciado de gestão das pescarias e como sujeitos também políticos. Ao mesmo tempo, pescadores artesanais vislumbram hoje, ainda de forma incipiente, uma articulação em âmbito nacional formulando propostas para as políticas do setor e que englobam várias ordens de problemas.

Dessa forma, a pouca visibilidade e o pequeno poder de pressão que esta categoria possui em relação ao restante da sociedade fazem as conquistas serem demoradas. Segundo Cardoso (2001), na história recente do movimento de pescadores, a Constituição da pesca pode ser considerada um marco que deu

visibilidade à categoria e alavancou os processos recentes da organização dos pescadores.

Todas as mudanças sociais dependerão da percepção de que a história se faz quando a ela estão aliados interesses comuns e quando a participação é o elemento motor para a consolidação de direitos, pois segundo Buffa (2003, p. 86) *“o povo é agente de sua constituição como sujeito histórico”*. Muitos problemas enfrentados hoje pela sociedade, principalmente pelas parcelas mais carentes, requerem o entendimento de que as forças locais acham-se desarticuladas, isoladas e enfraquecidas, o que tem favorecido a perpetuação de práticas reprodutivas que contribuem para a anulação de direitos adquiridos ao longo da história.

Parte-se do contexto da organização social advinda com a necessidade de superar desafios antes entregues nas mãos do Estado. Uma alternativa que junta objetivos e desejos comuns, unidos por uma necessidade de colaboração entre os seus pares e de definir metas e projetos para promover o desenvolvimento local, voltados para a economia e as potencialidades, que integram todos os elementos dentro do processo de gestão. Isso resulta no associativismo e demais estratégias de justaposição de ideais, acreditando na viabilização de uma organização mais efetiva.

Diante disso, podemos focar no cenário amazônico a realidade dos pescadores do Lago Segredo, embora tenham todo um saber sobre suas atividades pesqueiras e uma forma única de organização social na comunidade. Ainda assim, hoje não são suficientes para estabelecer normas, acordos com todos, devido ao grande número de moradores existentes na comunidade em relação às últimas décadas e um considerável grupo de pescadores visitantes de outras comunidades no entorno do lago. Tudo isso torna atualmente uma necessidade para a comunidade discutir a viabilização de uma organização social no sentido mais formal em prol de todos.



**Figura 41:** Reunião com os pescadores locais discutindo a organização social da categoria  
 Fonte: Trabalho de campo. Cunha (outubro/2010)

As primeiras observações obtidas na comunidade, através de reuniões, encontros e visitas nas residências dos pescadores, apontam que os grandes problemas que têm trazido desequilíbrio na comunidade estão sendo gerados pela falta de ordenamento pesqueiro no espaço aquático. Tais fatos podem ter provocado uma captura intensiva no lago, o que pode comprometer o estoque para as futuras gerações, pois não há respeito ao período em que a pesca deveria ser suspensa para a reprodução a fim de garantir a reprodução dos peixes. Segundo o relato do pescador:

Antes, quando a gente era poucas famílias na comunidade, tudo era combinado, a gente se entendia e cuidava melhor do que era só nosso. Agora, com muita gente, a comunidade ficou grande e não tem mais controle, ainda mais com as pessoas de fora que vêm pescar também. As coisa por aqui tão ficando feias, já falei que temo que fazer alguma coisa, se não vamo ficar sem o que comer mais tarde (J. 55 anos).

Os pescadores do lago alegam que sempre era respeitado o período de defeso, porém há uma década aproximadamente o lago tem sido explorado de forma intensiva por um grande número de pescadores da comunidade, o que se intensificou também nos últimos anos, assim como por pescadores de outros municípios da região e que não respeitam esse período. Tais ações provocam ameaças dos recursos naturais para os moradores da comunidade, assim como sentimentos de angústia, ressentimentos da realidade atual. De acordo com relato de uma pescadora:

Sempre fico lembrando de como era antes aqui na comunidade, nosso lago era farto o ano todo, nunca tivemos preocupação se um dia o peixe ia ficar



escasso pra gente. Sempre tinha. Agora, se a gente não se organizar pra arrumar essa situação vai ficar difícil, precisamos fazer alguma coisa pela gente mesmo (R. 42 anos).

Diante desse contexto, os pescadores do Lago Segredo, de acordo com os relatos, sentem muito pela ausência de fiscalização dos órgãos competentes municipais, estaduais e federais no que se refere à normatização da atividade pesqueira na Comunidade do Segredinho, tendo em vista que os gestores municipais não identificam o Lago Segredo como território de pesca e, conseqüentemente, comunidade de atividade pesqueira. Isso dificulta o processo de organização social da categoria para viabilizar através da mesma uma associação ou colônia dos pescadores na região.

### **5.1 Organização social a partir da coletividade dos pescadores**

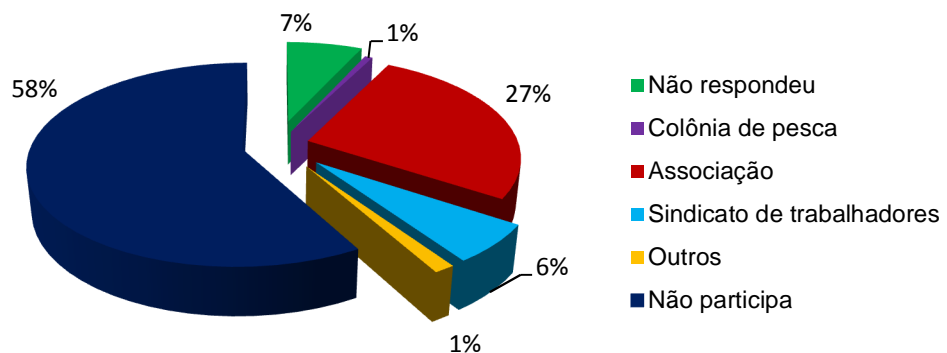
A necessidade de fomentar as discussões sobre a organização social dos pescadores do Lago Segredo tem por objetivo ressaltar a importância da coletividade, do poder que a categoria uma vez unida pode conquistar. Afinal, segundo Reis (2002), a organização social é a manifestação mais legítima de cidadania e participação social, uma vez que atuam em prol da sociedade, principalmente nas comunidades mais carentes. Quanto à forma de organização social, podem constituir-se enquanto fundações públicas ou privadas, associações ou sociedades civis, cooperativas e cooperativas sociais. Porém, deve ter uma clara atuação social e não ser estruturada em propósitos lucrativos.

Moraes (2002), partindo da análise sobre a organização dos pescadores artesanais, coloca dois fatores que foram importantes para a formação de colônias de pesca. O primeiro seria de ordem econômica, pois no final do século XIX e início do século XX o Brasil precisava importar peixes para suprir suas necessidades internas, apesar de possuir um grande litoral e uma vasta quantidade de águas interiores. O segundo fator seria de ordem política, pois o mundo estaria presenciando naquele momento o início da Primeira Guerra Mundial. Desse modo, o Estado brasileiro passou a intensificar suas políticas voltadas à defesa do território, temendo possíveis invasões.

As organizações sociais devem ter como objetivo específico defender o interesse de seus envolvidos, daqueles que estão aliados a ela, que dela compõem,

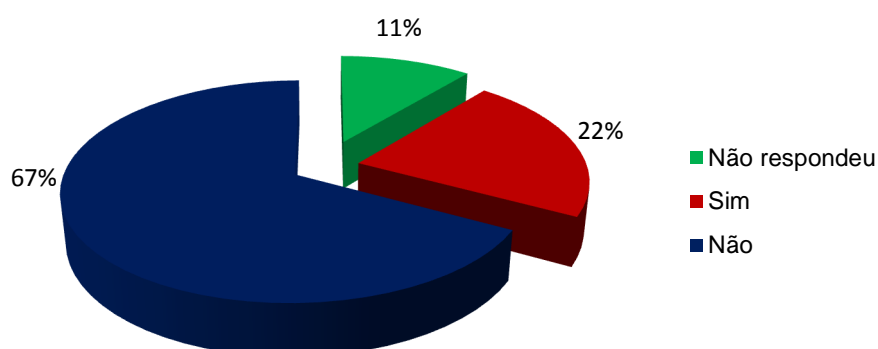
que nela estão integrados+ (ASSIS, 2001, p. 23). Assim, o indivíduo compromete-se com aquilo que conhece, e o comprometimento será tão intenso quanto maior for sua participação na definição e no planejamento do que se pretende atingir. É nesse panorama que se ampliam as discussões e possibilita-se a viabilização da organização social com o objetivo de fortalecer a participação dos pescadores na construção de representação, pois embora exista uma associação de agricultores na comunidade da qual poucos fazem parte faz-se necessária a existência de uma associação ou colônia que os represente como pescador, uma vez que a maioria dos moradores se identifica como tal.

De acordo com as figuras a seguir, podemos observar que, embora exista associação de agricultores na comunidade, aparece um número significativo que não participa de nenhum movimento social como forma de representar sua categoria, o que de fato justifica a necessidade de excitar a população local a lutar de forma coletiva e organizada em prol de uma representação seja através de associação ou de uma colônia.



**Figura42:** Participação dos moradores em alguma associação da Comunidade Segredinho no ano de 2010

Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados coletados em campo (projeto de pesquisa *Rescando conhecimentos: mulheres da Amazônia+*, apoio CNPq, 2010).



**Figura 43:** Porcentagem de participação em associação da Comunidade Segredinho no ano de 2010  
 Fonte: Gráfico elaborado a partir de dados coletados em campo (projeto de pesquisa "Rescando conhecimentos: mulheres da Amazônia", apoio CNPq, 2010)

Para Silva (2002), o desenvolvimento desses processos de organização social pode revelar as formas pelas quais os atores sociais desenvolvem meios de lidar ou reagir diante dos problemas diversos que permeiam um local. Uma associação, quando estruturada mediante uma meta concêntrica, poderá colher bons resultados, pois uma ação conjunta permitirá à comunidade sair do anonimato e ter maior expressão social, política e econômica (SILVA, 2002).

Partindo desse contexto, a organização social dos pescadores deve viabilizar também a discussão sobre os elementos educativos para as famílias locais, possibilitando benefícios socioeducacionais, pois segundo os relatos e a participação dos pescadores nas reuniões realizadas percebemos a necessidade da questão em pauta. *"Aqui a gente vive só da pesca. Se parar de pescar, vai viver do quê? A gente quer fazer outra coisa na comunidade, mas é difícil, não tem muita escolha"*(C. 28 anos).

Outra questão pertinente observada é estabelecer relações sustentáveis entre a pesca e seu território, pois diante de uma organização social dos pescadores torna-se possível propor alternativas de desenvolvimento local. Desse modo, uma associação ou colônia dos pescadores que estabeleça um estatuto para normatizar a atividade pesqueira no lago terá grande relevância no que se refere ao co-manejo dos recursos naturais, pois uma pesquisa realizada sobre a pesca em lago nos diz que:

Uma reserva de lago é definida como um lago sobre o qual uma ou mais comunidades exercem formas de manejo através de um acordo assinado pelos moradores, que envolve a proibição da entrada de pescadores de fora, e pode incluir regras específicas quanto o tipo de atividade permitida ao longo do ano. Uma reserva de lago em si não necessariamente afeta a pressão de pesca no lago. Isso depende no conjunto de medidas adotadas, como por exemplo, a proibição da pesca comercial ou do emprego da malhadeira durante todo ou uma parte do ano (MCGRATH, CASTRO, FUTEMA, 1994).

Diante disso, são notáveis as tentativas dos pescadores para a mobilização coletiva a respeito da organização social em prol de uma associação ou colônia dos pescadores, o que deve garantir o acesso aos recursos naturais do lago como a base da economia local, assim como preservando seu modo de viver. Afinal, todos os pescadores exploram a mesma população de peixes e de modo geral a produção de cada pescador afeta a produtividade dos demais pescadores. Embora o lago fique no interior da Comunidade do Segredinho, este é considerado comum e livre para o manejo coletivo, envolvendo todos os pescadores da comunidade e os da proximidade do lago de outras comunidades.

Nesse contexto, a viabilização econômica da comunidade depende não só das regras, mas também da qualidade da organização social na comunidade, especialmente o grau de participação dos pescadores nos acordos de pesca definidos pela comunidade. Durante as reuniões, percebemos um engajamento maior da população na participação das discussões a respeito da representação da categoria.

A gente sabe que precisa, e na hora que vê as coisas mudarem muitos ficam só esperando. Precisamos se unir pra fazer alguma coisa por nós, senão vamos ficar na pior. A gente tem que esperar que a associação vai ajudar todo mundo aqui e vai melhorar a nossa vida (R. 42 anos).

Temos, assim, na organização social, um importante instrumento de emancipação humana, uma vez que é dada oportunidade de participação aos agentes da comunidade local para que exponham seus anseios, construam sua autonomia e sejam provocadores das mudanças que beneficiarão toda a comunidade.

## **5.2 Da organização social à viabilização da colônia dos pescadores do Lago Segredo**

Dentre as várias formas de organização social da categoria de pescadores na Amazônia, está sendo discutida a colônia dos pescadores do Lago Segredo a partir da organização social dessa categoria. A efetivação da mesma é de vital importância para o desenvolvimento local e o co-manejo dos recursos naturais.

Diante das discussões em reuniões, aludimos para dois questionamentos: de que forma os pescadores artesanais estão organizados para a conquista e garantia de seus direitos? Como surge, no âmbito da organização, a colônia dos pescadores?

Partindo dessas questões, adentramos no delineamento da situação da organização social dos pescadores locais, uma vez que esta é fundamental tanto para aqueles que vivem diretamente da pesca como para aqueles que pescam somente para seu consumo. Diante disso, no âmbito das discussões e da organização, o anseio por reconhecimento enquanto pescador e sujeito de direitos políticos e sociais fortalece o coletivo e fomenta a luta dos movimentos sociais que buscam seus direitos.

Maneschy (1993) verifica que o primeiro regulamento das colônias de pescadores do Brasil, datado de 1923, tinha como objetivos a união dos pescadores, a promoção de escolas de pesca e o combate à pesca predatória. Este documento definia as colônias como “[...] agrupamentos que congregavam pelo menos 40 brasileiros natos ou naturalizados, matriculados como pescadores nas Capitânicas dos Portos e dependências de seu foro” (FURTADO apud MANESCHY, 1993, p. 5).

Dessa forma, ainda segundo Maneschy (1993), faziam parte das colônias apenas brasileiros natos ou naturalizados por se tratar de uma associação estratégica para o território brasileiro, sendo uma questão de segurança nacional. Com a criação das colônias de pescadores, houve uma legalização da atividade pesqueira, pelo reconhecimento da colônia como categoria de representatividade dos pescadores e um reconhecimento da sociedade e do Estado sobre a importância da atividade pesqueira para o provimento do mercado consumidor interno.

Desse modo, é importante mencionar o grau de organização dos grupos sociais quando se fala no aproveitamento dos recursos naturais, a demanda do

consumo, assim como a redução da disponibilidade desses elementos, que podem acarretar ameaças ao meio ambiente e à reprodução dos próprios grupos humanos. O encaminhamento de um propósito social comum, voltado à melhoria de vida de uma população, é o princípio basilar de um movimento social.

As lutas dos movimentos sociais são marcadas por enfrentamento e resistência na busca do reconhecimento e dos seus direitos. Portanto, vale ressaltar que a luta dos pescadores do Lago Segredo não é diferente da luta dos pescadores no cenário amazônico. Desde novembro de 2009, iniciamos as visitas na comunidade e posteriormente as reuniões com os pescadores locais a fim de realizar a escuta dos sujeitos da pesquisa, assim como fomentar as discussões e soluções sobre as situações-problema do Lago Segredo.

Durante as reuniões na comunidade, ouvimos queixas sobre a situação atual do Lago Segredo, como a escassez de peixe, a intensificação da pesca nos últimos anos, a falta de respeito no período do defeso e conseqüentemente o reflexo disso na vida dos sujeitos que vivem da pesca. Desta forma, o manejo negativo dos peixes decorreria a implicar, futuramente, o próprio sustento da população. Todavia, essas medidas precisam ser discutidas no seio da organização para o melhor trato no manejo do pescado no lago, como, por exemplo, a proposta de McGrath (1993; 1995) ao analisar o manejo de pescado em lagos como uma possibilidade de produção sustentável do pescado.

Contudo, percebemos que, para minimizar um possível impacto na decadência da produção pesqueira, alguns pescadores vêm tentando, por meio de outras atividades como o associativismo, se adaptar frente a tantas adversidades, realizando outras atividades não relacionadas à pesca, como extração de argila, agricultura, caça, hortaliças, criação de animais, etc. Este fato, de adaptação constante à realidade, presume a perda da identidade como pescador e torna este indivíduo capaz não somente de atuar na atividade da pesca artesanal, mas também de atuar em diversas outras atividades, fato assinalado por Furtado (1993), ao denominar este indivíduo de *agricultor-pescador* ou *pescador polivalente*, e pelos próprios relatos dos pescadores

Aprendi desde criança só pescar, agora me vejo arrumando outra coisa pra fazer, eu e a mulher, porque só pescar a gente não consegue mais viver e sustentar toda a família. Agora, além de pescar, também planto roça pra vender a farinha e caço à noite para dá de comer pra família (J. 48 anos).

Partindo desse contexto, observamos o interesse da categoria nos encaminhamentos para o processo de sua representatividade legal, seja associação ou colônia. Foi realizada durante a reunião uma breve palestra sobre a importância da organização social e seus benefícios pelo Prof. Dr. Sérgio C. Moraes, o qual relatou algumas experiências durante suas pesquisas com pescadores no estado do Pará. Ressaltamos ainda que, diante da preocupação e do anseio dos moradores, estabeleceu-se uma parceria entre a Universidade Federal do Pará e a população local para o processo de legalização da atividade pesqueira e o reconhecimento dos sujeitos que pescam, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento local. Durante a reunião, alguns relatos de pescadores:

A gente quer fazer alguma coisa pra melhorar a nossa vida aqui na comunidade como pescador, mas não sabe como fazer. Agora com a ajuda de vocês quem sabe, porque muita gente promete, mas até hoje nada. A gente quer o caminho e alguém que possa esclarecer melhor pra gente sobre a associação dos pescadores mesmo (R. 42 anos).

Uma associação só de pescadores será muito bom pra gente, porque a gente só tem uma aqui que é de agricultor, mas não é a mesma coisa. A gente quer uma que faça alguma coisa pra gente melhorar de vida no nosso trabalho de pescador e poder cuidar do nosso lago melhor, só a gente falando não adianta (B. 53 anos).

Agora pra gente ter uma associação só de pescadores a gente precisa se organizar melhor, se unir mesmo, querer participar e se ajudar também (R. 42 anos).



**Figura 44:** Reunião com os pescadores locais  
Fonte: Trabalho de campo. Cunha (dezembro/2010)

Diante dos encaminhamentos das primeiras reuniões, viabilizamos um contato e a presença de um cidadão pescador experiente que faz parte dos membros da associação dos pescadores no município de Abaetetuba, Sr. Manoel dos Santos, conhecido como Preto. O mesmo compareceu à Comunidade do Segredinho numa reunião agendada com os pescadores locais no mês de novembro de 2010, com o objetivo de contribuir e esclarecer alguns encaminhamentos para a formação da associação ou da colônia dos pescadores na região.

No decorrer da reunião, o pescador M. relatou suas experiências como pescador das ilhas de Abaetetuba e suas conquistas diante da organização social da categoria da qual faz parte, assim como perguntava aos pescadores presentes sobre suas angústias e o que de fato queriam e precisavam naquele momento para construir sua própria associação ou uma colônia na região. Conduzindo a reunião, explicou cuidadosamente as diferenças entre associação e colônia, as condições de um associado, critérios, benefícios através da colônia, salário defeso e outras questões interessantes.

Diante das discussões ocorridas na reunião e das trocas de experiências, percebemos o interesse dos pescadores locais em formar não mais uma associação, mas lutar para formar uma colônia de pescadores na região, uma vez que não existe, e os benefícios são maiores diante da situação atual dos pescadores que não são reconhecidos na sua atividade principal na comunidade, que é a pesca.

A escolha por formar uma colônia de pescadores na região ocorreu através da manifestação dos presentes na reunião do dia 12 de dezembro de 2010, que fortaleceu ainda mais a categoria para lutar pelo seu reconhecimento enquanto pescador e garantir seus direitos. De acordo com Ximenes (1996), as colônias têm o objetivo de cuidar dos interesses dos pescadores em diferentes aspectos, tais como político, social e econômico, a fim de garantir melhor qualidade de vida para os associados e seus familiares.

A viabilização da colônia dos pescadores está em processo de discussão após terem tomado conhecimento dos principais benefícios tanto para o sujeito da pesca quanto para o desenvolvimento local, assim como a importância da mesma para o co-manejo dos recursos naturais. Vale ressaltar ainda que todo esse processo teve início a partir da organização social da categoria, quando acreditaram que uma categoria organizada pode provocar mudanças por meio de suas ações.



As principais atividades desenvolvidas pela organização nos últimos meses, bem como de seus principais problemas e respostas às demandas expressas pelos interessados, tornou possível um delineamento das principais necessidades dessa instituição em processo de formação.

Os pesquisadores e fomentadores das discussões nesse cenário amazônico também estão acompanhando o processo de formação da colônia de pescadores. Na última reunião, em janeiro de 2011, tivemos novamente a presença do pescador M. iniciando o processo de formalização e os caminhos necessários a percorrer, ressaltando que nesse processo o mais importante é a participação efetiva da categoria não só da comunidade local, mas de todas que ficam no entorno do Lago Segredo e de alguma forma se beneficiam do lago.

Cabe ressaltar, porém, que essas perspectivas estão diretamente ligadas à atuação da organização, que também necessita de apoio e da ação das instâncias superiores, como o município de Capanema-PA, do qual fazem parte. Com base nos relatos dos pescadores, percebemos a ausência desse apoio dos governantes locais no que se refere à valorização da atividade pesqueira como principal meio de vida da comunidade. *“Não temos a quem recorrer pra falar da situação do nosso lago e da dificuldade que temos como pescador, pois não existe Secretaria de Pesca no município”* (R. 42 anos).

No que diz respeito à organização social dos pescadores artesanais, mais especificamente a questão econômica e social, isso tem se mostrado presente nas expectativas dos interessados em relação ao processo de formalização da colônia. Essa necessidade se justifica no crescente fortalecimento da categoria e tem sido responsável pela adesão de muitos pescadores a uma nova forma de organização, ainda mais que alguns já possuem experiência na associação de agricultores. A informação, no sentido de tornar possível através dessa organização o acesso a alguns tipos de benefícios econômicos que estejam ao alcance, é uma das formas para viabilizar o fortalecimento e o reconhecimento da categoria na região.

Tendo como exemplos outras colônias no estado do Pará, como nos municípios de Vigia, Abaetetuba e Barcarena, elencados na fala do pescador M., os pescadores do Lago Segredo motivaram-se ainda mais a lutar pela formalização da colônia. Afinal, outro fator importante diz respeito à comercialização do pescado local, cuja discussão sobre novas alternativas pode trazer inúmeros benefícios, a exemplo do desenvolvimento local, da previdência social, da emissão de carteiras,

de esclarecimentos jurídicos, do salário defeso e outros. De acordo com Gonçalves (2001), o salário defeso é um dos métodos que podem ser utilizados na preservação da natureza, isto é, uma forma de recompensa para os pescadores que não pescam no período da desova dos peixes.

O salário-defeso é garantido por Lei Federal (BRASIL, 2005) para pescadores cujo local onde pescam sofre um período em que a pesca é proibida, devido à reprodução das espécies de peixe . a piracema. A Lei 7679/88 proíbe a pesca durante o período de piracema e estabelece também a competência do Poder Executivo para fixar os períodos e as espécies que deverão ser proibidas de acordo com as peculiaridades regionais (ISAAC; ROCHA; MOTA, 1993).

Partindo para um nível mais geral diante dos encaminhamentos do processo de viabilização da colônia de pescadores na região, recomendamos a organização que reúna mais esforços no sentido de tornar a colônia de pescadores capaz de atender às necessidades mais prementes de seus associados, para que seja então discutida a co-responsabilidade, considerando e preservando os recursos naturais. Recomendamos ainda uma atenção ao fortalecimento da categoria na esperanças de novos benefícios à população local.

Espera-se ainda, como resultado deste trabalho, proporcionar informações que possam subsidiar o fortalecimento de unidades organizativas que tendam a buscar o ordenamento da pesca a partir da organização de classe na Comunidade do Segredinho, Capanema-PA. Assim, pode-se fomentar junto aos moradores locais uma política de organização para a categoria dos pescadores na intenção de normatizar a atividade pesqueira através da colônia em processo de formalização.

Até então, os resultados apresentados apontam para a aplicabilidade da pesquisa realizada desde novembro de 2009, com o propósito de contribuir no fortalecimento da organização social e no desenvolvimento local para garantir a reprodução social dessa categoria de trabalhadores no interior da Amazônia, buscando políticas públicas compatíveis com a realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fios e das formas pelos quais traçamos a trajetória deste trabalho a partir da nossa leitura dos significados que emergiram dos discursos dos sujeitos, temos a certeza de que esta teia por hora tem sua estrutura formada. Construimos uma teia na qual sabemos que essa foi uma das imagens que poderiam ter sido formadas. Nossos fios, em alguns momentos mais fortes e contundentes e em outros numa estranha leveza contrastando aos anteriores, materializaram o que para nós foi uma trajetória de aprendizagem.

Iniciamos nossa investigação subsidiada em nossas certezas, apoiadas em teóricos, de que as diferentes formas de analisar o território de pesca, seja em qualquer outro lugar, apresentam uma singularidade acerca das relações envolvendo os pescadores e o meio em que vivem e realizam suas atividades cotidianas inseridas em uma rede de significados. Essa forma de pensar o universo da pesca conduziu-nos a uma dinâmica em que nossa preocupação configurou-se em identificar os sujeitos, a cultura e os saberes, a partir tanto de seus elementos constitutivos, como representação social, trabalho e saber popular, quanto na análise de seu processo de construção. Isso implicou um estudo qualitativo de abordagem processual.

Desta forma, organizamos nosso estudo a partir de uma estrutura topológica que nos permitiu conectar os elos da teia de sentidos que configuraram o dinamismo em que esses fios foram sendo construídos e inscrevendo-se em uma intensa rede de significados. Assim, na tessitura desta pesquisa, traçamos a relação dialética dos elementos constituidores deste estudo. Tal como propunha a organização dos tópicos para compreensão do processo de construção.

Entrar no universo desses sujeitos e dialogar com suas formas de ser e fazer foram para nós adentrar num campo de polifonias, para dar sentido tanto ao modo de ser e viver no território de pesca quanto aos significados que estes sujeitos atribuem sobre si. Este movimento discursivo possibilitou-nos dizer quem são os sujeitos desse universo a partir das suas práticas cotidianas, quais são os saberes gerados a partir da condição existencial de sujeitos pescadores e quais são os efeitos desses significados, em relação entre o homem e a natureza.

A primeira questão refere-se à análise do território de pesca enquanto território simbólico a partir das práticas cotidianas dos pescadores artesanais.

Analizamos que o território é compreendido como espaço de trabalho, moradia, sobrevivência, de convivência coletiva. Desse modo, os laços que os sujeitos possuem com o território em que vivem vão muito além, estabelecendo-se nas relações intersubjetivas do cotidiano, isto é, um processo de aprendizado da memória social, das tradições culturais, dos saberes imaginários e representações produzidas e comunicadas oralmente nas práticas cotidianas sociais.

Tais relações demarcam traços de identidades específicas no território como pescadores e do próprio processo de exclusão e falta de reconhecimento dessa categoria a que é submetida à população da Comunidade Segredinho na Região Amazônica, como analisa Oliveira:

[...] a região amazônica não pode ser vista, e muito menos analisada de forma homogênea, pois isso seria desconsiderar a sua cultura, o seu modo de vida, a complexidade e a unicidade das relações que esses sujeitos estabelecem em suas práticas sociais cotidianas, ou seja, seria um grande erro interpretativo, que não responderia aos verdadeiros anseios amazônicos (OLIVEIRA, 2004, p. 28).

O território de pesca nesse contexto, analisado como território simbólico . o Lago Segredo, no município de Capanema-PA, para os pescadores, tem um significado que não se reduz à dimensão econômica, mas encerra a própria vida desses grupos sociais enquanto sujeitos da história. Portanto, pode-se dizer que os sentimentos de pertencimento pela apropriação do território estão em relação direta com as necessidades de manutenção de sua territorialidade, colocando a posse desse recorte espacial (o território) como fundamental para assegurar a reprodução social dos pescadores locais.

Existe neste território uma relação homem/natureza ligada a um contato diário e íntimo com o meio em que vivem e (re)produzem, marcado pelo conhecimento enriquecido à base da observação e dos ensinamentos das gerações mais experientes, que proporciona aos pescadores a compreensão e a apreensão do meio que os rodeia. Para Moraes (2007), o mundo material e as construções imaginárias, ao mesmo tempo em que impulsionam a criação e a recriação de saberes, são também resultados da cultura por nós produzida, pois são inúmeras as práticas e os saberes que evidenciam as relações entre cultura e natureza.

Partindo disso, as práticas cotidianas dos pescadores artesanais do Lago Segredo fazem desse território de pesca um território simbólico, através das suas

trocas simbólicas de saberes e fazeres que dão sentido às coisas do mundo da pesca através do imaginário, do símbolo, da participação, da interação no cotidiano mediante seus usos e múltiplos usos desse território.

Além disso, existe uma relação mitológica muito forte nesse território que se observa até hoje nas práticas cotidianas dos moradores locais, relação que envolve o mito, e aceitar essa relação mítica como critério de validação e explicação para fenômenos pertencentes ao universo da pesca é reconhecer a complexidade e a multireferencialidade que configuram uma maneira de compreender a vida na pesca (MORAES, 2007).

Quanto à segunda questão que trata da importância dos saberes da pesca, identidades e tradições do Lago Segredo, podemos ponderar que o processo histórico de construção do saber envolve suas identidades e tradições, que são apresentadas por laços singulares, desenhados pelos seus hábitos identitários, culturais, políticos e ambientais nas comunidades amazônidas.

Na Comunidade Segredinho, os saberes da pesca são ofícios herdados dos seus antepassados. Os indígenas, esse fazer pesqueiro faz parte do cotidiano dos pescadores partindo de um campo simbólico que se fortalece na relação com o outro na transmissão desse saberes, atitudes e valores de suas tradições historicamente construídas com suas práticas de manifestações populares sobre esse território.

Esse fazer pesqueiro envolve os conhecimentos sobre o território de pesca, os tipos de pesca, o tempo de melhor pescaria, os tipos de peixes, assim como a construção e a utilização dos instrumentos para a captura dos peixes. Assim, não é necessário conhecer na prática como se processa a pesca para que o pescador faça hipóteses, inferências, pois o conhecimento acumulado e estocado na memória permite compreender a pesca como uma relação que envolve o homem e a natureza (LÉVI-STRAUSS, 1976).

Para os pescadores artesanais, o Lago Segredo é um espaço de construção de saberes, cultivo do seu trabalho, vivência e convivência, além da sua reprodução social. Esse sentimento revela a representação social desse território de pesca para os pescadores locais, quando o consideram como patrimônio natural, meio de sobrevivência e ~~pa~~ da comunidade, representados simbolicamente através dos seus relatos. Dessa forma, é relevante a importância do lago para os mesmos, assim como a conservação deste para sua reprodução social.

Na terceira questão, partimos para a territorialidade dos pescadores artesanais do Lago Segredo. Nessa dimensão, podemos perceber a relação que envolve a conquista do território dos sujeitos da pesca, que criaram entre os seus desejos e suas relações no universo de sua territorialidade cultural a resistência para garantir sua identidade de ser pescador, criando em espaço (território) e tempo (histórias de vidas) maneiras diferenciadas e similares de construir seus modos de vidas bem mais significativos do que podemos imaginar. Assim, a cada dia reinventam as formas de ser e de viver no território de pesca, sem perder sua relação com a natureza.

Nesse sentido, os pescadores artesanais são sujeitos de desejos de pertencimento, o que possibilita a permanência de sua identidade de pescador no território de pesca, pois entende-se que no cenário amazônico são comuns esses sentimentos de forte ligação pelo território em que vivem ligados à materialidade, às sensações e às representações construídas historicamente (RAFFESTIN, 1993).

Dessa forma, a territorialidade dos pescadores do Lago Segredo possui características intrínsecas, as quais desvendam uma forma peculiar de viver sua cultura, definindo seu território de atuação e fazendo uso deste. Assim, as relações dos pescadores com espaço são atribuídas de valores culturais, valores simbólicos e sociais que devem ser considerados e reconhecidos.

Em relação à última questão, que trata da organização social, esta refere-se à forma pela qual os pescadores estão organizados para conquistar seus direitos. Nesse sentido, os pescadores artesanais do Lago Segredo estão se fortalecendo através da coletividade e da organização da categoria mediante as experiências em âmbito formal e informal, com a associação dos agricultores locais, que aponta para a formalização da representação da categoria, por meio da organização social para a criação de uma colônia local.

A respeito da criação da colônia, é um processo fomentado de muitos encontros da coletividade e discussões dos benefícios e garantias para o ordenamento pesqueiro local. Essa necessidade se justifica na solução de problemas que tanto afligem a população local com a escassez dos recursos naturais, que são responsáveis pela sua reprodução social. Como sabemos, existem muitas dificuldades onde esses movimentos sociais esbarram, com questões diferenciadas em busca do seu espaço e da visibilidade frente à sociedade geral.

Assim, reconhecer legalmente a existência do pescador artesanal, ou qualquer outra denominação que aponte para pequenos produtores pesqueiros, a exemplo dos pescadores do Lago Segredo, pode apresentar um primeiro passo para o estabelecimento das condições para o encaminhamento e resolução das demandas com base na realidade local.

Estas foram as questões abordadas nesta pesquisa. Tivemos o objetivo de buscar caminhos para fomentar mais ainda o reconhecimento e a valorização desses territórios no panorama amazônico, sem a perda de suas identidades culturais e sem a exclusão do cenário do qual fazem parte.

Neste momento de nossa análise, observamos atentamente os fios que teceram as discussões e a elaboração desta pesquisa, ancorada nos discursos analisados desses sujeitos pescadores, que nos levaram a inferir que o Lago Segredo, local de (re)produção, se configura para eles como a garantia de pertencimento nessa sociedade. Diante dessa imagem que construímos da representação social, dos saberes construídos, das identidades e tradições, das territorialidades e da organização social da categoria em busca do reconhecimento legal como pescadores, ancoramos no significado de que sem esse fragmento de pesca na Comunidade Segredinho não tem sentido a existência dos seus modos de vida, da própria identidade de sujeitos da pesca.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição; PEREIRA, Wani Fernandes. **Lagoa do Piató: fragmentos de uma história**. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN . Editora da UFNR, 2006.

\_\_\_\_\_. **Complexidade e cosmologias da tradição**. Belém: EDUEPA, 2001.

ALMEIDA, Alfredo B. Wagner. **Carajás: a guerra dos mapas**. Belém: Falângola Editora, 1994.

ASSIS, D. J. C. **Empreendedorismos: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BALANDIER, Georges. **1920 É a desordem: elogios do movimento**. Tradução de Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BEGOSSI, A. Mapping sopts: áreas, pontos de pesca, pesqueiros e territórios na pesca artesanal. In: BEGOSSI, A. (org.). **Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRANDÃO, Carlos A. **Território & desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. Campinas: UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. **A educação como cultura**, Campinas, São Paulo; Mercado das Letras, 2002.

BRASIL. **Constituição Federal**, 1988.

\_\_\_\_\_. Instrução normativa n. 43, de 18 de outubro de 2005. Estabelece normas para o período de defeso na bacia hidrográfica do rio Amazonas e nos rios da ilha do Marajó.

\_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1994.

Brasil y Colombia en los recursos pesqueros. In: XIMENES, T. (org.). **Políticas pesqueiras nos países amazônicos**. Belém: UNAMAZ/NAEA/UFPA, 1996.



BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

BUFFA, E. **Educação e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2003.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Jangada**: uma pesquisa etnográfica. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura: Departamento de Imprensa Nacional, 1957.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CARDOSO, E. Schiavone. **Da apropriação da natureza à construção de territórios pesqueiros**. GEOUSP . Espaço e Tempo, São Paulo, nº 14, 2003.

\_\_\_\_\_. Geografia e pesca: aportes para um modelo de gestão. **Revista do Departamento de Geografia**, nº 11, 79-88, 2001.

CHABENAT, G. Pescadores caboclos: antropologia fluvial do rio Rhône ao rio Amazonas. In: FURTADO, L. G.; QUARESMA, H. D. B. **Gente e ambiente no mundo da pesca artesanal**. Belém: MPEG, 2002.

CLAVA L, P. **A geografia cultural**. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

CUNHA, L. H. Saberes patrimoniais pesqueiros. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**: diálogo de saberes e percepção ambiental, Curitiba, UFPR, 2003.

DIEGUES, A. Carlos. **Ilhas e Mares simbolismo e imaginário**. São Paulo, Editora Huciter, 1998.

\_\_\_\_\_. O movimento social dos pescadores artesanais brasileiros. In: **Povos e mares**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2005.

\_\_\_\_\_. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NUPAUB, Universidade de São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. Repensando e recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais. In: VIEIRA, P. F.; WEBER, J. (orgs.). **Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 1996.

FURTADO, L. G. **Pescadores do rio Amazonas**: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém: MPEG, 1993a.

\_\_\_\_\_. Reservas pesqueiras, uma alternativa de subsistência e de preservação ambiental: reflexões a partir de uma proposta de pescadores do médio Amazonas. In: GONÇALVES, L.G.; LEITÃO, W.; MELLO, A. F. (eds.). **Povos das águas**: realidades e perspectivas na Amazônia. Belém: MCT/CNPq/MPEG, 1993b.

\_\_\_\_\_. **Pescadores do Amazonas**. Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Tese de Doutorado, 905, 1988.

\_\_\_\_\_. **Curralistas e Redeiros de Marudá**: pescadores do litoral do Pará. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987.

GEISTOERFER, A. **Antropologie maritime**: appropriation technique, sociale et symbolique des ressources maritimes, Paris, CNRS, 1989.

GODELIER, M. **L'ideel et le materiel**. Paris, Fayard, 1984 in DIEGUES, A.C.S. **Povos e mares**: leituras em sócio-antropologia marítima, São Paulo, NUPAB-USP, 1995.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Meio ambiente, ciência e poder: diálogo de diferentes matrizes de racionalidade. In: SORRENTINO, Marcos (org.). **Ambientalismo e participação na contemporaneidade**. São Paulo: EDUC, 2001.

GUEDES, Enéias. **Território e territorialidade de pescadores na localidade Céu e Cajuúna Soure-PA**. 2009. Dissertação (Mestrado) . Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2009.

GUERRA, A. T. **Dicionário Geológico-Geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF/Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios+ à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

ISAC, V. J.; ROCHA, V. L.; MOTA, S. Considerações sobre a legislação da Piracema e outras restrições da pesca da região do médio Amazonas. In: FURTADO, L. G.; LEITÃO, Wilma (org.). **Povos das águas**: realidade e perspectivas na Amazônia. Belém: MPEG, 1993.

JODELET, Denise. **As representações sociais**. Tradução de Lílian Ulup. Rio de Janeiro: Verj, 2001.

\_\_\_\_\_. (org.). **Aids e representações sociais**. Natal: EDUFRN, 1998.

\_\_\_\_\_. La representación social: Fenômenos, concepto e teoría. In: MOSCOVICI, S. (org.). **Psicologia social**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1984.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LEFF, Enrique. **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido** (Mitológicas v. 1). São Paulo: Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. **Mito e significado**. Tradução de Antonio Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1987.

\_\_\_\_\_. **O olhar distanciado**. Tradução de Carmem de Carvalho. Lisboa: Edições 70, 1986.

\_\_\_\_\_. **Antropologia estrutural**. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LEVIN (1987) In SILVA, Clêania. **Contrutivismo: representações e práticas do professor**. Teresina: EDUFPI, 2004.

LOUREIRO, Violeta Refkalefskes. **Estado, bandidos e heróis**: utopia luta na Amazônia/Violeta Refklefskes Loureiro. 2. ed. Belém: Cejup, 2001 (Coleção Amazônia, v. 5).

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: CEJUP, 1995. RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

LUCENA, Isabel Cristina R. **Carpinteiros navais de Abaetetuba**: etnomatemática navega pelos rios da Amazônia. 2002. Dissertação (Mestrado em educação) . Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.

MALDONADO, S. C. **Mestre & mares**: espaço e indivisão na pesca marítima. São Paulo: ANNABLUME, 1993.

MANESCHY, Maria C. **Ajuruteua**: uma comunidade pesqueira ameaçada. Belém: UFPA, 1995a.

\_\_\_\_\_. Pescadores nos manguezais: estratégias técnicas e relações sociais de produção na captura do caranguejo. In: FURTADO, L.; LEITÃO, V.; MELLO, A. F. **Povos das águas**: realidade e perspectivas na Amazônia. Belém: MPEG, 1993.

\_\_\_\_\_. Pesquisa social e desenvolvimento do setor pesqueiro artesanal no Pará: as reflexões a partir de uma experiência de campo. In: **Encontro de ciências sociais e do mar do Brasil**. (4: 1990 São Paulo) Populações Humanas, rios e marés da Amazônia: Coletânea de trabalhos apresentados (Org. Antonio Carlos Diegues). São Paulo: PPCAUB-USP, 1991.

MARQUES, José. G. W. **Pescando Pescadores**: Etnoecologia Abrangente no Baixo São Francisco Alagoano. São Paulo/ Maceio, NUPAUB-USP.

MCGRATH, D. G; CÂMARA, E. P. L. **A viabilidade da Reserva de Lago como unidade de manejo sustentável dos recursos da várzea**. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém: MPEG, 1995.

MCGRATH, D. G. Manejo comunitário dos lagos de várzea do Baixo Amazonas. In: GONÇALVES, L. G.; LEITÃO, W.; MELLO, A. F. (edits.). **Povos das águas**: realidades e perspectivas na Amazônia. Belém: MCT/CNPq/MPEG, 1993.

MINAYO. Maria C. S (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria e método e criatividade. Ed.Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORAES, S. C. de. **Uma arqueologia dos saberes da pesca:** Amazônia e Nordeste/Belém: EDUFPA, 2007.

\_\_\_\_\_. **De homens e peixes:** a metamorfose da vida na água. 2002. Dissertação (mestrado em Educação) . Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

MORAES, Antonio C. R. **Território e Orientação.** São Paulo, Instituto de Geografia . USP, 1984.

MOREIRA, E, S; ROCHA, Rossilan M. **Pesca estuarina:** uma contribuição ao estudo da organização social da pesca no Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém: MPEG, 1995.

MORIN, Edgar. **O método 3:** o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulinas, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Método IV** . As idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização (Tradução de Emílio Campos Lima). Portugal: Europa . América, 1991.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Quareschi. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 1978.

NERY, A. C. Traços da tecnologia pesqueira de uma área de pesca tradicional na Amazônia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.** Belém: MPEG, 1995.

NOGUEIRA, Cristiane Silva. **Território de pesca no estuário Marajoara:** comunidades quilombolas, águas de trabalho e conflitos no município de Salvaterra. 2004.

\_\_\_\_\_. **Território de pesca no estuário marajoara:** comunidades negras rurais e conflito no município de Salvaterra (Pará). 2005. Dissertação (mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) . Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (org.). **Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sobre as práticas sociais cotidianas de alfabetizados amazônidas.** Belém CCSE . UEPA, 2004.

OLIVEIRA, Livia de. Ainda sobre percepção, cognição e representação geográfica. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (org.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea.** Curitiba: UFPR, 2004.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, C. J. O. **A importância das organizações sociais.** CienteFico. Ano II: Salvador, 2002.

SACHS, Ignacy. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURZTIN, Marcel (org.). **Para pensar o desenvolvimento sustentável.** Brasília: Brasiliense, 1993.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento sustentável.** Brasília, IBAMA, 1995.

SANTOS, H. A. **Direito pesqueiro:** Decreto-lei n. 221/67. Belém: IOEPA, 1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado.** 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção do espaço:** diálogos em torno da construção de uma categoria. São Paulo: UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Revista Território,** São Paulo, n. 9, Garamond, 1999.

SANTOS, José V. A construção da viagem inversa. In: **Cadernos de sociologia,** nº 3, Porto Alegre: UFRGS, 1991.

SILVA, A. L.; BEGOSSI, A. Uso dos recursos por ribeirinhos no médio rio Negro. In: BEGOSSI, A. (org). **Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: HUCITEC, 2004.

SILVA, Christian Nunes da; ALBUQUERQUE, Antônio Marcos. Organização social: demografia, família, associativismo e participação política. In: SIMONIAN, Ligia T. L. (org.). **Gestão em ilha de muitos recursos, história e habitantes**: experiências na Trambioca (Barcarena, PA). Belém: NAEA/UFPA, 2004.

\_\_\_\_\_. **Modo de vida e processo de organização social em comunidades ribeirinhas da Amazônia brasileira**: estudo de caso. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13. 2002, João Pessoa, Paraíba. *Anais...* João Pessoa: AGB/UEPB, 2002.

SILVA, Christian Nunes da. **Territorialidade e modo de vida de pescadores do Rio Ituguara**, Breves-PA . Belém: PPGeo/UFPA, 2006.

SOUZA, M. R. de; BARRELLA, Walter. Conhecimento popular sobre peixes numa comunidade caiçara da Estação Ecológica de Jureia-Itatins/SP. In: **Boletim do Instituto de Pesca**. São Paulo, 2001.

TAVARES, Terezinha. S. **Conhecimentos populares, os valores e os mitos pautados pela tradição e pela cultura**, especificamente na comunidade de Segredinho Capanema . Pará, 2007 (Trabalho de conclusão do Curso de Graduação, UFPA/Campus Bragança, 2007).

XIMENES, T. **Políticas pesqueiras nos países Amazônicos** (org.). Belém: Associação de Universidades Amazônicas, Universidade Federal do Pará. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 1996 (Série Cooperação Amazônica, 17).

## APÊNDICES



## Apêndice A Ë Cronograma de Trabalho/Atividades

<b>ATIVIDADES</b>	<b>2° Sem. 2009</b>	<b>1° Sem. 2010</b>	<b>2° Sem. 2010</b>	<b>1° Sem. 2011</b>
Estudos Bibliográficos	X	X	X	
Visitas para mapeamento da Comunidade/ Território de Pesca	X	X		
Pesquisa de Campo	X	X	X	
Reunião para discussão/ Esclarecimento do Projeto	X			
Análise, sistematização dos dados sobre o Território de Pesca		X	X	
Entrevistas com os pescadores da Comunidade		X	X	
Análise dos dados		X	X	
Organização e sistematização das informações		X	X	
Qualificação da Dissertação			X	
Reconstrução da Análise a partir da qualificação			X	
Elaboração de artigos científicos		X	X	X
Defesa da Dissertação				X

## Apêndice D - Registro em fotos da pesquisa



Caminhos da Comunidade Segredinho



Caminhos do Lago Segredo



Cultura dos pescadores do Lago Segredo/ Procissão de São Pedro 29 de Junho



Em diálogo com os pescadores locais no caminho para o Lago Segredo



Reunião com os pescadores locais



Entrevistas na residência do pescador

## Apêndice C - Questionário aplicado aos Pescadores



### QUESTIONÁRIO SÓCIO-ECONÔMICO

Nº

Município: CAPANEMA

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Comunidade: \_\_\_\_\_ Entrevistador: \_\_\_\_\_

Nº da Pessoa entrevistada

#### 1 - Informações do Morador

1.1 Nome: \_\_\_\_\_

1.2 Nome da localidade: \_\_\_\_\_

1.3 Rua/Avenida/Estrada: \_\_\_\_\_

1.4 Número: \_\_\_\_\_

1.5 Tem telefone celular? (1) Sim (2) não

1.6 Quantidade de telefone celular na família

1.7 Tipo de pesca: (1) profissional (2) artesanal

1.8 Idade (anos):

1.9 Naturalidade: \_\_\_\_\_

1.10 Nacionalidade: (1) brasileira (2) estrangeira

1.11 Estado civil: (1) casado (2) solteiro (3) divorciado (4) viúvo (5) amasiado

1.12 Escolaridade: (1) Não sabe ler (2) Ensino primário incompleto

(3) Ensino primário completo (4) Ensino fundamental incompleto

(5) Ensino fundamental completo (6) Ensino superior incompleto

(7) Ensino superior completo (8) Outros: \_\_\_\_\_

#### 2 - Identificação dos Membros da Família

##### Esposa(o)

2.1 Nome: \_\_\_\_\_

2.2 Idade (anos):

2.3 Naturalidade: \_\_\_\_\_

2.4 Nacionalidade: (1) brasileira (2) estrangeira



- 2.5 Escolaridade: (1) Não sabe ler (2) Ensino primário incompleto  
 (3) Ensino primário completo (4) Ensino fundamental incompleto  
 (5) Ensino fundamental completo (6) Ensino superior incompleto  
 (7) Ensino superior completo (8) Outros: \_\_\_\_\_

2.6 Profissão da(o) esposa(o): \_\_\_\_\_

**Demais Membros da Família: (exceto os já acima computados)**

2.7  Masculino  Feminino  Total

2.8 Quantidade da idade MASCULINA:  
 0 a 6 anos  7 a 14  15 a 17  18 a 60  > 60

2.9 Quantidade da idade FEMININA:  
 0 a 6 anos  7 a 14  15 a 17  18 a 60  > 60

2.10 Quantidade - Alfabetização:  
 Não sabe ler  Sabe ler e escrever

2.11 Escolaridade:

1 a 4 Série  5 a 9 Série  Ensino Médio  Superior

**3 – Informações Gerais da Família:**

3.2 Procedência da família (cidade e estado): \_\_\_\_\_

3.3 (anos) - Tempo de residência no município.

3.4 A família come carne (bovina ou de aves): (1) todo dia  
 (2) mais ou menos três vezes por semana (3) mais ou menos uma vez por semana (4) mais ou menos  
 duas vezes por mês (5) raramente (6) não come carne

3.5 A família come carne de peixe: (1) todo dia (2) mais ou menos três vezes por semana (3) mais ou  
 menos uma vez por semana (4) mais ou menos duas vezes por mês (5) raramente (6) não come peixe

**4 – Informações Sobre Produção**

4.1 Qual a atividade principal da família

(1) Pesca (2) Agricultura

(3) Outros \_\_\_\_\_

4.2 Quantos pescam na família

Masculino  Feminino  Total

4.3 Quantidade da idade MASCULINA:

7 a 14  15 a 17  18 a 60  > 60

4.4 Quantidade da idade FEMININA:

7 a 14  15 a 17  18 a 60  > 60

4.5 Quantidade de peixes em média capturado por mês (em kg)

Na safra  Na entressafra

4.6 Como é comercializado o peixe?

---



---

### 5 – Renda Familiar

5.1 Qual a renda familiar ?

(1) Menos que um salário (2) Um salário (3) 1 a 2 Salários (4) 2 a 5 salários  
(6) Mais que 5 salários

5.2 Recebe alguma renda do governo ? (1) sim (2) não

Qual ? \_\_\_\_\_

### 6 – Associativismo

6.1 Participa de alguma associação: (1) sim (2) não

6.2 Que tipo?

(1) Colônia de pesca (2) Associação (3) Sindicato de trabalhadores (4) Comunidade  
(5) Outros.

### 7 – Saúde e condições da família

7.1 Existem doenças na família?: (1) sim (2) não

7.2 Quais os tipos: (1) Malária (2) Hanseníase (3) Dengue (4) Hepatite

(5) Leishmaniose (6) Tuberculose (7) pressão baixa (8) pressão alta (9) diábetes

(10) hepatite (11) diarreia (12) paraplegia/tetraplegia

(13) Outras doenças: \_\_\_\_\_

7.3 Houve mortalidade infantil (até 6 anos de idade)? (1) sim (2) não

7.4 A família faz exames de saúde: (1) Regularmente (2) De vez em quando  
(3) Não faz

7.5 Usa remédios caseiros? (1) Somente (2) Nunca (3) às vezes

7.6 Usa remédios de farmácia? (1) Somente (2) Nunca (3) às vezes

### 8 – CARACTERÍSTICA da MORADIA e SANEAMENTO

8.1 Este domicílio é ?

(1) Próprio (2) Alugado (3) Cedido (4) Ocupação  
(5) Outros \_\_\_\_\_

8.2 Qual o tipo de construção da sua residência?

(1) Alvenaria (2) Madeira (3) Taipa revestida (4) Taipa não revestida

8.3 O esgoto do banheiro ou sanitário é lançado (jogado) em:

(1) Rede esgoto geral (2) Fossa séptica (3) Fossa rudimentar (4) Vala (5) Rio, Lago ou Mar

8.4 O lixo deste domicílio é?

(1) Coletado (2) Queimado (Na propriedade) (3) Enterrado (Na propriedade) (4) Jogado em terreno baldio ou logradouro (5) Jogado em rio, lago ou mar

(6) Outro \_\_\_\_\_

8.5 Qual a fonte de água potável da casa?

(1) Rio (2) Poço de alvenaria (3) Nascente protegida (4) Poço descoberto (5) Cacimba (6) Poço tubular fundo (7) Poço artesiano ou semi-artesiano particular (8) Poço artesiano ou semi-artesiano de uso coletivo

8.6 A água para consumo é (1) Filtrada (2) Fervida (3) In natura (4) Água tratada

8.7 Possui água encanada: (1) sim (2) não

8.8 Meio de transporte mais utilizado para locomoção (1) Bicicleta (2) Ônibus

(3) Moto (4) Carro próprio ou da família (5) Barco ou canoa (6) Outro \_\_\_\_\_

### 9 – Equipamento Eletrônico

9.1 Rádio (1) sim (2) não Quantos \_\_\_\_\_

9.2 TV (1) sim (2) não Quantos \_\_\_\_\_

9.3 Geladeira (1) sim (2) não Quantos \_\_\_\_\_

9.4 Máquina de lavar roupa (**Não considerar tanquinho**): (1) sim (2) não

Quantos \_\_\_\_\_

9.5 Videocassete e/ou DVD: (1) sim (2) não

Quantos \_\_\_\_\_

9.6 Microcomputador: (1) sim (2) não

Quantos \_\_\_\_\_

## Apêndice D - Frequência das Reuniões com pescadores

Reunião Seguido dia 13/11/2010.

- 1- Albertina Bisboá Torres
- 2- Teresa Bisboá da Silva
- 3- Francisca do Rosário Torres
- 4- Izabela Bisboá dos Reis
- 5- Guiomar Barata Sebastiana
- 6- Neuza dos Santos Tavares
- 7- Luzia Tavares de Sousa
- 8- Elvino Tavares dos Santos
- 9- M<sup>te</sup> Sebastiana do Nascimento Panier
- 10- ~~Deza~~ Maria de Nazare Torres da Silva
- Deza da Silva Ferreira
- 12- Edvaldo dos Reis Costa
- 13- Raimundo do Rosário Costa
- 14- Sebastião Avelar Pereira
- 15- Manoel dos Reis
- 16- António Echeu Costa dos Reis
- 17- Fábio Junior Silva Santos
- 18- Adalberto do Rosário Reis
- 19- Elson Martins
- 20- Rita dos Sto Tavares.
- 21- Luis Carlos M Franca
- 22- Edmarcos dos Santos Tavares
- 23- Francisco Sarias dos Reis
- 24- Sebastião da Luz Silva
- 25- Raimunda dos Santos Tavares.